



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

MESTRADO EM ENSINO

**AS POTENCIALIDADES DOS APLICATIVOS *WHATSAPP* E *IMO*
PARA A COMUNICAÇÃO DE GRUPO DE SURDOS EM ESPAÇOS
INFORMAIS DE APRENDIZAGENS**

Kelli Cristina Freitas Trindade Boldrini

Lajeado, setembro de 2017

Kelli Cristina Freitas Trindade Boldrini

**AS POTENCIALIDADES DOS APLICATIVOS *WHATSAPP* E *IMO*
PARA A COMUNICAÇÃO DE GRUPO DE SURDOS EM ESPAÇOS
INFORMAIS DE APRENDIZAGENS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Recursos, Tecnologias e Ferramentas no ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Giongo

Coorientadora: Profa. Dra. Morgana Domenica Hattge

Lajeado, setembro de 2017

Kelli Cristina Freitas Trindade Boldrini

**AS POTENCIALIDADES DOS APLICATIVOS *WHATSAPP* E *IMO*
PARA A COMUNICAÇÃO DE GRUPO DE SURDOS EM ESPAÇOS
INFORMAIS DE APRENDIZAGENS**

A Banca Examinadora abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino na linha de pesquisa Ciência, Sociedade E Ensino.

Profa. Dra. Ieda Maria Giongo – Orientadora
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Profa. Dra. Morgana Domenica Hattge – Coorientadora
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Profa. Dra. Miriam Ines Marchi
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Profa. Dra. Silvana Neumann Martins
Universidade do Vale do Taquari – Univates

Prof. Dra. Darlinda Maria Pacheco Moreira
Universidade Aberta de Portugal

Lajeado, 27 de setembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, sempre, por tudo que tens me permitido viver, inclusive a conclusão dessa caminhada.

Agradeço também a todos os, professores, direção e administração que oportunizaram momentos de crescimento pessoal e acadêmico ao longo do curso.

A minha querida Orientadora e professora Dra. Ieda Maria Giongo, pela orientação, sempre me direcionando com suas pontuações pertinentes ao longo do caminho, e a professora e também a co-orientadora Dra. Morgana Domenica Hattge, pelas contribuições e incentivos durante minha escrita, as duas que tornaram, dessa forma, possível a conclusão desta dissertação. Meu muito obrigada.

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais, Sandra Maria Freitas Trindade e Jair Santos Trindade, quanto amor sinto por vocês; aos meus irmãos Jair S. Trindade Junior e Jaissara de F. Trindade - aos meus dois sobrinhos Maria Luiza e Gabriel, obrigada por mesmo de longe se fazerem presentes na minha vida, e rezarem a Deus pelas minhas conquistas.

Ao meu marido Fernando Boldrini, grande incentivador de todo esse processo, que sonhou comigo, sonhou por mim, obrigada por tudo; ao meu amado e precioso filho Benicio Trindade Boldrini, o qual sou imensamente grata a Deus, pela sua vida. A Você filho amado, obrigada por deixar esse período mais leve, com seu amor, sorrisos e abraços.

Aos meus colegas de turma, pelas experiências trocadas e momentos vividos ao longo da nossa jornada, certa de que as nossas lembranças ficarão guardadas.

Por fim, aos surdos do grupo que participara da minha pesquisa, e aos amigos intérpretes que contribuíram durante os encontros desta investigação.

Dedico esta dissertação aos meus pais Jair Santos Trindade e Sandra Maria Freitas Trindade, que se sentem orgulhosos por eu chegar até aqui; aos meus irmãos Jaissara e Junior; e sobrinhos Maria Luiza e Gabriel; ao marido Fernando Boldrini, pelo grande incentivo recebido, e ao meu amado filho Benicio.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo geral identificar as potencialidades do uso de aplicativos do *smartphone* - *WhatsApp* e o *Imo* - para a comunicação e interação de um grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens. Tendo como referencial teórico-metodológico um conjunto de ferramentas advindas do pensamento de Michel Foucault e características da cultura surda em sua relação com as tecnologias digitais, a investigação se constituiu em uma abordagem qualitativa de inspirações etnográficas. Os sujeitos da pesquisa pertenciam a um grupo de surdos que, semanalmente, reunia-se em um espaço informal com o intuito de socializar experiências e discutir assuntos relacionados à cultura surda e à surdez. Os encontros, presenciais, totalizaram seis. Durante a semana que antecedia aos encontros, os surdos problematizavam as imagens enviadas pela pesquisadora que abordavam os temas que seriam discutidos e aprofundados. Para a produção de dados, utilizaram-se filmagens, entrevistas e observação direta e participante. A análise efetivada sobre o material de pesquisa permitiu a emergência de dois resultados, a saber: a) Os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* como ferramentas potencializadoras da interação entre surdos e ouvintes e b) Os encontros informais como potencializadores de aprendizagens e fortalecimento da cultura surda. Tais resultados apontaram que os aplicativos potencializam a comunicação dos surdos e proporcionam aprendizagens, como leitura e escrita da língua portuguesa. Os aplicativos utilizados se tornaram espaços de troca de informações e mensagens, de bate-papo e entretenimento para os surdos do referido grupo. Ademais, permitiu que se estreitassem laços e ampliassem sua interação familiar e social.

Palavras-chave: Cultura surda. Espaços informais de aprendizagens. Aplicativos *WhatsApp* e *Imo*.

ABSTRACT

The general aim of this present study was to identify the potentialities of the use of smartphone applications - WhatsApp and Imo - for the communication and interaction of a group of deaf people in informal learning spaces. The research was constituted in a qualitative approach of ethnographic inspirations having as theoretical-methodological reference a set of tools coming from the thought of Michel Foucault and of characteristics of the deaf culture in its relation with the digital technologies. The subjects of the research belonged to a group of deaf people who weekly met in an informal space with the purpose of socializing experiences and discussing issues related to deaf culture and deafness. Six personal meetings were totaled. The images sent by the researcher that addressed topics that would be discussed and deepened during the week before the meetings were questioned by the deaf. Filming, interviews and direct observation and participant were used for the production of data. The analysis carried out about the research material allowed the emergence of two results, namely: a) WhatsApp and Imo applications as potential tools for deaf and hearing interaction; and b) Informal meetings as learner enhancers and strengthening the deaf culture. These results pointed out that the applications enhance the communication of the deaf and provide learning, such as reading and writing the Portuguese language. The applications used became information and message exchange, chat and entertainment spaces for the deaf of the group. In addition, it allowed that they narrowed bonds and extended their familiar and social interaction.

Key words: Deaf culture. Informal learning spaces. WhatsApp and Imo applications.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupo Pesquisa Mestrado.....	57
Figura 2 – Setembro Azul.....	59
Figura 3 – Implante coclear	61
Figura 4 – Aparelho auditivo.....	61
Figura 5 – Língua Brasileira de Sinais	64
Figura 6 – Educação Bilingue	66
Figura 7 – Símbolo do aplicativo WhatsApp	69
Figura 8 – Símbolo do Aplicativo Imo	69
Figura 9 – Enunciações surdas	79
Figura 10 – Enunciações surdas	79
Figura 11 – Enunciações surdas	80
Figura 12 – Enunciações surdas	82
Figura 13 – Enunciações surdas	82
Figura 14 – Enunciações surdas	82
Figura 15 – Enunciações surdas	88
Figura 16 – Enunciações surdas	88
Figura 17 – Enunciações surdas	88
Figura 18 – Enunciações surdas	88
Figura 19 – Enunciações surdas	88
Figura 20 – Enunciações surdas	88
Figura 21 – Enunciações surdas	92
Figura 22 – Enunciações surdas	94
Figura 23 – Enunciações surdas	94
Figura 24 – Enunciações surdas	94
Figura 25 – Enunciações surdas	94
Figura 26 – Enunciações surdas	94
Figura 27 – Enunciações surdas	95
Figura 28 – Enunciações surdas	95
Figura 29 – Enunciações surdas	96
Figura 30 – Enunciações surdas	96
Figura 31 – Enunciações surdas	98
Figura 32 – Enunciações surdas	98
Figura 33 – Enunciações surdas	100
Figura 34 – Enunciações surdas	102

Figura 35 – Enunciações surdas	103
Figura 36 – Enunciações surdas	103
Figura 37 – Enunciações surdas	103
Figura 38 – Enunciações surdas	103
Figura 39 – Enunciações surdas	103
Figura 40 – Enunciações surdas	108
Figura 41 – Enunciações surdas	108
Figura 42 – Enunciações surdas	108
Figura 43 – Enunciações surdas	109
Figura 44 – Enunciações surdas	109
Figura 45 – Enunciações surdas	108
Figura 46 – Enunciações surdas	108
Figura 47 - Enunciações surdas	108
Figura 48 - Enunciações surdas.....	109
Figura 49 – Enunciações surdas	109
Figura 50 – Enunciações surdas	109

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DO QUE TRATA A TEMÁTICA	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO: ESTUDOS SOBRE SURDOS E O USO DO SMARTPHONE.....	22
2.1 Cultura surda e a Língua Brasileira de Sinais.....	22
2.2 Espaços não formais de aprendizagem.....	28
2.3 As contribuições acerca dos encontros em espaços informais e da tecnologia digital como meio de interação e informação para o sujeito surdo	31
2.4 O surdo e a tecnologia digital	34
2.5 Breve história: da invenção do telefone ao celular	37
2.6 O <i>smartphone</i> e a utilização dos aplicativos <i>WhatsApp</i> e <i>Imo</i>	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
3.1 Descrição do campo de investigação e dos sujeitos da pesquisa.....	42
3.2 Caracterização da pesquisa	46
3.3 Inspirações Foucaultianas.....	50
3.4 Detalhamento das Atividades	53
3.4.1 Primeiro Encontro	53
3.4.2 Segundo encontro	58
3.4.3 Terceiro Encontro.....	60
3.4.4 Quarto encontro.....	62
3.4.5 Quinto Encontro	65
3.4.6 Sexto Encontro	67
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	72
4.1 Os encontros informais como potencializadores de aprendizagens e fortalecimento da cultura surda.....	72
4.2 Os aplicativos <i>WhatsApp</i> e <i>Imo</i> como ferramentas potencializadoras da interação entre surdos e ouvintes	84
5 REFLEXÕES	111
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	121

1 INTRODUÇÃO: DO QUE TRATA A TEMÁTICA

A presente pesquisa surgiu como consequência da minha vivência com um grupo de surdos em espaços informais na cidade de Barra do Garças – MT, onde moro. As reuniões começaram a partir da necessidade de integrar os surdos da região e apresentar a eles a cultura surda, uma vez que muitos viviam isolados, ou se esforçando para viver dentro da cultura ouvinte. Alguns não conheciam a língua de sinais; outros conheciam pouco, mas não tinham com quem exercitar.

Durante os encontros, conversamos e debatemos assuntos do cotidiano. Também trabalhamos a arte por meio de projetos como coral e teatro. O grupo tem em média, 15 surdos com idade entre 12 e 35 anos. Os encontros foram realizados semanalmente em minha residência. Às vezes somos convidados a ir à casa de algum surdo, ou a um evento, e, para otimizar o tempo, fazemos a reunião no local de encontro.

Embora a maioria dos surdos do grupo seja considerada alfabetizada, muitos apresentam dificuldade com a leitura e escrita do português. Essa dificuldade me fez refletir sobre como acontece a comunicação desses surdos por meio das tecnologias digitais. Com base nessa experiência, surgiu o desejo de investigar como esse grupo de surdos utiliza o *smartphone* e, em especial, os aplicativos *WhatsApp* e *Imo*, em espaços informais.

Nos encontros semanais de que participo, percebo o quanto as tecnologias digitais estão presentes na rotina desse grupo de surdos. Durante as reuniões, o uso do *smartphone* é comum e até necessário, já que, com o uso dele, alguns surdos costumam se comunicar avisando sobre atraso, ou que não irão à reunião, ou ainda para buscar informações sobre assuntos discutidos, entre outras demandas. Outro ponto importante que observo no grupo é o quanto as reuniões são importantes para seus relacionamentos interpessoais, para a sua autoestima, interação social e familiar.

Analisando minha trajetória acadêmica e profissional, também pude verificar o quanto me falta de experiência e conhecimento em relação aos surdos. Os avanços tecnológicos vêm mudando o comportamento da população em geral, e com os surdos, percebo não ser diferente.

Por isso, pretendo seguir investigando as potencialidades de alguns aplicativos no dia a dia deles.

Em 1998, iniciei o meu percurso na educação como estudante do Ensino Médio (antigo segundo grau), na Escola Estadual de 1º e 2º graus de Ecoporanga – ES. Nessa época não pensava em ser professora e fazia o curso profissionalizante de Técnico de Contabilidade. Como a cidade em que residia era interiorana, e não havia muitas oportunidades de trabalho na área contábil, nunca atuei na área.

A possibilidade de trabalhar na educação surgiu quando uma ex-professora de Língua Portuguesa solicitou que eu a substituísse por alguns dias, pois ela precisava ir ao Rio Janeiro para um curso de pós-graduação. Aceitei, sem imaginar que, a partir dali, jamais deixaria de ser professora, pois me identifiquei com aquele espaço e, percebendo que tinha “aptidão” para lecionar, passei a almejar atuar na educação.

Esse objetivo, de me tornar professora, e as exigências do mercado de trabalho me fizeram ingressar no ensino superior, no curso de Pedagogia, em 2003. Para seguir meus estudos, precisei mudar de cidade, já que, onde residia na época, não havia instituições de ensino superior. Durante o curso de graduação, realizei algumas pesquisas, para trabalhos de conclusão das disciplinas cursadas relacionadas à educação, na área de avaliação e gestão escolar. Diante de tantas possibilidades de trabalho, almejava seguir o caminho da gestão no contexto escolar, talvez levada pela experiência que possuía, na época, em trabalhar como gerente e supervisora comercial.

Minha concepção a respeito da educação mudou substancialmente quando, no 3º ano da faculdade de Pedagogia, conheci a pessoa que me fez refletir sobre qual era o meu real desejo no contexto educacional: uma colega nova, surda. Lembro que fiquei impressionada em vê-la sinalizando. Não que nunca tivesse ouvido falar em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, mas nunca havia tido contato direto com surdos. Durante o curso comecei a tentar me comunicar com essa colega, com a ajuda da intérprete que a acompanhava durante as aulas. Tudo nela me surpreendia, principalmente sua independência.

Conhecer a colega surda e conviver com ela me fez descobrir o que realmente queria. A educação especial, então, começou a me interessar em termos de pesquisa e docência, principalmente a educação de surdos. A partir dali, busquei mais informações sobre a área da surdez e da LIBRAS. Decidi que, assim que terminasse a faculdade, daria continuidade aos meus estudos, focando, principalmente, a língua de sinais, uma vez que, na época, a faculdade não oferecia a disciplina de LIBRAS. A Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), que atualmente ampara a obrigatoriedade dessa disciplina nos cursos de licenciatura, ainda não havia entrado em vigor.

Ela passou a vigorar a partir de 2006, garantindo a disciplina de LIBRAS na grade curricular de todos os cursos de licenciatura:

CAPÍTULO I

DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO COMPONENTE CURRICULAR

Art. 1º A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS será um componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas, do sistema federal de ensino.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, o curso normal superior, o curso de pedagogia e o curso de educação especial serão considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério (BRASIL, 2005).

Foi preciso adiar a procura por um curso na área de educação de surdos, uma vez que me formei pedagoga no final de 2006 e, em meados de 2007, me mudei para a cidade de Barra do Garças, que fica no interior do Mato Grosso, acompanhando meu marido que havia sido aprovado num concurso público. Logo descobri que a cidade não oferecia cursos de LIBRAS, ou voltados para a educação de surdos. Porém, minha falta de perspectiva logo mudou. Por meio de uma amiga que também almejava trabalhar com surdos, obtive a informação de que em Goiânia – GO havia uma especialização em LIBRAS.

O anseio e o interesse foram maiores que a distância. Viajava quinzenalmente, perfazendo um total de 820 km, para realizar o curso. Posso afirmar que estudava com muita vontade e aproveitava cada minuto das aulas. Em um ano e meio nunca faltei um fim de semana sequer e, quando finalizei a especialização, estava sedenta para atuar no mercado de trabalho, na área da surdez.

Durante esse período de estudos, surgiu a oportunidade de lecionar nas Séries Iniciais no Estado do Mato Grosso. Essa foi minha primeira experiência como professora. Foi incrível e apaixonante, mas também cansativo e desgastante, já que, a meu ver, o ato de alfabetizar requer habilidades diferenciadas, como criatividade e afetividade, que são pontos importantes nessa etapa de escolarização.

Lecionei como alfabetizadora por alguns anos, e novas oportunidades surgiram na minha carreira profissional. Após realizar alguns cursos na área da educação especial, assumi a única turma especial da escola onde lecionava. Devido à especialização em Formação de Professores Bilíngue - LIBRAS, também fui convidada a lecionar a disciplina de LIBRAS no curso de Pedagogia de uma faculdade particular da região onde residia.

Trabalhando com educação especial e lecionando na Graduação, senti novamente a necessidade de me aperfeiçoar, visto que o mercado do magistério superior é mais exigente em relação à formação dos seus docentes. Diante disso, entrar em um programa de pós-graduação,

como um mestrado, acabou sendo o próximo objetivo na minha trajetória educacional.

Entretanto, mestrado na área da Educação ou Ensino não era oferecido na região onde residia, e os programas existentes nas cidades vizinhas previam aulas duas a três vezes na semana. Sendo assim, a única possibilidade de fazer um desses programas seria mudar para outra cidade. Diante disso, adiei o projeto de mestrado e busquei qualificação em cursos de aperfeiçoamento e capacitação na área da educação especial e da surdez, além de participar de eventos, congressos e seminários.

Em 2010, me mudei para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, acompanhando meu marido que entrou em um programa de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Então, ao pesquisar sobre a educação de surdos no Rio Grande do Sul, percebi que se tratava de um Estado com uma longa caminhada nessa área.

Diante desse contexto, procurei por cursos e encontrei uma escola de surdos que também oferecia cursos de LIBRAS, e com professores surdos. Ingressei e fiz um ano de curso de LIBRAS no nível avançado. Conheci pessoas surdas e convivi com elas. Conheci a cultura surda, e então, tive certeza de que queria continuar a trabalhar na educação especial, e com foco no surdo. Ao finalizar o curso no nível avançado, percebi que perderia o contato com os surdos e com a língua de sinais. Esse convívio permite aos ouvintes um domínio mais amplo da LIBRAS que, segundo Thoma e Klein (2010), é uma vivência real da cultura surda. Como já relatado, o local onde fazia o curso era uma escola especial para surdos, então me ofereci para trabalhar como voluntária.

Pouco tempo depois de entregar o currículo, fui convidada a fazer uma entrevista na escola para trabalhar como voluntária em uma nova turma de adaptação. Essa turma era composta por crianças surdas de 3 a 5 anos que nunca haviam tido contato com escolas de surdos, ou com a cultura surda. O período de adaptação das crianças tinha por objetivo apresentar o espaço escolar para elas, para que, no ano seguinte, comessem o ano letivo na turma da educação infantil.

Recordo como se fosse hoje o primeiro dia da adaptação das crianças. Estava muito ansiosa, com frio na barriga. Não tinha muita ideia de como seria. Sozinha na sala de aula reservada, comecei a explorar o ambiente ao meu redor. Acredito que estava igual a uma criança quando entra pela primeira vez em uma sala de aula. Era a minha primeira vez em sala de aula de uma escola para surdos.

Lembro-me das paredes com muitos cartazes e imagens, sinais em Libras e palavras escritas em português. Talvez os sinais fossem a única diferença de uma sala de aula da educação infantil da escola regular. Em seguida chegou a professora surda e começamos a

conversar. Encontrei dificuldade na comunicação e cheguei à conclusão de que só se é fluente em uma língua, convivendo com os “nativos” dela.

Quanto a essa professora, não tenho o que dizer, ou melhor, tenho muitas coisas boas a dizer. Aprendi com ela, naquele semestre, muito mais do que aprendi nos cursos de educação especial que fiz desde a minha formação como pedagoga. Cada dia aprendia um sinal, algo novo que certamente trago comigo até hoje. Tenho certeza de que fui eu quem mais aprendeu, ou recebeu algo, naquele trabalho voluntário. Eu ia com o coração alegre, me realizando junto às crianças surdas.

Antes do período de adaptação das crianças terminar, a coordenadora me chamou. Perguntou se eu tinha interesse em trabalhar como professora para surdos, uma vez que a escola no ano seguinte precisaria de uma pessoa com meu perfil. Procurei ser o mais realista possível, e disse-lhe que, embora a vontade fosse enorme, não me sentia preparada, pois me faltava fluência na língua de sinais para lecionar para os surdos.

Reforçando o que Thoma e Klein (2010) evidenciam, para conhecer a cultura surda, e suas peculiaridades, de fato, é preciso conviver com os surdos. A orientadora me disse que a fluência viria à medida que eu fosse convivendo com os surdos e colegas da escola. Diante disso, aceitei a proposta e me tornei professora de surdos: era um sonho se tornando realidade.

Posso afirmar que foi um ano de muito trabalho e descobertas. A experiência de trabalhar com crianças surdas me fez analisar qual é o real papel do professor e do ser humano diante das pessoas com uma diferença cultural, como a do surdo. Essa reflexão veio da convivência diária com os surdos e suas famílias, as quais, por vezes, buscavam na escola e nos professores auxílio para contornar acontecimentos diários do lar.

Exemplificando, lembro-me de uma mãe que pediu para que explicássemos a seu filho surdo que ele precisava abrir a boca no dentista, pois ele não iria machucá-lo. O sucesso do tratamento dentário era comprometido, uma vez que nem a mãe, nem o dentista sabiam se comunicar na língua de sinais e, claro, diante daquele contexto, a criança ficava assustada e amedrontada.

Sempre que oportuno, nós, os professores daquelas crianças surdas, conversávamos sobre o prejuízo que a falta de comunicação e interação social trazia para elas. Nessas oportunidades, os professores surdos contavam suas histórias de infância e juventude, frequentemente também marcadas pela tristeza e solidão, por viverem em um espaço em que não eram compreendidos, e não compreendiam os acontecimentos à sua volta. Na época em que esses professores eram crianças e adolescentes, não existiam tantas tecnologias disponíveis para facilitar a comunicação entre a família e a sociedade ouvinte.

Atualmente, com tanta tecnologia acessível, é possível a comunicação e a interação social entre pessoas de diferentes culturas e línguas. Esse novo cenário também pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos surdos, em diversos setores. O uso das tecnologias digitais pode oferecer aos surdos uma socialização maior, além de mais autonomia em diversos aspectos da sua vida.

Através delas, por exemplo, eles podem pesquisar e encontrar sozinhos determinado endereço residencial, por meio de uma busca na internet. As oportunidades de interação e comunicação que as tecnologias digitais trouxeram para a sociedade, em especial para os surdos, me fizeram refletir sobre a importância de realizar uma pesquisa focada nas potencialidades do uso das tecnologias digitais pelos surdos.

Dentre estudos e pesquisas envolvendo os processos de ensino e de aprendizagem e socialização do surdo e sua cultura, cito as investigações realizadas por Brochado et al. (2016, p. 905), que desenvolveram o Software Glossário de Informática com Aplicação de Libras e de Tecnologia de Captura de Movimento 3D, focando a acessibilidade dos sujeitos surdos.

Cito também Castro e Calixto (2016, p. 870), que trabalharam com recursos tecnológicos buscando compreender como os surdos aprendem a ler e escrever. Para isso, usaram atividades online. Os autores apontaram em seu trabalho que a língua portuguesa deve ser ensinada para os surdos, conforme a lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Nesse sentido, o ensino da língua portuguesa “precisa ser realizado de forma a considerar a singularidade do sujeito surdo, mas ainda assim, na maioria das escolas, encontram-se dificuldades para realizar essa tarefa[...]”.

A partir das dificuldades encontradas no ensino da leitura e escrita, esses autores buscaram observar quais atividades eram propostas para o ensino da língua portuguesa para o surdo:

[...] analisar atividades pedagógicas propostas por Quadros e Schmiedt (2006) e relacioná-las a discussões sobre o uso de tecnologias digitais no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos. Assim consideraremos algumas práticas de ensino de língua portuguesa para surdos que têm sido significativas no processo de ensino aprendizagem na percepção de Quadros and Schmiedt (2006), refletindo sobre a influência das tecnologias digitais nesse ensino: o que pode ou não ser considerado e utilizado pelos professores e a atenção necessária a partir das novas demandas trazidas por essas tecnologias (CASTRO; CALIXTO, 2016, p. 870).

Os autores concluíram, ao final do estudo, que as atividades analisadas, quando aliadas às tecnologias, contribuem para o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para o surdo. Castro e Calixto (2016) acreditam que as tecnologias são “instrumentos facilitadores”

de ensino, e ainda acrescentam que o seu uso é imprescindível para uma boa prática didática, uma vez que proporcionam melhoria no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos.

Hildebrand (2016, p.799) analisou, por meio dos jogos eletrônicos, quais as contribuições do letramento digital¹ no processo de ensino e aprendizagem do surdo. Seu trabalho teve como intuito compreender de que forma as “[...] crianças e adolescentes surdas observam as imagens e aprendem quando estão usando jogos digitais[...]”. O autor pontua que o letramento se estende ao mundo digital e que, para tal compreensão, é preciso observar as mudanças que ocorrem nas “competências/capacidades de leitura e produção de textos”.

Também observou que “os aspectos visuais adicionados aos jogos em lugar aos sons, chamaram a atenção de apenas algumas das crianças”, e que o uso das tecnologias pelos surdos contribui para o seu aprendizado. Ao finalizar seu estudo, Hildebrand (2016) destaca que o uso das “novas ferramentas” tecnológicas por professores e profissionais que trabalham com a surdez pode viabilizar o ensino e aprendizado do público surdo.

Arcoverde (2006) investigou, por meio das ferramentas como *e-mail*, *chat*, lista de discussão, de que forma as tecnologias digitais contribuem para a socialização e interação do sujeito surdo. Para a autora, o aumento do uso das tecnologias contribui para a interação das pessoas, e amplia a dinâmica discursiva do seu usuário.

O crescimento vertiginoso das tecnologias digitais conquista, a cada dia, mais usuários. As tecnologias digitais são potencializadoras para a instauração de interações sociais cada vez mais amplas e permitem, por meio das ferramentas de comunicação mediada por computador (*e-mail*, *chat*, lista de discussão), uma multiplicidade de dinâmicas linguístico-discursivas que possibilitam o uso da linguagem (ARCOVERDE, 2006, p. 252).

A autora comenta que as ferramentas tecnológicas citadas por ela são ferramentas que ampliam a comunicação dos seus usuários. “Os recursos das novas tecnologias digitais podem, portanto, ser utilizados como instrumentos no processo de apropriação da linguagem escrita em língua portuguesa”. Sendo assim, a problemática da autora foi cercada pelos seguintes questionamentos: Para quem almejamos uma prática efetiva de uso da linguagem escrita? Como concebemos o surdo?

¹ Para Hildebrand (2016, p. 799), “ao buscarmos uma definição para tal conceito, partimos da ideia de letramento vinculado à escrita, no entanto, pretendemos tratar desse conceito a partir de todos os tipos de letramentos (com s). Hoje, verificamos que existem diversos tipos de letramentos: o oral, escrito, visual, sinestésico e digital. As diversas formas de letramentos ampliam-se a partir de discussões acerca dos gêneros multimodais, conceitos de letramentos multissemióticos, letramentos críticos e letramentos múltiplos.

O fato de ter um espaço no contexto digital representa mais do que ter possibilidade de escrever. Embora o uso desse espaço não resolva todos os problemas educacionais e sociais dos surdos, seu papel “é o de encorajar práticas que promovam situações interativas e que possam agregar valores e condições sociais para futuras aprendizagens, dada a crescente disseminação de usos das tecnologias digitais na área educacional” (ARCOVERDE, 2006, p. 265). Ao finalizar seu trabalho, a autora observou que as ferramentas mediadas pelo computador podem oportunizar a comunicação dos surdos, bem como promover situações de uso social da língua portuguesa escrita.

A investigação de Brochado et al. (2016, p. 905) diz que algumas políticas buscam ampliar os direitos das pessoas com deficiência², e que a Lei Federal 10.436/2002 e o Decreto-Lei 5.626/2015 pretendem incluir o surdo no convívio social por meio “da formação acadêmica, abrindo espaço também para acesso ao mercado de trabalho. Oportunizam-se, assim, o surgimento de cursos de Letras Libras e de projetos específicos no cenário brasileiro, visando à promoção social e educacional dessa comunidade”.

Com base nas dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência, dentre elas os surdos, para que estes pudessem utilizar “os produtos digitais”, os autores do projeto buscaram desenvolver um Software Glossário de Informática com Aplicação de Libras e de Tecnologia de Captura de Movimento 3D. Dessa forma, visavam dar acessibilidade à tecnologia para o público mencionado.

Segundo Brochado et al. (2016, p. 906), o “acesso ao letramento digital é fundamental para a educação e inserção socioeconômica de todos os indivíduos na atual sociedade da informação e do conhecimento, ressaltando aqui as necessidades especiais das pessoas com deficiências, especificamente pessoas surdas”. Ainda sobre as dificuldades dos surdos em ter acesso à informação tecnológica, os autores comentam que:

Tal realidade impõe barreiras de acesso à informação, educação e entretenimento dos surdos, sobretudo, àqueles que são pré-linguísticos, isto é, são surdos anteriormente à alfabetização e ao letramento. Para essa parcela da população, a compreensão de material escrito, ou mesmo material audiovisual, é severamente limitada, quando não nula (BROCHADO et al., 2016, p. 906).

² Embora os autores entendam a surdez como uma diferença cultural, durante a pesquisa realizada se referem aos surdos como pessoas com deficiência. O uso desse termo se dá devido ao apoio em textos legais e em outras pesquisas que tratam os surdos como pessoas com deficiência.

Embora a pesquisa ainda não tenha sido concluída, segundo os autores, os resultados parciais são positivos, uma vez que o projeto contribui para a inclusão e para a acessibilidade. Foram apresentadas as seguintes vantagens do *SOFTWARE*: ouvintes e surdos têm acesso igual ao conteúdo; pessoas com deficiência auditiva moderada podem aprender, treinar tanto a língua falada como a língua de sinais; pessoas ouvintes podem aprender e treinar a língua de sinais.

O trabalho realizado por Castro e Calixto (2016) aconteceu no âmbito educacional e buscou analisar duas atividades pedagógicas online, utilizando recursos tecnológicos. Essa investigação surgiu da inquietação para compreender como as crianças surdas aprendem a leitura e a escrita em português. Segundo Castro e Calixto (2016, p. 872), a escolha pelos recursos tecnológicos se deu por acreditarem que o “simples uso das mesmas, provoca o interesse dos alunos”.

Outro ponto em relação à tecnologia digital nas atividades, apresentado pela pesquisa, está relacionado à diversidade de imagens e animações que os recursos digitais disponibilizam. Castro e Calixto (2016, p. 871) enfatizam que, com o avanço da tecnologia, “a informação não é só por texto, mas também por imagens e sons”. Esses recursos valorizam e promovem a cultura visual do surdo. Os autores ainda acrescentam que:

[...] é importante que a escola aproveite a oportunidade de incorporar as novas tecnologias nas práticas educativas, e para isso precisa de projetos e pesquisas para apoio, a fim de que os recursos didáticos sejam aproveitados para desenvolver as competências e habilidades para o letramento digital dos alunos (CASTRO; CALIXTO 2016, p. 872).

Ao explorar o tema escolhido, Castro e Calixto (2016, p. 872) expõem que o uso de métodos diversificados, “como as novas tecnologias, pode ajudar o processo e estreitar essa relação de aluno-professor, trazendo mais significado às aulas”, uma vez que o aluno irá se interessar mais pelas ferramentas utilizadas.

Hildebrand (2016) traz a importância de discutir sobre a linguagem mais apropriada para a cognição do sujeito com surdez, assim, busca analisar as contribuições do letramento digital nesse processo de compreensão do surdo.

Hoje, considerando que convivemos cada vez mais com tecnologias digitais e emergentes, nossas preocupações estão voltadas para as novas práticas letradas decorrentes do uso dessas tecnologias. Por isso, nosso foco neste artigo é observar os desdobramentos, que acontecem nos processos cognitivos das pessoas. Mais especificamente, nossa intenção é buscar compreender a lógica que institui os diferentes letramentos produzidos por meio destas tecnologias e, em particular,

aqueles que ocorrem com as imagens para crianças e adolescentes surdos (HILDEBRAND 2016, p. 799).

O autor desenvolveu a pesquisa utilizando jogos eletrônicos como ferramentas tecnológicas de ensino. Seu objetivo era compreender as novas formas de construção de significados por meio dessas tecnologias. Hildebrand (2016) diz que essas análises podem contribuir para o contexto escolar, auxiliando os profissionais da educação no processo de aprendizagem dos alunos surdos.

Segundo Hildebrand (2016, p. 803), embora os alunos tenham demonstrado interesse em realizar as atividades por meio de jogos eletrônicos, alguns apresentaram dificuldades na compreensão das enunciações em português e da própria LIBRAS. Observou que o uso dos jogos eletrônicos pouco contribuiu para o aprendizado dos alunos surdos e que, “muitas vezes, estas dificuldades repercutiram em seu entendimento do jogo, impedindo-os de avançar no jogo ou mesmo fazendo-os perder o interesse pelos mesmos”. Ainda acrescenta que:

Entender essas novas formas de construção de significados ocasionadas pelos usos sociais das tecnologias pode ser um importante ponto de partida para professores e profissionais, que atuam no contexto da surdez, pensarem as maneiras de se viabilizar o uso destas novas ferramentas para o aprendizado de sujeitos surdos nas escolas e por elas, de forma (re)significada, o que já acontece fora deste contexto (HILDEBRAND 2016, p. 803).

O autor destaca que o uso das tecnologias digitais continua sendo uma importante forma de trabalhar e introduzir conteúdo escolar. Hildebrand (2016, p. 803) cita também que as dificuldades apresentadas pelos alunos estão relacionadas à “não familiaridade com ambientes digitais destes participantes” e enfatiza “a necessidade de mais pesquisas na área”.

Arcoverde (2006) mostra em seu trabalho que as tecnologias digitais podem ser também potencializadoras para a socialização e interação do sujeito surdo, pois, por meio de ferramentas tecnológicas, ele pode exercer uma comunicação dinâmica:

As tecnologias digitais permitem aos surdos, assim como aos ouvintes, introduzirem-se, espontaneamente, na língua que estão usando para se comunicar e, inscrevendo-se numa atividade enunciativo-discursiva, ressignificarem sua escrita, fazendo um uso social da linguagem. Permitem que, num sentido amplo, tenham a oportunidade de interagir e aprender, independentemente de sua condição física (ARCOVERDE 2006, p. 257).

O estudo foi realizado acerca do uso social do português escrito pelos surdos em interação com os ouvintes. A proposta da investigação foi usar as ferramentas como *e-mail*, *chat*, lista de discussão, para mediar a comunicação do público alvo da pesquisa. Um ponto que a autora ressalta é que, ao escrever em português, o surdo está pensando em português, ou seja, esse exercício pode ajudá-lo na construção da língua portuguesa escrita. “Nesse caso, podemos verificar que os surdos, quando vivenciam essa experiência, podem penetrar numa situação concreta de enunciação e usar a linguagem escrita em língua portuguesa para interagir com os outros” (ARCOVERDE, 2006, p. 257).

Para a autora, os recursos de comunicação permeados pelos computadores podem propor situações novas de interação entre surdos e ouvintes. Entretanto, ressalta que o manuseio dessas ferramentas tecnológicas tem dois lados, um positivo e outro negativo, afinal, seu uso não elimina as dificuldades relacionadas à comunicação entre surdos e ouvintes. Arcoverde (2006, p. 264) ainda diz que “o trabalho no contexto digital requer muito mais do que simplesmente abrir um espaço e oferecer oportunidades para escrever. Ainda há muito para ser refletido[...]”, por isso, são necessários estudos e pesquisas acerca do tema abordado.

Ao analisar os trabalhos de Arcoverde (2006), Brochado et al. (2016), Castro e Calixto (2016) e Hildebrand (2016), pude observar que ainda é necessário continuar a investigação acerca das contribuições das ferramentas tecnológicas digitais que estão no mercado, bem como das dificuldades que o sujeito surdo encontra ao manuseá-las. Assim sendo, acredito na relevância desta investigação e nas contribuições que proporcionar nas esferas social, familiar e educacional do surdo.

Percebo que ainda há muito a ser explorado. É preciso realizar práticas e pesquisas que possam, de fato, orientar e ajudar os professores surdos e ouvintes, assim como a família e a sociedade, a utilizarem as tecnologias digitais a seu favor, potencializando o seu relacionamento com o surdo. Sendo assim, estabeleci a investigação a partir do problema: Quais são as potencialidades dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a comunicação de grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens?

O objetivo geral da pesquisa consistiu em identificar as potencialidades do uso de alguns aplicativos do *smartphone*, como o *WhatsApp* e o *Imo*, para a comunicação e interação de grupo de surdos. Como objetivos específicos, busquei:

- Examinar como um grupo de surdos utiliza os aplicativos *WhatsApp* e *Imo*;
- Identificar as implicações que os encontros em espaços informais têm nas relações sociais entre os surdos.

Assim, apresento este estudo, dividido em cinco capítulos. Na parte introdutória, descrevo minha trajetória acadêmica e profissional, a qual me conduziu até a escrita desta dissertação. Esclareço que pretendi, com minha investigação, contribuir para os estudos e pesquisas realizadas a respeito dos surdos e das tecnologias disponíveis e acessíveis para esse público, bem como analisar a relevância do contato dos surdos em espaços informais.

No segundo capítulo, apresento o referencial teórico que deu respaldo a esta pesquisa. Dessa forma, discuto sobre a cultura surda. Ainda apresento os espaços propícios para a aprendizagem, focando os espaços informais. Em seguida, destaco o uso das tecnologias digitais pelos surdos. Finalizando este capítulo, faço um breve histórico da história da telefonia até os *smartphones* e o uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*.

No terceiro capítulo, aponto os procedimentos metodológicos, focando os instrumentos de coleta de dados desta investigação, que se deu por meio da etnografia, com abordagem qualitativa. Apresento o grupo de surdos, sujeito da pesquisa, e também as atividades realizadas durante a observação e coleta de dados. Posteriormente, descrevo os encontros e atividades desenvolvidas. No quarto capítulo, apresento as análises dos resultados e, finalmente, no capítulo cinco, as reflexões finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: ESTUDOS SOBRE SURDOS E O USO DO *SMARTPHONE*

Neste capítulo destaco ideias de alguns pesquisadores sobre o tema de estudo deste trabalho: o uso do *Smartphone* e dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*. Além disso, aponto algumas características da cultura surda e sua relação com as tecnologias digitais.

2.1 Cultura surda e a Língua Brasileira de Sinais

As características da cultura surda não são marcadas por raça, religião, nacionalidade, mas por sua língua, seus valores, costumes e, claro, pelas histórias de vida dos surdos, que, embora já sejam conhecidas, nem sempre são respeitadas e valorizadas pelos não surdos. Nesse sentido, recorro aos autores que me inspiraram para esta investigação, a partir de suas contribuições e reflexões a respeito do surdo e da cultura surda, e que me conduziram na elaboração desta pesquisa.

Primeiro cito Thoma e Klein (2010), que discorrem sobre cultura surda e afirma que, para compreendê-la, é preciso fazer parte dela. Outros autores que também me fizeram refletir sobre o assunto foram Karnopp (2010), Quadros (2008a), Strobel (2008), Stumpf (2008), e Lopes e Veiga-Neto (2006), que contribuem dizendo que, para os surdos, a cultura está relacionada às suas experiências visuais.

Assim, “*Cultura* pode ser entendida como um conjunto de práticas capazes de serem significadas por um grupo de pessoas que vivem e sentem a experiência visual, no caso dos surdos, de uma forma semelhante” (LOPES; VEIGA NETO, 2006, p. 87). Conhecer a cultura surda é necessário para que possamos compreender melhor o surdo, suas dificuldades diante da

sociedade predominantemente ouvinte³, seus anseios e também suas inúmeras capacidades, que a surdez não lhes tirou. A proposta aqui é refletir sobre a cultura surda, sobre suas características, e analisar como um grupo de surdos vive, e o quanto suas experiências de vida junto aos ouvintes influenciam nas suas lutas e marcas culturais.

É uma característica cultural dos surdos se reconhecerem e se apresentarem aos demais como surdos. Lopes e Menezes (2010) afirmam que os surdos assim se identificam para mostrar suas origens e diferenças, e não para se diminuir ou enaltecer. A escolha da palavra surdo para ser reconhecido é uma das características da cultura surda. Eles preferem ser chamados dessa forma, e rejeitam o termo deficiente auditivo, que, na sua visão, os classifica como incapazes e contribui para sua exclusão no meio social.

Identificar-se como surdo não é apenas reconhecer a surdez, e sim, vivenciá-la de forma efetiva, sem medos e receios. “A trilha surda exige que os surdos se identifiquem enquanto surdos. Tal identificação é fundamental para uma relação ética com o outro, em que assumimos a diferença não em uma relação comparativa, mas em uma relação de proximidade” (LOPES; MENEZES, 2010, p. 75).

Em relação aos surdos, Lopes e Veiga-Neto (2006) evidenciam que, pela condição de não ouvirem, vivem obrigatoriamente entre duas culturas: a sua, e a dos ouvintes. Devido ao contato entre essas duas culturas, a identidade do surdo sofre influência da cultura dos ouvintes, uma vez que, naturalmente, espaços frequentados por eles, na sociedade em geral, foram primordialmente planejados para aqueles que se comunicam oralmente. Por isso, o surdo, no fim, acaba precisando do apoio de um ouvinte para frequentar os mais diversos ambientes. Os autores ainda evidenciam:

É curioso ver isso nos muitos depoimentos surdos; quando instados a falar de si, da escola e do movimento surdo, os surdos precisam trazer o ouvinte. A presença do ouvinte nas narrativas surdas - como sendo o opositor binário do surdo - afasta o próprio surdo da possibilidade de fazer, de si mesmo, uma posição de referência à sua condição de ser surdo (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 85).

Para os autores, é preciso que o surdo tenha possibilidade de se representar no espaço ouvinte, pois transitar por uma sociedade que usa habitualmente uma língua diferente da sua, nem sempre é confortável. Alguns tropeços de comunicação podem ocorrer naturalmente com

³ Ouvintes são todas as pessoas que ouvem e usam a língua oral para se comunicar e se desenvolver. Segundo Quadros (2004, p. 10), “o termo 'ouvinte' se refere a todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos”.

a falta de domínio de uma língua. Muitos, ao verem os surdos conversando, estranham sua forma de se comunicar. Usar as mãos para falar ainda causa muita estranheza para a maioria dos ouvintes.

Segundo Strobel (2008, p. 37), “A maioria das pessoas da sociedade ignora essas características e necessidades dos surdos[...]”. A autora acrescenta, ainda, que a falta de informação sobre o surdo faz com que os ouvintes os classifiquem de forma pejorativa. Dessa forma, o surdo é visto, inúmeras vezes, como uma pessoa limitada, sem identidade própria, como um deficiente que precisa de auxílio de um ouvinte a todo momento, e que não se encaixa na sociedade. A autora, por meio do tema “Surdo: Vestígios Culturais não Registrados na História”, descreve suas experiências como surda:

À medida que aprofundamos as nossas reflexões a respeito do povo surdo, verificamos o quão as representações imaginárias têm os povos ouvintes acerca de sujeitos surdos. O povo ouvinte, por falta de conhecimentos, nomeia erroneamente os sujeitos surdos, muitas vezes veem-nos com inferioridade. A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratam-nos de forma paternal, como “coitadinhos”. Ou lidam como se tivéssemos “uma doença contagiosa”, ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento (STROBEL, 2008, p. 33).

A autora também afirma que os ouvintes pouco conhecem sobre a vida dos surdos e, por vezes, os julgam. Porém, os surdos rejeitam os rótulos pejorativos e mostram, por meio de esforços e conquistas, o quanto são capazes de viver e se relacionar, tanto com surdos como com ouvintes. É muito comum ouvir relatos sobre as dificuldades dos surdos em relação ao seu convívio com os ouvintes, mesmo com os da família.

Strobel (2008) narra como se sentia diante de um mundo que não compreendia. Apesar da vontade de interagir, a falta de comunicação entre os que com ela conviviam não lhe permitia um contato direto e, dessa forma, tampouco conseguia sanar suas angústias diárias. Apresenta as dificuldades que a surdez lhe causou da infância até a vida adulta, como a falta de interação e compreensão do mundo à sua volta. São marcas muito presentes na sua história de vida.

A criança surda, filha de pais ouvintes, não se desenvolve da mesma forma que uma criança ouvinte nascida de pais ouvintes. Por falta de estímulos, a criança normalmente apresenta atraso cognitivo na compreensão das coisas. Não entendendo o meio que a cerca, acaba excluída por não ser compreendida. Cria-se um distanciamento do núcleo familiar e social por falta de comunicação e entendimento.

Com a minha linguagem limitada eu não compreendia o que acontecia ao meu redor no dia-a-dia, mas eu era muito curiosa e queria saber o ‘porquê’ de tudo e não recebia respostas e reprimia tudo dentro de mim e ficava muito agitada e ansiosa (STROBEL, 2008, p. 15).

A autora deixa evidente o quanto a limitação da comunicação causa prejuízos à criança surda. Quando ela vai para a escola, já chega com atraso no desenvolvimento cognitivo em razão de ainda não ter desenvolvido conhecimentos básicos como as regras de convivência, por exemplo. Além da dificuldade de interagir com colegas e professores, a falta de comunicação prejudica seu desenvolvimento escolar e pessoal. Em seu depoimento, Strobel descreve as dificuldades encontradas no ambiente escolar: “Consequentemente, aprendi a falar, mas não sabia me comunicar adequadamente, só ficava repetindo as palavras, igual a um papagaio, sem entender seus significados, tudo muito mecânico e sem emoções” (STROBEL, 2008, p. 14).

Diante desse relato de Strobel (2008), é possível compreender a preferência dos surdos em conviver entre si. Estão sempre juntos, reunidos em festas de aniversários, casamentos, chás de panela e de fralda. Normalmente comemoram todas as datas que julgam importantes. Casam-se normalmente entre eles, e formam um grupo cultural marcado pelas histórias de vida semelhantes.

Só conseguimos compreender as preferências e as peculiaridades do povo surdo quando temos contato direto com eles. Afinal, como confirmam Thoma e Klein (2010), é preciso “estar lá”, para compreender de fato a cultura surda. Viver com a cultura surda nos faz compreender melhor seus valores, lutas e vida.

Entendemos que para se falar da cultura surda é necessário estar lá, viver entre os surdos, para os quais a experiência é visual e espacial, compartilhando de seus costumes e modos de se relacionar uns com os outros, com o mundo e com a vida (THOMA; KLEIN, 2010, p. 08).

Para a autora, a forma como o surdo se relaciona com o mundo está ligada à sua experiência de vida e, principalmente, à sua forma visual e espacial de se comunicar. Quando não se conhece as características do surdo, torna-se difícil compreendê-lo, principalmente se for julgado pelo ponto de vista do ouvinte, que usa a oralidade para se comunicar. Não ouvir acaba sendo uma limitação que o ouvinte atribuiu ao surdo. Os surdos nascidos com surdez profunda ou severa, tipologias que os privam totalmente da possibilidade de ouvir a voz humana, por exemplo, não conseguem entender os prejuízos que lhes são atribuídos por falta

da audição. Para esses surdos, a língua de sinais supre qualquer dificuldade que poderiam enfrentar devido à falta de comunicação.

Strobel (2006, p. 34) declara que muitas pessoas [...] “não conhecem profundamente os surdos, como também nunca tiveram oportunidade para trocar umas palavrinhas com os surdos. Por isso que na primeira vez que nos veem, precipitam-se tomando-nos por estranhos, tratando-nos de outro modo” [...]. O relato da autora evidencia as dificuldades diárias vividas pelos surdos e como costumam ser vistos pela sociedade.

Para Kanopp (2010), as individualidades existentes na cultura surda proporcionam ao surdo a possibilidade de compreender e se relacionar. “A cultura surda, a experiência visual e o uso da língua de sinais sustentam o encontro e a vida da comunidade surda” (KANOPP, 2010, p. 164). Suas características e individualidades marcam sua história de vida.

A cultura de um povo normalmente é composta por características que marcam aquele grupo, como sua língua, seus hábitos, costumes, entre outras. Mesmo com suas características fortes, a cultura surda, por vezes, é vista como uma cultura diminuída, por ser de um pequeno grupo, não seletivo, sendo, dessa forma, discriminada.

Na cultura surda há inúmeros marcadores, atividades e artefatos que constituem o modo de vida dos surdos, como a experiência visual, a língua de sinais, as famílias construídas por casais de surdos, a literatura surda, a vida em comunidade, as atividades esportivas, as artes visuais, etc. (THOMA; KLEIN, 2010, p. 08).

Segundo Thoma e Klein (2010), os marcadores da comunidade surda unem os surdos, visto que estes possuem não apenas um vínculo de amizade, mas uma forma de vida diferente. Eles vivem entre si por terem uma forma de vida em comum. Identificar-se e reconhecer-se como surdo fortalece a cultura da comunidade surda. Seus hábitos e costumes possuem traços marcantes na sociedade, porém, muitos desses costumes só podem ser alimentados e realizados pelos sujeitos surdos. Muitos pesquisadores defendem o convívio contínuo desses sujeitos. Karnopp (2010) salienta que, para manter a identificação e as características da cultura surda, os sujeitos surdos precisam conviver entre si.

Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas (KARNOPP, 2010, p. 162).

A autora ainda pontua que o convívio entre os surdos é essencial para a valorização das características do grupo, visto que apenas juntos podem enaltecer suas marcas na sociedade. O convívio com seus semelhantes é importante desde muito cedo, principalmente em espaços onde há mais surdos. Os surdos adultos possuem mais autonomia. Realizam as atividades do cotidiano sozinhos, trabalham normalmente, possuem uma vida produtiva. Entretanto, ainda é notório que os sujeitos surdos passam muitas dificuldades em momentos delicados em que não conseguem se comunicar com os ouvintes. Nos espaços comuns, como bancos e hospitais, por vezes, os surdos se esforçam, oralizando, numa possível tentativa de serem compreendidos.

Deixando de lado sua língua, que é a de sinais, os surdos acabam ferindo os direitos já adquiridos pela sua cultura. “O traço ouvinte presente nas narrativas surdas pode ser interpretado como um elemento estruturador de um tipo de identidade surda, um tipo de identidade combatente que necessita estar em luta para poder existir e ser reconhecida” (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 87). É importante ressaltar que o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS foi uma grande conquista para a cultura surda, e sua maior marca. Hoje já se fala em educação bilíngue, direito de intérpretes e instrutores para surdos que ainda não sabem a língua de sinais.

Segundo a Lei nº 10.436, de 24/04/2002:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Para Karnopp (2010, p. 162), “as comunidades surdas têm como principal marcador identitário o uso da língua de sinais”. Ainda é difícil para muitos entender que os surdos, por meio da Língua Brasileira de Sinais, são capazes de compreender o mundo, assim como nós o somos através dos estímulos auditivos. O reconhecimento da Libras marcou, sem dúvida, a luta da cultura surda no Brasil. Strobel (2008) diz que os surdos, em contato com sua língua, também participam de discussões, debates; sentem a necessidade de estar informados dos assuntos da atualidade; possuem opiniões próprias e são capazes de defendê-las diante de opiniões adversas. O surdo vive sua cultura diariamente, e essa vivência a fortalece cada vez mais.

Stumpf (2010) comenta que os surdos vivem em uma sociedade em que são minoria; logo, sua comunicação e interação com os demais nem sempre ocorre como deveria, ou seja,

de forma clara e eficiente. Essa distância da sociedade e da família proporciona aos surdos grandes prejuízos emocionais, intelectuais e sociais. Diante desse quadro de possíveis danos ao surdo, é possível perceber a importância de desenvolverem sua língua. A interação com a comunidade se faz necessária para que se compreendam como cidadãos críticos e atuantes não só na comunidade surda, mas também no mundo ao qual pertencem.

A língua é uma marca essencial da identidade e da cultura de uma sociedade, e essa é a diferença mais visível da cultura surda. Partindo desse aspecto, é preciso entender como se compõe a cultura surda, quais são seus movimentos, quais conquistas já adquiriram, e como esse movimento vem deixando sua marca. Karnopp (2010) fala sobre a diferença cultural do surdo:

Marcar a diferença cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político por meio de uma afirmação da cultura surda, capaz de congrega pessoas em torno de uma mesma proposta política. Manifestações de movimentos surdos possibilitam a elaboração de outras representações de experiências linguísticas e culturais de pessoas surdas (KARNOP, 2010, p. 157).

Diante desse contexto, os surdos lutam por seus direitos e suas marcas encontram-se cada vez mais presentes no cenário político e cultural. Os surdos estão cada vez mais informados e atuantes na sociedade, buscando sua valorização. A valorização da cultura não contribui apenas para marcar as características diferentes de um povo ou grupo. Vai além, pois também ajuda a adquirir valores pessoais e morais, pensamentos e comportamentos. Viver a cultura surda, para o surdo, significa ser pertencente a um grupo, que possui não apenas as mesmas características, mas o mesmo sentimento de ser reconhecido como um grupo singular.

Para Thoma e Klein (2010), conviver com as pessoas surdas nos proporciona enxergar habilidades, inteligências e capacidades de um sujeito comum. É só olharmos suas histórias, lutas e conquistas para percebermos que o surdo tem apenas uma limitação: a de ouvir. Ele é totalmente capaz de compreender o mundo à sua volta, desde que o outro seja capaz de entender sua língua, seus costumes, sua vida e sua cultura. O convívio com o outro, surdo ou ouvinte, permite ampliar conhecimentos e interagir melhor com a cultura ouvinte ou surda. Para isso acontecer, é preciso assegurar que os surdos tenham acesso a diferentes espaços propícios para a aprendizagem e, dessa forma, tenham possibilidade de interagir em diferentes espaços e com diferentes culturas. A interação social que acontece em espaços não formais de aprendizagem proporciona, aos surdos, condições reais de comunicação e convívio social.

2.2 Espaços não formais de aprendizagem

Dentre as dificuldades vividas pelos surdos, está o fato de que não serem compreendidos e nem compreenderem os movimentos e acontecimentos à sua volta os isola da família e sociedade. Strobel (2008) diz que se sentia ansiosa em relação à falta de comunicação e de compreensão sobre os acontecimentos ao seu redor. O convívio com nossos semelhantes e família, ao longo da vida, nos proporciona amadurecimento, compreensão de conceitos, regras, e ajuda no desenvolvimento cognitivo. Interagir com o outro nos permite amadurecer, pois através de pontos de vista diferentes é que crescemos como cidadãos.

O avanço tecnológico tem beneficiado muito as pessoas surdas. Stumpf (2010) afirma que, para os surdos, o acesso à internet e às tecnologias é uma alternativa de comunicação e aprendizagem constante. As tecnologias digitais, como os *smartphones*, oferecem novas oportunidades de interação e participação na sociedade. Os atuais telefones móveis possuem ferramentas que agilizam a rotina e atendem às necessidades diárias das pessoas, tornando-se acessórios interessantes para os surdos.

As tecnologias digitais podem contribuir para a composição de uma sociedade que inclui o surdo como ser capaz, pois muitos ainda os veem como limitados e privados de opiniões acerca dos mais diversos assuntos. A falta de conhecimento sobre a surdez faz com que os surdos sejam vistos como pessoas incapazes ou com poucas habilidades.

Por terem características ímpares em relação à comunicação, os surdos têm dificuldade de se expressar e interagir com a sociedade ouvinte, que pouco sabe sobre suas capacidades e habilidades. A barreira da comunicação e a falta de interação social que acompanham os surdos causam prejuízos no seu desempenho escolar, social e familiar, uma vez que o ato de aprender não acontece apenas dentro da escola, mas também em espaços informais onde acontece o convívio social.

Para melhor esclarecer as possíveis formas de educação e aprendizagem, trago Gohn (2014) e Gadotti (2005). Estes autores descrevem sobre a educação formal, não formal e informal, conceituando e esclarecendo a função de cada uma. A partir daí ficarão perceptíveis as mudanças que as tecnologias trouxeram e ainda trazem para a vida do surdo, e o quanto podem contribuir para seu aprendizado.

Para Gohn (2014, p. 40), “a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcado”; possui um currículo, um quadro fixo de profissionais, e acontece dentro do espaço físico da escola. Gadotti (2005) defende que a educação formal tem objetivos claros e ocorre principalmente dentro do espaço escolar. Ocorre em nível nacional, da educação infantil ao ensino superior, obedecendo a uma estrutura de espaço e currículo, além de ser fiscalizada pelos órgãos superiores da educação.

Nos espaços escolares, onde, segundo Ghon (2014) e Gadotti (2005), ocorre a educação formal, é possível encontrar regras e padrões de comportamento, como o uso de uniforme, a proibição do uso do celular, o horário de entrada e saída, além de horário fixo do intervalo e das disciplinas. Gadotti (2005) diz sobre a educação formal:

A **educação formal** tem objetivos claros e específicos, e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação (GADOTTI, 2005, p.02).

A educação formal para os surdos é uma realidade nas escolas. É amparada pelas leis 10.436, de 24 de abril de 2002; Lei 5.626, de 22 de dezembro de 2005 e Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regem a inclusão do surdo na rede pública de ensino, com direito a tradutor e intérprete da língua de sinais - LIBRAS, atendimento especializado e, quando necessário, currículo adaptado.

Já como educação não formal, entende-se aquela que pode acontecer dentro e fora da escola e tem a mesma formalidade da educação escolar, sendo, porém, mais flexível e dinâmica. Para Gohn (2014, p. 40), “a educação não formal, designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais”. Gadotti (2005), a esse respeito, afirma:

A **educação não-formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p. 2).

A educação não formal para os surdos pode ou não ocorrer de forma efetiva. Dependerá da organização, do espaço, e da intencionalidade da proposta. Stumpf (2008, p. 23) questiona: “Como vai esse aluno ter acesso aos conhecimentos se sua questão linguística não está sendo observada e menos ainda seu pertencimento cultural?”.

Estando a educação formal e, de certa forma, a não formal asseguradas por lei dentro das propostas de ambiente escolar, falta analisar as contribuições da educação informal, que ocorre em espaços informais, para o aprendizado e desenvolvimento do surdo. Gadotti (2005) e Gohn (2014) declaram que a educação ocorre em diferentes momentos, espaços e formas.

Diante disso, podemos refletir sobre a contribuição dessas formas e espaços informais no aprendizado escolar e social dos surdos.

Como educação informal concebe-se todo conhecimento adquirido no âmbito familiar e social, assim como em clubes, teatros, praças. Está relacionada às experiências vividas no cotidiano, sendo um processo contínuo. Toda troca de experiência pode contribuir para o crescimento pessoal, e os surdos, quando estão entre os seus semelhantes, conseguem dividir e contribuir para o desenvolvimento do outro. Quando em contato apenas com ouvintes que não compreendem a língua de sinais, essa troca não acontece, diminuindo assim a capacidade do surdo de interagir e desenvolver-se como cidadão. Ghon (2014), ao explicar sobre a educação informal, a caracteriza:

[...] como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigos; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados (GHON, 2014, p. 40).

Não existe uma regra, um tempo determinado. Um aprendizado pode começar num dia e terminar no outro, numa outra semana, ou num outro momento, pois é assim que construímos determinados conhecimentos, de acordo com nossas vivências e experiências.

2.3 As contribuições acerca dos encontros em espaços informais e da tecnologia digital como meio de interação e informação para o sujeito surdo

Para os surdos, a educação informal não acontece de forma tão efetiva quanto para a sociedade em geral. De acordo com Stumpf (2010), surdos de pais ouvintes, por exemplo, acabam esbarrando na dificuldade de comunicação quando crianças, perdendo preciosos anos de experiências e convívio social. A autora comenta que, “As famílias e os ambientes de trabalho dos surdos são, quase sempre, compostos por uma maioria ou totalidade de pessoas ouvintes que não se comunicam, ou se comunicam de forma bem limitada em Libras” (STUMPF, 2010, p. 5). Dessa forma, a interação fica prejudicada. O convívio social com ouvintes que dominam a língua de sinais e, principalmente, com outros surdos, em espaços diversificados, é essencial para o desenvolvimento afetivo e social do surdo. Espaços onde se

sinta incluído e aceito de forma natural permitem que o surdo pratique a comunicação e a interação social.

Esses espaços de encontros informais fortalecem sua língua, suas características, aumentam sua autoestima e contribuem diretamente para seu crescimento como cidadãos, já que a maioria dos surdos só consegue manter um diálogo rico em detalhes ao se encontrar com outro surdo ou com um ouvinte que domina sua língua. Dito isso em relação aos surdos, tornam-se essenciais os momentos de interação e lazer entre eles. Em espaços informais, os surdos se assumem protagonistas da situação, sem receio de sinalizar, perguntar e indagar sobre qualquer tipo de assunto.

A participação em associações, clubes e federações, mesmo que uma, ou poucas vezes por semana, sempre foi crucial para os surdos, pois é onde se comunicam ampla e normalmente. No entanto, é característica dessa situação, a fragmentação e limitação do tempo de permanecer juntos e de poder exercer seu papel social e satisfazer suas necessidades de comunicação (STUMPF, 2010, p. 5).

Durante encontros em espaços informais é comum também os surdos tirarem dúvidas a respeito de algo que viram na TV e não compreenderam, ou a respeito de um anúncio que viram na rua e não ficou muito claro. A liberdade de se expressarem nos ambientes informais pode aparecer quando questionam, sem receio de serem julgados. Sentem como se esses tipos de encontro fossem não somente para descontrair, mas também para aprender. Os surdos gostam de se encontrar em diferentes espaços públicos. Juntos, acabam formando grupos de amigos com diferentes idades, porém com um mesmo objetivo - ter uma vida social que lhes permita interagir e discutir os mais diversos assuntos, sem receio de serem ignorados por não serem compreendidos.

Quando ainda crianças, os surdos não possuem autonomia para definir em que escola estudar, quais espaços frequentar, com qual grupo social interagir. Dessa forma, sua educação informal acontece de forma tardia. Strobel (2008, p. 17) relata que “ao ter contato com a comunidade surda, o meu mundo abriu as portas e eu pude explorar e expandir para fora tudo o que estava insuportavelmente sufocado dentro de mim”. Assim, a comunicação e a troca com o outro permitem ao surdo não apenas acesso à informação, mas também ser conhecido e se reconhecer como cidadão no contexto social. Por isso, quando adultos, os surdos escolhem viver com seus semelhantes e buscam adquirir todo conhecimento através das trocas de experiências que o convívio social e os espaços coletivos e não escolares proporcionam.

Como relatado no início deste capítulo, embora a dificuldade em se comunicar ainda persista entre surdos e ouvintes, as tecnologias digitais, de certa forma, vêm contribuindo para a mudança desse cenário. Existem novas formas de se comunicar e interagir, novas formas dos surdos se fazerem ouvir. Gadotti (2005, p. 3) fala sobre “as múltiplas oportunidades de aprendizagens” que certamente ultrapassam barreiras físicas e sociais, disponibilizando, assim, novos espaços de conhecimento.

As tecnologias digitais disponíveis atualmente oferecem conjuntos de ferramentas que abrem possibilidades de aprendizagem e socialização para o surdo. Elas têm proporcionado, à nova geração de surdos, a possibilidade de entrar em contato com os acontecimentos de forma rápida e dinâmica, permitindo acesso igualitário às informações. O autor ainda afirma que o novo cenário nos permite ampliar nossos conhecimentos em diferentes ambientes.

Não seria exagero afirmar que nenhuma outra tecnologia digital tenha se popularizado tanto entre os surdos quanto os celulares. Estes, de acordo com Ferreira (2011), estão sendo trocados pelos *smartphones*, que também são aparelhos de telefone móvel, porém mais modernos e com mais ferramentas disponíveis. As tecnologias que os *smartphones* disponibilizam mudam a concepção de espaço e distância, e criam novas linguagens que favorecem os surdos. Para os surdos, além de as tecnologias digitais disponíveis atualmente, e principalmente os *smartphones*, facilitarem sua rotina, são portas que se abrem para um convívio social que, por vezes, foi negligenciado devido à falta de comunicação com a família e com a sociedade.

Os avanços das tecnologias digitais são perceptíveis a todo momento no cotidiano, bem como seu uso. Kenski (2013) declara que tecnologia é um conjunto de técnicas e conhecimentos obtidos que pode contribuir para melhorar nossas vidas. E, a cada dia, surgem inovações que superam invenções já existentes, que podem proporcionar maior conforto e comodidade à sociedade. Além de facilitarem a comunicação e a vida de seus usuários, as tecnologias digitais vêm beneficiando especialmente pessoas com deficiência, ou com algumas limitações, visto que permitem acesso a locais e informações que antes eram inacessíveis devido às barreiras físicas de comunicação ou a outras especificidades.

Para Belloni (2014), essas tecnologias proporcionam aproximação entre seus usuários. Os surdos, mesmo quando não alfabetizados, por exemplo, mediante seu uso passam a ter maior possibilidade de comunicação, mesmo à distância, por meio de mensagens de texto pelo celular, ou de conversas com imagens e vídeos, dentre outros serviços disponíveis pelas tecnologias digitais. Entretanto, é importante ressaltar que, tanto na vida do ouvinte como na vida do surdo, nenhum outro recurso tecnológico da atualidade proporcionou maior impacto do que os

telefones celulares - *smartphones*, que dão acesso à internet e possuem ferramentas com diversas funções.

De acordo com Kenski (2013, p. 61), “À velocidade em que acontece a inclusão das tecnologias, novas alterações são provocadas nos diferentes campos da sociedade como no trabalho, no lazer, nos relacionamentos, entre outros”. Os atuais aparelhos celulares possuem aplicativos que permitem enviar e receber mensagens instantâneas de qualquer lugar, desde que se tenha acesso à internet, proporcionando certa independência aos surdos, uma vez que muitas empresas e instituições, como clínicas médicas, restaurantes e escolas, fazem uso dessas ferramentas.

Esses aparelhos modernos possuem inúmeros aplicativos disponíveis na rede para serem baixados. O mais popular e usado pelos brasileiros, surdos ou ouvintes, é o aplicativo WhatsApp, utilizado para a comunicação e troca de mensagens. Esse aplicativo superou outros meios de comunicação instantânea, e já é o mais utilizado, se comparado a outros que possuem ferramentas semelhantes. O uso do *WhatsApp*, através dos *smartphones*, permite aos surdos um ambiente de interação e afetividade. Através de imagens e textos curtos, eles interagem entre si, com os ouvintes, e até com a família, que, muitas vezes, não compreende a língua de sinais. “As tecnologias digitais introduziram uma nova dinâmica na compreensão das relações com o tempo e o espaço” (KESNKI, 2013, p. 27).

Outro aplicativo que vem aumentando seu número de adeptos é o aplicativo *Imo*. Esse aplicativo permite aos seus usuários usar funções de mensagens de voz e texto, além da ferramenta mais utilizada: a chamada em vídeo. Por meio dele é possível ver qualquer pessoa e conversar com ela ao vivo, em qualquer lugar, desde que o aplicativo esteja instalado no aparelho de quem faz e de quem recebe a chamada.

2.4 O surdo e a tecnologia digital

Para que o surdo tenha convívio e interação social, é preciso haver acessibilidade na comunicação, pois só assim ele terá integração em diferentes espaços sociais. O uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* podem facilitar e favorecer a vida de todos, tanto dos ouvintes como dos surdos, porém, para o surdo, eles facilitam sobremaneira a interação social. Essas tecnologias digitais permitem que a comunidade surda se aproxime da comunidade ouvinte, proporcionando aos surdos um convívio mais igualitário, que, por muitas vezes, lhes foi negado, não apenas pelo preconceito, mas pela barreira da comunicação.

Para Stumpf (2010, p. 2), “as novas tecnologias revolucionam o mundo das comunicações e podem fazer com que ele seja mais acolhedor para os surdos”, pois, através de ferramentas diversificadas, os surdos fazem uso de uma linguagem simples, ampliando, assim, sua comunicação com ouvintes que não dominam a língua de sinais. Dessa forma, as tecnologias digitais contribuem para que os surdos e ouvintes tenham uma interação facilitada e compreensível.

Não seria demais falar que os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* são as tecnologias digitais que mais contribuem na comunicação dos surdos. Quando o telefone surgiu, era uma tecnologia inviável para o surdo, já que o aparelho transmitia e recebia apenas a voz e, para usá-lo, dependia-se de um ouvinte para transmitir e receber as mensagens. Entretanto, segundo Oliveira (2007), os telefones inteligentes, como são conhecidos os *smartphones*, possibilitam aos surdos o uso desse aparelho de caráter dinâmico. Dessa forma, entre os surdos, os *smartphones* e os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* se popularizaram, devido à facilidade em enviar mensagens.

Moran (2012, p. 125) descreve que “A conectividade abre oportunidades muito variadas de aprendizagem personalizada, flexível, ubíqua e integrada”. Com acesso às tecnologias digitais que os *smartphones* disponibilizam, os surdos passaram a ter oportunidade de estudar conectados à internet e se comunicar com semelhantes e com os ouvintes por meio do *WhatsApp*, do *Imo* e também dos sites de relacionamentos, como *Facebook*, *MSN*, *Instagram*, *Twitter*, que, assim como outros, têm por finalidade o entretenimento, mas contribuem para estreitar laços sociais.

Embora as tecnologias digitais e suas ferramentas auxiliem sua rotina, Stumpf (2010) aponta que nem todos os surdos conseguem usar as tecnologias digitais. Existem situações em que o uso é dificultado, seja por questões financeiras, sociais e até pela própria dificuldade em se comunicar, em razão de que há surdos que não são alfabetizados, e outros que não dominam a língua de sinais.

Contudo, outra barreira importante dificulta a total acessibilidade por parte dos surdos às novas tecnologias: elas são visuais, mas em sua grande maioria, demandam sujeitos alfabetizados. A população surda, em nosso país e na maioria dos países é, em grande parte, composta de analfabetos funcionais na escrita da língua oral do próprio país e as produções em Libras exigem a disponibilidade de vários artefatos de cultura como câmeras, vídeos, tradutores, intérpretes, etc. (STUMPF, 2010, p. 2).

Muitos aplicativos disponíveis realmente exigem que os usuários sejam alfabetizados para serem mais bem utilizados e compreendidos, como aponta Stumpf (2010). Porém, tanto o aplicativo *WhatsApp*, como o *Imo*, dispõe de diversos símbolos que muitas vezes substituem

palavras e continuam respeitando o contexto da mensagem a ser enviada, facilitando a comunicação e o uso pelos surdos que não são alfabetizados. Por meio desses aplicativos, seus usuários, principalmente os surdos, podem também, mediante os vídeos e chamadas em vídeo, ter uma comunicação mais clara e objetiva pela língua de sinais.

Experimentar essas novas possibilidades de interação que os surdos vêm vivenciando por meio dos aplicativos sempre foi e continua sendo algo muito comum entre os ouvintes, segundo Stumpf (2010). Antes, para um surdo conversar com alguém, precisava estar frente a frente com seu interlocutor, porém hoje ele também pode conversar com um amigo em outro estado ou país de forma simultânea: basta digitar um texto, ou usar uma das ferramentas disponíveis nos aplicativos, e gravar um vídeo sinalizando.

Para os surdos, as modificações trazidas pelas novas tecnologias não foram apenas educativas, sociais e laborais, mas, sobretudo de inserção comunicativa em muitas das atividades da vida diária antes inacessíveis, pois, a distância e o tempo se encurtaram com o advento da Internet, e surgiram novas maneiras de relacionamento (STUMPF, 2010, p.5).

As novas maneiras de relacionamento, descritas pela autora, podem ocorrer também em espaços informais, e ser potencializadas com o uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*. O uso dessas ferramentas digitais disponibiliza ao surdo outras possibilidades de acesso, não apenas de informação, mas de interação social junto à comunidade ouvinte e surda. Ainda segundo Stumpf (2010, p. 2), as tecnologias digitais trouxeram para a sociedade ouvinte muitas mudanças nos comportamentos e costumes e “[...] para os surdos, essas mudanças podem ser ainda mais significativas”, pois potencializam o seu convívio social. Por meio do uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*, eles podem interagir com surdos e ouvintes, marcar encontros, combinar programas sociais, tirar dúvidas, divulgar notícias, entre outras possibilidades relacionadas à comunicação.

Dentre todas as funções disponíveis nos atuais celulares, destaca-se a comunicação em diferentes línguas e formas, que dá, a todos, possibilidades igualitárias de interação e informação. A conectividade através da navegação pela internet, ou de um bate-papo com uma pessoa de qualquer lugar do mundo, abre caminhos para um despertar de conhecimento individual ou coletivo. Porém, esse avanço das tecnologias digitais, das ferramentas e aplicativos disponíveis nos *smartphones* não seria possível se a história da telefonia não tivesse evoluído. Foram necessários estudos e projetos ousados para o telefone passar de um aparelho

que fazia apenas chamada a longa distância a um acessório moderno quase que indispensável na sociedade contemporânea.

2.5 Breve história: da invenção do telefone ao celular

Os aparelhos celulares que conhecemos e estão disponíveis no mercado têm uma longa história. Tudo começou com a invenção do telefone, no final do século XIX. Para Ferreira (2011), o responsável pela invenção revolucionária do telefone foi Alexander Graham Bell, um escocês que, na época com 29 anos, conseguiu um feito que muitos outros cientistas buscavam: inventar um aparelho para comunicação a longa distância.

De acordo com Fernandes, Ravagnani e Saga (2014) e Ferreira (2011), Graham Bell patenteou sua criação no dia 7 de março de 1876, porém a data que marcou a história da telefonia aconteceu poucos dias depois, mais precisamente no dia 10 de março de 1876, quando o criador fez uso do aparelho telefônico durante um evento na Filadélfia, nos Estados Unidos. Embora fosse um estudioso, Graham Bell talvez não imaginasse o quanto sua invenção evoluiria ao longo dos anos.

O inventor do telefone tinha outra importante peculiaridade: trabalhava como professor para surdos. De família influente na área da surdez, ele conhecia o trabalho com deficientes auditivos e com distúrbios da fala. Graham Bell tinha vasto conhecimento e interesse em assuntos relacionados ao som da voz humana. Apesar de trabalhar com métodos voltados para a fala, e ajudar os surdos com aparelhos desenvolvidos para auxiliar na audição, como relata Oliveira (2007), dificilmente Graham Bell poderia imaginar que um dia sua invenção traria ao público surdo possibilidade de utilizar um telefone sem fazer o uso da voz.

Para Ferreira (2011, p. 23), o telefone inventado por Graham Bell “foi uma transição não só de tempo, mas principalmente de cultura e de hábitos”, ou seja, a partir dali, a história da comunicação não seria mais igual. Muitas atividades passaram a ser realizadas sem o deslocamento das pessoas, mudando assim a forma de trabalhar e viver de muitos que usufruíam do telefone.

O telefone chegou ao Brasil no ano 1877 e foi instalado no palácio Quinta da Boa Vista, hoje conhecido como Museu Nacional do Rio de Janeiro. O telefone foi trazido para o Brasil a partir do interesse político do Imperador D. Pedro II, que conheceu a invenção de Graham Bell em 1876, durante a exposição na Filadélfia, nos Estados Unidos. “E com os investimentos em novas redes e equipamentos, a telefonia foi a principal conquista que o século XX herdou, o

que seria também a base para o desenvolvimento de outras técnicas de comunicação [...]” (FERREIRA, 2011, P. 38).

A invenção de Graham Bell foi evoluindo, e muitos outros estudiosos sobre o assunto aprimoraram seu trabalho. Os telefones foram ganhando números, discos, depois teclas e formas diferentes. Com o tempo, foi dispensado o fio entre o aparelho e o gancho. A evolução foi tanta que, após o telefone sem fio, veio o telefone móvel. Segundo Ferreira (2011), o primeiro celular (telefone móvel) foi ativado no Japão no ano de 1976. Fernandes, Ravagnani e Saga (2014) destacam que o primeiro modelo de celular foi criado pela Motorola quase 100 anos após a invenção do telefone fixo. Oliveira (2007) expressa que, no Brasil, o aparelho celular chegou na década de 90, e o Rio de Janeiro foi a primeira cidade a usá-lo.

Segundo Pampanelli (2004, texto digital), os primeiros celulares “pesavam de 3 a 10 quilos, consumiam muita bateria e tinham baixa qualidade e, além disso, o sinal era analógico”. A autora fala que somente na década de 90 os celulares começaram a ter qualidade digital. Conforme Oliveira (2007), a inserção da tecnologia digital permitiu o envio e o recebimento de mensagens através do telefone móvel.

Em 1992, os aparelhos analógicos começaram a ser substituídos pelas redes digitais e, em 1997, nasceu a tecnologia GSM (*Global System for Mobile Communication*). Com um mercado cada vez mais exigente, os celulares foram tomando formas, cores, tamanhos e utilidades diferentes. Pampanelli (2004, texto digital) diz que, a partir dos anos 2000, além da função de enviar e receber mensagens de texto, o envio e recebimento de e-mail também já eram possíveis.

2.6 O *smartphone* e a utilização dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*

Os antigos telefones móveis, que possuíam funções limitadas, hoje foram substituídos pelos *smartphones*, que são os telefones móveis inteligentes. Estes recebem essa classificação por acumularem diversas ferramentas e funções. Este rótulo, inteligente, contribui para sua popularização, pois os usuários buscam por aparelhos cada vez mais sofisticados e modernos.

O termo “*smart*” vem do inglês “inteligente”, traduzindo-se, telefone inteligente. Essa denominação é argumento de vendas pelo fato desses aparelhos serem muito mais do que um celular: são dispositivos que permitem conexão à internet via *wireless* (sem fio), têm capacidade de utilizar *software e windows mobile* (versão do *windows* criada especificamente para dispositivos móveis), acessa e-mails, comunica-se por infravermelho e *bluetooth*: capacidade para sincronizar dados de um computador pessoal: utilizar programas que podem ser carregados em sistema operacional: câmera para foto e vídeo (OLIVEIRA, 2007, p. 13).

Os celulares, que antes apenas eram usados para ligações, agora agregam diversas funções em um único aparelho, igualando-se, assim, a um computador, uma vez que disponibilizam funções semelhantes. Através do uso dos *smartphones*, é possível ter informações imediatas em qualquer lugar e a qualquer hora do dia. Dentre tantas funções, é possível também realizar atividades complexas, como transações bancárias, pesquisas de documentos e sobre a integridade das pessoas. Para Ferreira (2011), é por isso que a venda desses aparelhos cresce a cada dia, e a população está cada vez mais informada e conectada aos acontecimentos ao redor do mundo.

O setor de telecomunicações vive hoje no Brasil um momento de evidente e forte expansão, fruto talvez da maturidade das políticas do setor, e também do momento atual do brasileiro, a exemplo de outras populações, que buscam cada vez mais a integração e a conexão com o mundo externo. Seja com outros cidadãos, seja com redes de relacionamento, seja com conteúdo, tudo leva para o caminho da comunicação e da conectividade (FERREIRA, 2011, p. 87).

Informações da Agência Nacional de Comunicação (ANATEL, texto digital), de fevereiro de 2016, demonstram que o Brasil terminou o mês com 258,1 milhões de celulares. Com tantos aparelhos distribuídos pelo país, podemos afirmar que a sociedade está cada dia mais conectada. Com a evolução das ferramentas disponíveis nos *smartphones*, a criação e a oferta de aplicativos gratuitos, que facilitam a rotina e o entretenimento, aumentaram. Dentre as ferramentas interativas disponibilizadas pelos *smartphones*, o *WhatsApp* e o *Imo* têm uma boa aceitação e são muito usados.

O *WhatsApp Messenger*, ou apenas *WhatsApp*, como é popularmente conhecido, é um aplicativo que permite troca de mensagens gratuitas. Para isso, basta fazer um *download* e estar conectado à internet que já é possível comunicar-se com os contatos do usuário do aparelho, através do aplicativo. O site oficial do *WhatsApp Messenger* o descreve da seguinte forma:

WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para *iPhone*, *BlackBerry*, *Android*, *Windows Phone*, e *Nokia* e sim, esses telefones podem trocar mensagens entre si! Como o *WhatsApp Messenger* usa o mesmo plano de dados de internet que você usa para e-mails e navegação, não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com seus amigos. Além das mensagens básicas, os usuários do *WhatsApp* podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio (WHATSAPP, texto digital).

O site noticiou, também, que em fevereiro de 2016 um bilhão de pessoas já utilizavam o aplicativo. O *WhatsApp* é, atualmente, um dos meios de comunicação mais utilizado, em razão da sua conexão instantânea: a única exigência é estar conectado à internet. Outra peculiaridade do aplicativo é não ter um limite de contatos, nem de mensagens recebidas e enviadas, permitindo que o usuário esteja conectado 24 horas por dia. Em uma pesquisa realizada em dezembro de 2015, por um site brasileiro, o *TechTudo*, sobre o uso de aplicativos nos celulares, o *WhatsApp* surgiu como o mais utilizado pela população, alcançando a marca de 93% dos brasileiros.

O aplicativo preferido dos brasileiros permite enviar mensagens via áudio, vídeos e fotos. Viabiliza também a formação de grupos para conversas e interação, e grava instantaneamente as mensagens, que são recebidas e não visualizadas. Com essas características, é possível compreender o porquê desse aplicativo ter se tornado o mais utilizado no Brasil. A criação de grupos também se tornou um hábito entre os usuários do *WhatsApp*. É comum a criação de grupos de famílias, amigos, colegas de trabalho, amigos de infância, grupos sociais, dentre tantos outros possíveis. A criação desses grupos acontece de acordo com a necessidade dos usuários naquele momento.

Oliveira (2007) acredita “[...] que novas linguagens surgirão com o desenvolvimento dos *smartphones*[...]”, inclusive linguagens que favoreçam os surdos. Destaca que, no cenário atual, o uso desse aparelho, junto com o *WhatsApp*, vem transformando hábitos em relação ao tempo, espaço e distância. Mediante o acesso a esse aplicativo, é possível realizar a conexão e interação com pessoas de diferentes raças, etnias e estilos de vida. Para a autora, viver a tecnologia digital muda a forma das pessoas conviverem entre si na sociedade. O *WhatsApp* se transformou em um dos aplicativos essenciais na vida de quase todos os brasileiros. Dificilmente encontramos uma pessoa que não faça uso dessa ferramenta.

O aplicativo *Imo* é menos popular que o *WhatsApp*, até o momento. Assim como muitos outros aplicativos disponíveis, é gratuito e permite conversas por meio de ligações e textos, porém seu foco principal são as mensagens em vídeo, que podem ocorrer entre duas pessoas ou em grupo.

Imo é um aplicativo de mensagens gratuito para celulares *Android*, *iPhone (iOS)* e PCs com *Windows*. O foco do aplicativo são as mensagens de vídeo, mas ele também permite conversar via texto, imagens e ligações de voz. O aplicativo conta com conversas em grupo, permitindo trocar mensagens e fazer videochamadas com várias pessoas ao mesmo tempo (FREIRE, 2016, texto digital).

Para os surdos, a qualidade da videochamada faz total diferença, uma vez que a sinalização fica mais clara e visível. A tela do aplicativo em questão possuiu o desenho de uma câmera, dando

a entender que a chamada em vídeo é sua principal função. Além dos vídeos e ligações, o aplicativo dispõe de diversas figurinhas divertidas, além de ícones em formato de pincel que permitem escrever ou desenhar algo com a ponta do dedo na tela.

Embora o uso da tecnologia digital proporcione ao surdo novas formas de comunicação e uma interação efetiva com o outro, é necessário ressaltar que, para os surdos, estar em contato físico com seus semelhantes e com aqueles que dominam sua língua é indispensável. A comunidade surda possuiu necessidade de “estar unida”, fortalecendo sua cultura e ampliando seus conhecimentos acerca da língua de sinais.

No capítulo seguinte, exponho os instrumentos de produção de dados, o público-alvo a ser investigado e as ferramentas utilizadas, assim como a forma da análise dos dados, frutos da pesquisa, e os resultados obtidos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresento o percurso dos estudos que conduziram esta investigação e evidencio a caracterização da pesquisa. Apresento também o campo de investigação, os sujeitos participantes, os procedimentos para coleta e análise de dados, bem como o detalhamento das atividades e da prática desenvolvida durante a investigação.

3.1 Descrição do campo de investigação e dos sujeitos da pesquisa

Apesar das inúmeras pesquisas envolvendo ensino e cultura surda, e das contribuições que as tecnologias digitais têm proporcionado para a educação e sociedade, pouco se produz sobre as contribuições dessas tecnologias para os surdos em espaços informais. Então, as dificuldades que os surdos encontram na comunicação e na interação social me fizeram recorrer à experiência profissional com esses indivíduos e analisar de que forma as aprendizagens em espaços informais contribuem para a sua vida.

Desse modo, esta pesquisa é resultante de um problema que identifiquei em minha vivência como dirigente e participante de um grupo de surdos, ao qual venho me dedicando no último ano, e de cujas reuniões tenho participado. As reuniões ocorrem atualmente em minha residência, após a mudança da fundadora e ex-dirigente do grupo para outro estado. A partir dessa convivência, procurei responder à pergunta norteadora desta investigação: Quais as potencialidades do uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* na comunicação de um grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens?

Durante os encontros e reuniões, chamou minha atenção o quanto o grupo de surdos usava o *smartphone* e, mais precisamente, os aplicativos *WhatsApp* e *Imo*. Então, a partir dessa observação, busquei analisar com qual finalidade e frequência o grupo de surdos utilizava essas ferramentas.

Este grupo de surdos, ao qual me refiro e do qual participo, surgiu há, aproximadamente, três anos, participam uma média de 15 surdos com idade entre 12 e 35 anos, nem todos alfabetizados. Antes, tinha uma vertente mais religiosa; atualmente, possui outras exigências, dentre as quais a divulgação e o reconhecimento da cultura surda para a comunidade ouvinte. Dessa forma, foi preciso renovar a proposta. Assim, além de trabalharmos temas do cotidiano, trabalhamos por meio da arte, com apresentações de coral e teatro. É um grupo relativamente novo, no entanto bem conhecido entre os surdos da cidade. Os encontros acontecem em um município do estado do Mato Grosso, a partir do trabalho voluntário dos dirigentes do grupo que buscam integrar os surdos e fortalecer sua cultura.

O grupo foi criado a partir da necessidade sentida por sua fundadora, quando percebeu que na cidade havia alguns surdos que não conheciam e não se relacionavam com a sua cultura. Muitos não se conheciam e viviam transitando entre a comunidade ouvinte, tentando sobreviver à difícil arte de se comunicar em uma língua que não conseguiam compreender bem: o português falado. Assim, os surdos não tinham uma identidade própria.

Na cidade não havia uma associação de surdos. Isso contribuía e contribui para o enfraquecimento da cultura surda, afinal, espaços como esses, informais, são responsáveis pela integração e socialização de um grupo, além de promoverem conhecimento e desenvolvimento social dos que o frequentam. A maioria dos surdos do grupo não conhecia seus direitos, muito menos as leis que os amparam. Antes de participar das reuniões, alguns viviam isolados e negligenciados pela própria família que, muitas vezes, não entende sua cultura, e nem sabe se comunicar através da Língua Brasileira de Sinais.

Sendo assim, por trabalhar muito tempo com surdos e conhecer a necessidade e importância de viverem entre si, fortalecendo laços, valorizando sua cultura e criando sua identidade própria, a fundadora começou a buscar, aleatoriamente, pessoas surdas que conhecia. Fez convites na igreja que frequentava e visitas em casas em que havia surdos. A partir desses convites e encontros, começaram as reuniões em sua casa e, de forma tímida, surgiu o grupo.

Com o passar do tempo, outros ouvintes que trabalhavam com surdos começaram a fazer parte do grupo e entraram para a direção, dividindo responsabilidades, ajudando na divulgação e na busca por mais surdos para integrá-los na sua cultura e proporcionar a eles o convívio com os seus semelhantes. Atualmente somos quatro dirigentes, que se dividem em tarefas como seleção de temas a serem trabalhados com o grupo, organização das reuniões, e demais necessidades que vão surgindo.

A demanda do grupo é grande. Afinal, como existe um número limitado de pessoas que compreendem a LIBRAS, os dirigentes do grupo acabam assumindo inúmeras vezes o papel da

família, sendo necessário tomar frente em diversas situações na vida pessoal dos surdos, como desentendimentos entre amigos e familiares, problemas ou dificuldades escolares e financeiras.

Os surdos que frequentam o grupo possuem uma relação de amizade e intimidade conosco. Na prática, não existe hierarquia, pois nos veem como amigos/intérpretes com quem podem contar para todas as demandas da vida escolar, familiar e profissional. Alguns possuem uma dependência maior e, nesses casos, tomamos frente para resolvermos algumas questões pessoais.

Como exemplo disso, cito o caso de uma surda que me mostrou as contas de água e luz muito altas. Isso me causou estranheza, uma vez que ela mora em um quartinho com banheiro que só tem uma televisão e uma geladeira. Embora estejamos vivendo em um momento em que as tarifas de serviços públicos estão mais caras, o alto valor das contas, comparando com as anteriores, não se justificava. Perguntei a ela se havia algo diferente e ela disse que tinha uns fios ligados aos da sua casa. No dia seguinte ela tirou uma foto e me mostrou. Por meio da imagem, percebi algo aparentemente errado. Compartilhei a situação com os outros dirigentes e fomos até as prestadoras de serviço para resolvermos a situação.

Outra situação foi a separação de um casal de surdos. Como ela não tinha família na cidade, nos tornamos sua referência de apoio. Todas as questões emocionais e estruturais, como arrumar uma casa, caíram sobre nós, os dirigentes do grupo. Um dos dirigentes tomou frente e, por meio do aplicativo *WhatsApp*, nos informou o acontecido. Logo começamos a nos movimentar e, em pouco tempo, ela já tinha casa e uma estrutura básica para recomeçar a vida.

Além de organizar a questão da casa para a surda recém-separada, foi preciso trabalhar, no encontro seguinte, a questão dos limites que julgamos necessário estabelecer, considerando vida pessoal e amizades, uma vez que todos os surdos que participam das reuniões sabiam da separação e ficavam opinando, julgando e comentando abertamente sobre a separação dos colegas.

O fato de terem publicado a separação no grupo do *WhatsApp*, e ficarem discutindo sobre as questões pessoais da relação que não deu certo, fez com que a situação se transformasse em uma novela, cheia de espectadores. Foi então que entrei na conversa e os aconselhei a debaterem sobre a relação pessoal privadamente, pois era um assunto que só dizia a respeito a eles. Eles aceitaram o conselho e pararam de discutir no grupo do aplicativo.

Já foi necessário, também, que alguns dirigentes procurassem a promotoria para resolver assuntos familiares, como negligência e desvio da aposentadoria do surdo. Volto a destacar, aqui, que todo o trabalho dos dirigentes é voluntário e que, por muitas vezes, eles acabam

custeando despesas de transporte para resolver questões ligadas aos surdos, assim como também para buscá-los e levá-los às reuniões.

O Grupo não possui verba para seus gastos e manutenção e, quando os membros precisam de alguma quantia em dinheiro para atividade extra ou viagens, fazem rifas ou vendem comidas típicas. Assim, juntos, buscam meios para realizar as atividades que demandam custos. Os lanches dos encontros são organizados pelo grupo. Cada semana fica sob responsabilidade de um subgrupo, que decide o que servir aos demais. A propósito, todas as decisões relacionadas ao grupo de surdos são tomadas em conjunto, como o nome do grupo, que foi sugerido por um integrante, votado e aceito por todos.

A participação dos surdos não é obrigatória. Eles vão aos encontros por sentirem necessidade de estar entre os seus semelhantes. Alguns são mais faltosos, outros possuem uma participação ativa no grupo e raramente faltam. Interessante ressaltar que o grupo é aberto e receptivo para qualquer pessoa surda ou ouvinte que queira participar dos encontros, ou conhecer e entender um pouco mais a cultura surda.

Inicialmente não estava prevista, no projeto desta pesquisa, a participação dos intérpretes, da família e visitantes. No entanto, achei interessante trazê-los para que pudessem mostrar sentimentos e percepções que nossos encontros promovem ou promoveram na vida de seus familiares ou amigos.

Os encontros acontecem semanalmente, aos sábados, como já mencionado anteriormente, em minha residência. O grupo é frequentado por surdos e ouvintes de diversas idades, porém, a maioria é jovem. Entretanto, há crianças em idade escolar e senhores que moram em fazendas distantes e, sempre que podem, vêm para participar das reuniões. Alguns surdos são alfabetizados e fazem faculdade, outros estão na educação básica do ensino fundamental ao médio. Alguns não são alfabetizados, porém todos do grupo possuem *smartphone* e se comunicam por ele.

As reuniões por vezes são marcadas, confirmadas e organizadas através do aplicativo *WhatsApp*, pois todos que frequentam o grupo, tanto os surdos como os dirigentes, trabalham ou estudam. Por isso, os encontros durante a semana ficam comprometidos. Sendo assim, usamos o *smartphone* para nos comunicar e organizar as reuniões. Essas questões mostram a produtividade da minha pesquisa. Os encontros em espaços informais fortalecem vínculos e auxiliam os surdos nas demandas diárias da vida.

Tendo apresentado uma breve contextualização do grupo de surdos, destaco, na sequência, as ações que foram realizadas em um espaço informal, em um tempo estimado de seis semanas. As reuniões aconteceram uma vez por semana. Contudo, utilizei em média 3

horas por encontro para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que, durante todo o tempo, observei o envolvimento e a interação entre os surdos, bem como o uso do *smartphone* e dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*.

A seguir, apresento a abordagem metodológica no desenvolvimento da pesquisa e a descrição das atividades desenvolvidas.

3.2 Caracterização da pesquisa

Esta investigação, inspirada em um referencial foucaultiano, foi realizada por meio do modelo etnográfico. Utilizei a abordagem qualitativa, a partir da pergunta: Quais as potencialidades dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a comunicação de grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens?

Em relação à pesquisa qualitativa, Moreira e Caleffe (2006, p. 9) afirmam que o “[...] predomínio dessa metodologia se dá na pesquisa em educação em geral e em ciências em particular[...]”, pois os dados podem ser coletados de forma descritiva e interpretativa. Para Creswell (2010), a pesquisa qualitativa apresenta as seguintes características:

[...] uma técnica *qualitativa* é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/ participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados (CRESWELL, 2010, p. 18).

De acordo com as características descritas da pesquisa qualitativa, desenvolvi esta investigação no método etnográfico, pois busquei compreender o comportamento de um grupo. Desse modo, a pesquisa teve como base o grupo de surdos que participa das reuniões e encontros em espaços informais, com o objetivo de analisar como o grupo de surdos utilizava os aplicativos *WhatsApp* e *Imo*, em espaços informais.

O método etnográfico é repleto de características antropológicas e tem como principais referências a etnografia de povos estudados no início do século XX. Para Angrosino (2009, p. 30), “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Esse método se adapta

a pesquisas realizadas para “descrever um povo”. Ao optar por esse modelo de investigação, o pesquisador precisa ter interesse em conhecer e descrever o grupo estudado, a ponto de buscar explicações ou fundamentos para um fato ou fenômeno real desse grupo. O autor ainda acrescenta sobre a etnografia:

Etnografia significa literalmente a descrição de um povo. É importante entender que a etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não com indivíduos. Assim sendo, é uma maneira de estudar grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame de comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados em grupo (ANGROSINO, 2009 p. 16).

De acordo com o autor, a etnografia possibilita um conhecimento mais profundo de um grupo. O autor ainda descreve que, com a disseminação das pesquisas etnográficas, algumas orientações teóricas foram aliadas a ele, como o funcionalismo, feminismo marxismo, internacionalismo simbólico, estudos culturais, entre outras. Dentre essas teorias, a pesquisa em questão se adapta à teoria do internacionalismo simbólico, uma vez que, segundo Angrosino (2009), a sociedade muda de acordo com a interação que se tem na vida social. O autor ainda diz que, embora existam variedades na teoria internacionalismo simbólico, todas possuem as seguintes características:

- as pessoas vivem em um mundo de significados aprendidos que são codificados como símbolos e que são compartilhados através de interações em grupo social específico;
- símbolos são motivos que impelem as pessoas a desempenhar suas atividades;
- a própria mente humana cresce e muda em resposta à qualidade e à extensão das interações nas quais os indivíduos se envolvem;
- o *self* é uma construção social – nossa noção de quem somos desenvolve-se apenas no curso da interação com os outros (ANGROSINO, 2009, p. 20).

Assim sendo, quando pesquisei sobre as potencialidades dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a comunicação de grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens, estive atenta para observar as possibilidades de uso do aparelho telefônico e dos aplicativos pelo grupo de surdos. Para obter resposta à minha pergunta, analisei, durante a pesquisa, a relação dos surdos envolvidos com as ferramentas citadas e a forma como as manuseavam.

A pesquisa teve como objetivo encontrar respostas, por meio de métodos científicos, para um problema levantado. “Estes métodos, mesmo que às vezes não obtenham respostas

fidedignas, são os únicos que podem oferecer resultados satisfatórios ou de total êxito” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 2). Afinal, toda pesquisa precisa conter métodos e técnicas de investigação.

Para Gil (2010), a pesquisa é realizada quando não existem ou não há respostas suficientes e necessárias para o problema em questão. O autor afirma ainda que a pesquisa possui algumas fases que devem ser desenvolvidas ao longo do processo. Vão da “formulação do problema” até a fase final da pesquisa, ou seja, a “apresentação dos resultados”. De acordo com Marconi e Lakatos (2012), ao definir os métodos e técnicas da investigação, é preciso observar o problema da pesquisa, pois os instrumentos metodológicos devem estar em acordo com o “problema a ser estudado”. Os autores ainda afirmam que:

Nas investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método, ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todos os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 17).

Dessa forma, utilizei como instrumento de produção de dados as entrevistas (APÊNDICE C), que foram registradas em vídeos. Realizei também a observação participante. Para Yin (2010, p.138), “A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo”. Por fazer parte, atualmente, da diretoria do grupo de surdos e participar pontualmente das reuniões e encontros, acredito que tenha escolhido a metodologia correta.

Sendo a pesquisa desenvolvida com um grupo de surdos, realizei algumas gravações por meio de vídeos. Angrosino (2009, p. 31) acrescenta que a observação participante não deve ser considerada um método de pesquisa quando isolada dos demais métodos, uma vez que ela é “contexto comportamental a partir do qual um etnógrafo usa técnicas específicas para coletar dados”. Para o autor, uma pesquisa eficaz é aquela que acrescenta outros instrumentos à investigação.

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coletas de dados para saber sobre a pessoas e seu modo de vida (ANGROSINO, 2009, p. 34).

Gil (2010, p. 121) completa, dizendo que a “observação participante consiste na participação real do pesquisador”, estando o investigador ligado ao grupo ou assumindo um papel nele. Já Ruiz (2011, p. 53) contribui, afirmando que “a observação pode ser natural e

espontânea ou dirigida e intencional”, pois o pesquisador pode, além de participar, provocar os encontros ou reuniões, se necessário.

A observação participante abordada nesta pesquisa teve como finalidade qualificar a pesquisa e adquirir dados para responder às seguintes perguntas: Quais as potencialidades do uso do *smartphone* para um grupo de surdos? Como um grupo de surdos utiliza os aplicativos disponíveis para os *smartphones*? Quais as implicações que os encontros em espaços informais têm nas relações entre os surdos e em suas aprendizagens?

Como forma de identificar os surdos participantes e responder às perguntas desta investigação, realizei entrevistas individuais durante as observações e após a explicação sobre o trabalho que foi realizado. Para Ruiz (2011), uma entrevista deve conter perguntas bem elaboradas e deixar o entrevistado à vontade, evitando perguntas inoportunas ou indiscretas. Dessa forma, o pesquisador conseguirá resultados mais eficazes.

Entrevista – Consiste no diálogo com o objetivo de colher, de determinada fonte, de determinada pessoa ou informante, dados relevantes para a pesquisa em andamento. Portanto, não só os quesitos da pesquisa devem ser bem elaborados, mas também o informante deve ser criteriosamente selecionado (RUIZ, 2011, p. 51).

De acordo com Yin (2010, p. 133), a entrevista, que nesta investigação foi filmada e depois transcrita, é uma forma de investigação “menos rígida”, permitindo uma liberdade maior ao entrevistado. Os recursos utilizados evidenciaram não apenas as fontes dos dados, mas também um conjunto de situações e vivências relacionadas ao tema da investigação.

Para problematizar o uso das tecnologias e, principalmente, do *WhatsApp* e *Imo* para os surdos em espaços informais, foi criado um grupo de discussão no aplicativo. Convidei os surdos que frequentam as reuniões para participarem desse grupo. No grupo de discussão, busquei, por meio de imagens relacionadas à cultura surda e questionamentos, compreender de que forma tais tecnologias digitais vêm contribuindo para a comunicação e interação social dos surdos.

1. Análise (ou explicação): É a tentativa de evidenciar relações existentes entre o fenômeno e outros fatores. [...] Na análise, o pesquisador entra com mais detalhe sobre os dados decorrentes [...]

2. Interpretação: É a atividade intelectual que procura dar significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos [...] (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 21).

Elaborei a análise dos dados desta pesquisa, a partir das entrevistas, observações, filmagens e discussões desenvolvidas por meio do aplicativo *WhatsApp*. Segui a análise do

conteúdo, objetivando a preservação e o rigor da coleta de dados observados. Marconi e Lakatos (2012) complementam, dizendo que a análise e interpretação dos dados, após serem manipulados, passam a ser o ponto central da pesquisa. Concluem, dizendo que, embora a análise e a interpretação de dados sejam distintas, se complementam, pois estão “estritamente relacionadas”.

3.3 Inspirações Foucaultianas

Ao buscar as concepções de Foucault (2005) para basear a análise dos dados desta pesquisa, compreendi que as verdades são transitórias e que surgem de acordo com o período em que se vive. Podemos dizer que vivemos em busca da verdade e que nela se baseia todo nosso contexto de vida. Entretanto, Foucault questiona o porquê dessa preocupação excessiva com a verdade:

Por que a verdade? Por que nos preocupamos com a verdade, aliás, mais do que conosco? E por que somente cuidamos de nós mesmos através da preocupação com a verdade? É certamente, nesse campo da obrigação de verdade que é possível se deslocar, de uma maneira ou de outra, algumas vezes contra os efeitos de dominação que podem estar ligados às estruturas de verdade ou às instituições encarregadas da verdade (FOUCAULT, 2004, p. 10).

De acordo com o pensamento Foucaultiano, a verdade é uma construção da história, tal como o sujeito é, com sua complexidade, emoções, natureza e experiências de vida. Sobre as práticas sociais, o autor diz que “podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos do conhecimento” (FOUCAULT, 2009, p. 08).

Desse modo, as práticas sociais ampliam nossa capacidade de saber sobre nossa identidade e de estender nossos saberes e nossas verdades. Assim sendo, os encontros em espaços informais podem nos permitir criar novos saberes e novas verdades. Sobre a verdade, Foucault cita que:

[...] uma espécie de história interna da verdade, a história de uma verdade que se corrige a partir de seus próprios princípios de regulação: é a história da verdade tal como se faz ou a partir da história das ciências. Por outro lado, parece-me que existem, na sociedade, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas – regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber – e por conseguinte podemos, a partir daí, fazer – uma história externa, exterior, da verdade (FOUCAULT, 2005, p. 11).

As verdades e os saberes surgem de acordo com as experiências vividas, com as histórias e com lugares que frequentamos ou aos quais pertencemos. Foucault (2006, p. 25) acrescenta que “existem momentos na vida onde a questão de saber, de poder pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar e a refletir”. É necessário que o sujeito se conheça, para que suas verdades, seus saberes sejam seus, e não somente influências externas. Foucault reflete sobre a importância do sujeito se conhecer:

[...] se você se cuida adequadamente, ou seja, se sabe ontologicamente o que você é, se também sabe do que é capaz, se sabe o que é para você ser cidadão em uma cidade, ser o dono da casa em um oikos, se você sabe quais são as coisas das quais deve duvidar e aquelas das quais não deve duvidar, se sabe o que é conveniente esperar e quais são as coisas, pelo contrário, que devem ser para você completamente indiferentes, se sabe, enfim, que não deve ter medo da morte, pois bem, você não pode a partir deste momento abusar do seu poder sobre os outros.[...]. Neste novo contexto, o cuidado de si assumirá inicialmente a forma da renúncia a si mesmo (FOUCAULT, 2004, p. 7).

A fala do autor, mais uma vez, nos remete a um dos objetivos dos encontros do grupo: valorizar a cultura dos surdos e instruí-los sobre seus direitos, para que possam compreender que ocupam um espaço na sociedade. Para o autor, o sujeito está em permanente concepção da sua opinião, dos seus sentimentos e valores.

Segundo Foucault, é por meio do discurso que se estabelece o conhecimento do sujeito. As pessoas vão mudando por meio das organizações sociais, que vão se modificando ao longo da história. Para Foucault (2005, p. 10) É interessante “[...] ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história”. Para o autor, a história vivida é de extrema importância para entender as enunciações da sociedade contemporânea. Diante disso, ressalto novamente a importância, na vida do surdo, dos encontros em espaços informais.

Sobre os discursos, Foucault ainda acrescenta a respeito que:

[...] em todas as sociedades, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade (FOUCAULT, 2007, p. 9).

Foucault (2007) ressalta que o discurso não é livre de interesse; está aliado ao desejo e ao poder. O discurso, por vezes, é a manifestação de um acontecimento, de um sentimento, que

pode ser ou não um discurso verdadeiro, pois a verdade está ligada ao interesse da interpretação do discurso.

De acordo com Foucault (2007, p. 26-27), existem muitas enunciações “[...] que circulam, sem receber seu sentido ou eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos: conversas cotidianas, logo apagadas; decretos ou contratos que precisam de signatários, mas não de autor; receitas técnicas transmitidas no anonimato”. Sendo assim, é preciso analisar os discursos, conhecer seus autores e buscar interpretá-los de acordo com a história e com as experiências vividas. O autor diz que as enunciações são produzidas de acordo com aquele que ouve e aquele que fala, por isso as está sempre reforçando ou atenuando.

A análise do pensamento é sempre *alegórica* em relação ao discurso que utiliza. Sua questão, infalivelmente, é: o que se dizia no que estava dito? A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem (FOUCAULT, 2008. p.31).

De acordo com o filósofo, não é possível uma enunciação ser igual a outra, no entanto é possível que duas enunciações tenham um mesmo enunciado. E foram as repetições que chamaram a atenção, que foram analisadas. Para Foucault ao transmitirmos informações, podemos omitir, ou acrescentar dados. Dessa forma, corremos o risco de modificar a verdade que nos cerca, seja sobre a cultura ou sobre o discurso a ser dito.

Durante todo o trabalho, assim como na análise subsequente, não busquei representar os surdos, ou falar deles. Procurei, por meio da minha vivência com eles, defender a importância e a necessidade da interação entre eles, pois, segundo Foucault (2007, p.60), “[...]o sujeito que fala nesse discurso, que diz “eu” ou que diz “nós” não pode, e aliás não procura ocupar a posição de jurista ou do filósofo, isto é, a posição do sujeito universal, totalizador ou neutro[...]”. Para Foucault, a análise do discurso está vinculada ao que se pensa, se faz, e se diz, em cada período em que se está, uma vez que, para o autor, as enunciações estão associadas aos acontecimentos históricos.

Nesse contexto, baseada na análise do conteúdo dos materiais que selecionei como instrumentos – entrevista, gravações de vídeos e observação –, obtive respaldo para responder à questão que conduziu minha pesquisa – Potencialidades dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a comunicação de grupo de surdos em espaços informais de aprendizagens. A seguir, descrevo as reuniões e encontros realizados com o grupo de surdos.

3.4 Detalhamento das Atividades

Neste capítulo descrevo as atividades realizadas com os sujeitos participantes desta pesquisa, um grupo de surdos. Os encontros foram realizados em 6 momentos, com uma média de 3 horas de duração cada. O objetivo do trabalho foi identificar as potencialidades do uso de alguns aplicativos do *smartphone*, como o *WhatsApp* e o *Imo*, para a comunicação de grupo de surdos. Para isso, observei, durante as reuniões, de que forma este grupo de surdos utiliza os aplicativos *Imo* e *WhatsApp*, e quais as implicações que os encontros em espaços informais têm nas relações sociais entre os surdos.

Adotei a mesma proposta de trabalho em todos os encontros. Inicialmente, elegia um tema para a semana. Os assuntos eram sempre voltados para as áreas da surdez e da cultura surda. Seleccionava as imagens, que eram retiradas da internet, e enviava pelo aplicativo *WhatsApp* para reflexão, discussão e análise do grupo. As imagens eleitas traziam conceitos, ou representações a respeito dos temas abordados. Algumas incluíam palavras ou frases de fácil compreensão para o grupo que teria acesso.

Elegi, para cada semana, um assunto diferente a ser discutido, seguindo essa sequência: Setembro azul; Aparelhos auditivos e implante coclear; Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; educação bilíngue; e as preferências entre os aplicativos *WhatsApp* e *IMO*. Posteriormente, nos encontros presenciais, dávamos continuidade aos questionamentos a respeito das imagens e ao tema abordado durante a semana, no aplicativo.

Durante a realização das atividades desta pesquisa, os surdos participaram das ações em momentos e locais diferentes: pelo aplicativo *WhatsApp*, na sede do grupo, e em dois ambientes externos. Uma das reuniões externas aconteceu na casa de uma surda participante do grupo, e a outra, em uma escola estadual da região. As reuniões sempre começavam com informações a respeito da agenda, de compromissos, ou outra demanda relacionada aos componentes do grupo no momento. Para auxiliar durante o desenvolvimento das atividades, contei com a presença de intérpretes. Também utilizei o Datashow para projetar as imagens a serem novamente expostas e discutidas.

3.4.1 Primeiro Encontro

O primeiro encontro aconteceu no dia 28 de setembro de 2016, em uma escola estadual da cidade do Mato, onde residem os sujeitos da pesquisa. Nesse dia, o grupo fora convidado para participar de um evento na escola em comemoração ao dia do surdo. O convite partiu de

um dos intérpretes do grupo que atende um aluno surdo nessa escola, que também participa do grupo de surdos. O setembro Azul é uma data comemorada pela comunidade surda pois [...] marca a lembrança das pessoas surdas, de suas lutas e conquistas. Alia-se à cor azul que simboliza a comunidade surda e está presente no laço que representa o conceito de ser surdo” (BESERRA; MELO; SOUZA, 2011, p. 756).

Os dirigentes do grupo, entre os quais me incluo, resolveram fazer a reunião nessa data, pois no sábado, dia em que normalmente ocorrem as reuniões, não seria possível devido a compromissos pessoais da maioria dos participantes do grupo. Realizamos esse encontro no pátio da escola, antes de o evento começar e o espaço ser tomado pela comunidade escolar.

Depois, os alunos da escola se juntaram a nós e juntos participamos de um ciclo de palestras com os seguintes temas: Libras como processo de inclusão na comunidade escolar; Cultura surda e educação de surdo (ministrado por mim); Depoimento da mãe do aluno surdo sobre a descoberta da surdez; Período de aceitação da Língua de Sinais e Implante coclear. Em seguida, apresentamos o teatro e o coral em LIBRAS. Em comemoração ao setembro azul, e aos 10 surdos presentes, houve uma homenagem para a qual a equipe da escola providenciou um bolo com símbolo da surdez. No final das atividades, nos reunimos em volta do bolo e, junto com toda a escola, cantamos parabéns para os surdos presentes.

Vale ressaltar aqui que, em toda a programação, o que mais me chamou atenção foi a curiosidade dos demais alunos da escola em relação à vida do colega surdo. Durante o depoimento da mãe, surgiram perguntas como estas: como você descobriu que ele era surdo? Como você briga com ele? Como ele assiste televisão? Ele brinca de que em casa?

A mãe do aluno, que está aprendendo a língua de sinais, foi respondendo a cada pergunta feita. Disse que descobriu quando ele ainda era bebê. Desconfiou da surdez porque ele não regia aos sons, e era muito bom de sono, pois dormia em qualquer lugar e a qualquer hora. Esse relato da mãe arrancou gargalhada dos colegas, pois ela completou dizendo: o mundo podia estar acabando em barulho que nada acordava esse menino. Outra fala da mãe a respeito das demais perguntas foi que ele é uma criança normal, como qualquer outra, só fala de forma diferente. Foi uma tarde em que se pôde ver o verdadeiro sentido da inclusão. Ainda em relação à inclusão dos surdos, Lopes e Menezes (2010) dizem que:

Não pode, no entanto, ser um processo lido como “ser contra a inclusão”, mas pode ser lido como movimento de resistência à anormalização surda por um tipo de inclusão que acolhe o surdo como alguém que deve se alojar inconfortavelmente na casa de outro. A resistência como oposição surda está para certos jogos onde a inclusão se dá como imposição e como anormalização surda e não para outros jogos onde o espírito

que fazem movimentar as negociações é o da relação ética com o outro (LOPEZ; MENEZES, 2010, p. 76).

Para promover a inclusão do aluno surdo daquela escola, o intérprete desenvolve o projeto sobre a disseminação da LIBRAS e o conhecimento da cultura surda na comunidade escolar em que atua. Pode-se dizer que, de acordo com as autoras, a inclusão começa quando as diferenças do outro são respeitadas pelo grupo ou lugar em que o surdo está inserido.

Discussões a respeito da escolha entre escolas inclusivas e especiais para surdos ainda são comuns, não apenas no âmbito educacional, mas também no convívio familiar. No caso dos que têm surdez, a comunicação e o fortalecimento da cultura é o que mais conta na preferência por escolas especiais para surdos. Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 93) veem a escola de surdos como “um marcador de uma diferença que é usado pela própria comunidade para, em um primeiro momento, determinar a aproximação surda e, posteriormente, para determinar uma forma relacional e cultural de estar no mundo”. O contato com seus semelhantes ajuda não apenas na melhora da autoestima, como também no desenvolvimento escolar e humano do aluno surdo.

Sendo assim, o intérprete acredita que, por meio da proposta não formal de ensino, ou seja, um evento direcionado a toda comunidade, possa ajudar a disseminar o conhecimento acerca da cultura surda e contribuir de forma efetiva para a inclusão do aluno surdo. Desse modo, tanto os surdos convidados, como a comunidade escolar e a família tiveram oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o “setembro azul” e sobre a inclusão do aluno surdo na escola regular.

Nesse sentido, Ghon (2004, p. 53) cita que o “aprendizado ocorre quando as informações fazem sentido para os indivíduos inseridos num dado contexto social”. Sendo assim, ao se relacionar com um aluno surdo, a comunidade escolar passa a ter condições de compreender, na prática, a diferença cultural que ocorre entre os surdos e ouvintes. A atividade proposta nesse dia permitiu que toda comunidade escolar visse, na prática, como deveria ocorrer a inclusão desses alunos.

Lopes e Menezes (2010) afirmam que o ato de estar num mesmo lugar não garante a inclusão de um aluno, tampouco sua aprendizagem. Dessa maneira, o projeto contribuiu para que a comunidade escolar compreendesse que é necessário conhecer as peculiaridades do aluno surdo daquela instituição para, assim, propor um ensino de acordo com sua realidade.

Para que pudesse começar a trabalhar na minha pesquisa, marcamos com os surdos para que chegassem na escola uma hora e meia antes do início do evento. Consequentemente,

teríamos tempo para conversar sobre o evento e a importância da data comemorada, e para eu apresentar minha proposta de trabalho do mestrado. Nesse momento, iniciei minha investigação. Embora soubessem que faço mestrado em ensino e que desenvolveria algumas atividades com o grupo, os surdos ainda não tinham informações mais específicas sobre o assunto.

Quando falei que meu Mestrado era realizado em Lajeado, cidade do interior do Rio Grande do Sul, alguns surdos acharam que eu teria de me transferir para a cidade gaúcha. Disseram que iam sentir saudades quando eu fosse embora, e que não era para eu ir embora. Expliquei que isso não aconteceria, uma vez que fazia as disciplinas no regime modular, e só ia ao Rio Grande do Sul quando necessário.

Então, explanei minha proposta de investigação e lhes entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A e B), em duas vias. Recolhi dos surdos maiores de idade o termo assinado e o entreguei aos surdos menores para que os responsáveis pudessem autorizar a sua participação, bem como o uso dos seus dados e das imagens feitas. Para não faltar com informações importantes, entrei em contato com os responsáveis, pedindo a autorização e explicando o teor da pesquisa.

Esclareci, ainda, que iria criar um novo grupo no WhatsApp para nossas atividades relacionadas a esta pesquisa, pois já tínhamos outros com os surdos e ouvintes do grupo: um com o antigo nome do grupo, outro com o nome atual do grupo, e o grupo apenas com os familiares dos surdos. Expliquei que, no novo grupo criado, conversaríamos sobre as imagens que enviaria, e que ali seria um espaço de debates, discussões e informações acerca de assuntos relacionados à cultura surda e à surdez.

Informei que, ao longo dos encontros, faria entrevistas individuais (APÊNDICE C) a respeito dos temas abordados na pesquisa, e que essas seriam gravadas em vídeos para, posteriormente, serem descritas por mim. Para essa atividade da entrevista, contei com o apoio dos intérpretes que participam das reuniões. Também salientei que a participação no grupo seria livre e que poderiam escrever suas opiniões e ponto de vista em relação à imagem enviada. Denominei o grupo como Pesquisa Mestrado. Dessa forma, poderiam identificar quando as mensagens fossem chegando no grupo. Na parte em que o aplicativo WhatsApp permite incluir uma foto ou imagem, selecionei esta:

Figura 1 – Grupo Pesquisa Mestrado



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=40606>

A escolha por trabalhar com imagens se dá devido ao fato de os surdos terem uma compreensão mais ampla quando podem dispor do apoio de recursos visuais, uma vez que “[...] Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos [...]” (STROBEL, 2009, p. 40). O apoio de imagens facilita a compreensão de diversos assuntos ao surdo. Nesse sentido, Karnopp (2008, p. 8) diz que a “[...] experiência visual, além do uso da língua de sinais, implica dividir a comunicação, e isto também caracteriza a cultura surda”.

Assim, busquei me apoiar em imagens e indagações ou enunciações simples e curtas, ao invés de textos grandes, para apresentar os temas a serem abordados pelo *WhatsApp*. Sobre a leitura e compreensão das enunciações, Foucault (2008, p. 55) contribui, dizendo que o discurso não se limita à linguagem ou à fala: “certamente os enunciados são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”.

Dessa forma, finalizei o primeiro encontro, afirmando que no dia seguinte criaria o grupo com o nome Pesquisa Mestrado, no aplicativo *WhatsApp*. Expliquei que enviaria uma imagem para discutirmos durante a semana e que, no próximo encontro, fecharíamos o tema com um debate em grupo.

Então, no dia seguinte, por meio do contato telefônico dos surdos que participam dos encontros semanais, criei o grupo Pesquisa Mestrado no Aplicativo *WhatsApp*. Dessa maneira, utilizei o aplicativo para enviar imagens com dizeres, informações e indagações acerca dos temas em relação à cultura surda e à surdez. Para estimular a participação do grupo, falava com eles várias vezes ao dia, em diferentes horários.

3.4.2 Segundo encontro

O segundo encontro ocorreu no dia 08 de outubro de 2016. A reunião foi realizada na casa de uma surda participante do grupo. Na ocasião, a integrante do grupo ofereceu um jantar para comemarmos o “setembro azul” e apresentou ao grupo um casal de amigos surdos de outro estado do Brasil, que estava de visita em sua residência. A comemoração veio ao encontro do tema discutido durante a semana no grupo do aplicativo WhatsApp sobre as lutas e conquistas da comunidade surda.

A escolha desse tema para início das atividades da pesquisa se deu pelo fato de as investigações começarem no mês de setembro, e já estarmos em clima de comemoração da data. Para os surdos, o mês de setembro tem um significado de comemoração e representação de suas conquistas políticas e culturais.

Como fruto desse processo político surgiu o denominado Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda, que organizou o Setembro Azul, para o qual foram previstos seminários, palestras, apresentações teatrais, passeatas, audiências públicas e exposições em defesa das escolas bilíngues para surdos. Importante lembrar que o mês escolhido não foi arbitrário, visto que dia 26 do mês em questão é o Dia Nacional do Surdo, celebrado na data de fundação do citado INES⁴. Ademais, o azul, ou mais especificamente o azul turquesa, de acordo com informes do movimento, foi escolhido para representar a comunidade surda em todo o mundo, gerando então o Setembro Azul (SLVA; ASSÊNSIO, 2011, p. 02).

Dessa forma, também foi possível reforçar a importância de o grupo permanecer sempre unido, fortalecendo sua cultura. Lancei para discussão o tema setembro azul, para compreender o quanto esse grupo de surdos sabe de sua história e luta. Também buscava identificar que conhecimentos eles possuíam acerca do setembro azul, e de que forma buscavam por informações a respeito das dúvidas, temas e curiosidades que tinham.

O debate a respeito desse tema começou no início da semana, por meio do *WhatsApp*. A primeira imagem selecionada, e postada no aplicativo, foi uma gravura que mostra apenas palavras e símbolos relacionados à surdez. A escolha por priorizar imagens se deu pelas

⁴ O INES é reconhecido, na estrutura do MEC, como centro de referência nacional na área da surdez, exercendo os papéis de subsidiar a formulação de políticas públicas e de apoiar a sua implementação pelas esferas subnacionais de Governo. O Instituto Nacional de Educação de Surdos, único em âmbito federal, ocupa importante centralidade na educação de surdos, tanto na formação e qualificação de profissionais na área da surdez, por meio da Educação Superior – Ensino de Graduação e Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão – quanto na construção e difusão do conhecimento, por meio de estudos e pesquisas, fóruns de debates, publicações, seminários e congressos, cursos de extensão e assessorias em todo o Brasil.

difficultades de alguns surdos do grupo com a leitura de textos mais extensos, além do fato de alguns membros do grupo ainda estarem se alfabetizando. Quadros e Massutti (2007) dizem que, para o surdo, a “experiência visual” também é um “espaço de produção” e, conseqüentemente, de aprendizagem e compreensão dos assuntos e temas a serem discutidos.

Figura 2 – Setembro Azul



Fonte: <http://diariodosurdo.com.br/2015/09/setembro-azul-precisamos-comemorar/>

Logo após a imagem, enviei questionamentos a respeito do movimento: o que vocês entendem sobre o setembro azul? Vocês acham importante essa data? A partir das respostas, ia acrescentando outras perguntas. Tanto no primeiro dia de debate, como nos outros, foi necessário repetir os questionamentos, pois alguns membros do grupo entravam na discussão em diferentes momentos. Dessa forma, algumas vezes repeti a imagem e os questionamentos.

Interessante que, durante essas repetições, os surdos, que já haviam demonstrado seu posicionamento, voltavam a participar dos debates, e algumas vezes questionavam os colegas sobre o assunto, tornando a discussão mais interessante. A discussão ocorreu de forma espontânea por parte do grupo, e surgiram muitas informações e opiniões pessoais a respeito do assunto. Foi perceptível a compreensão que a maioria tem do tema abordado e o quanto conhecem da sua história.

No encontro presencial, os surdos participaram do debate de forma aberta, falando sobre as lutas surdas e o que conheciam sobre o setembro azul. Havia nesse dia 19 surdos presentes, 4 eram visitantes de outra cidade que estavam passeando na cidade. Um dos surdos visitante, que era mais experiente no assunto *em* relação ao restante do grupo, falou de forma surpreendente a respeito da data comemorada. Demonstrou um conhecimento profundo sobre o tema ali discutido. Esclareceu o porquê dessa data ter sido eleita. A descrição feita pelo surdo vai ao encontro do que afirmam SILVA et al. (2009, p. 02), segundo os quais, a escolha do dia “26 de setembro não foi aleatória, pois nela comemora-se o Dia Nacional do Surdo, reconhecido oficialmente pela Lei Federal 11.796”.

3.4.3 Terceiro Encontro

O terceiro encontro ocorreu no dia 15 de outubro de 2016, no local que é sede das reuniões. Nesse dia, não faltou nenhum surdo, o grupo estava ansioso e sensibilizado devido a um ato violento que havia acontecido com um surdo, morador da região. Ele fora violentamente agredido, tivera seu carro roubado e fora abandonado agonizando em uma cidade vizinha. Foi preciso uma conversa serena sobre o fato ocorrido, pois havia muitas especulações referente às causas da violência, dentre elas o fato dele ser surdo.

Foi justamente pelo aplicativo utilizado para realizar esta investigação, que recebemos a notícia de que um surdo havia sido brutalmente espancado e se encontrava em estado grave no pronto socorro do único hospital público da cidade. Mal pudemos acreditar que a imagem enviada do rosto desfigurado era do surdo, nosso conhecido. Em segundos, por meio do *WhatsApp*, a notícia tomou a cidade que ficou chocada com tamanha violência. Após alguns dias, o quadro do surdo agredido ficou estável, porém ainda inspirava cuidados.

O fato de o surdo, na data da reunião, ainda estar correndo risco de vida, deixava o grupo comovido. Embora estivéssemos mantendo contato com pessoas de dentro do hospital, as notícias do estado de saúde dele eram superficiais. O contato informal que tínhamos com as pessoas que trabalhavam no hospital era sempre realizado pelo *WhatsApp*. Assim, repassávamos para o grupo e, dessa maneira, trocávamos informações. Nas mensagens trocadas, eram comuns pedidos de orações aos colegas surdos e ouvintes para o surdo violentado e frases como “Jesus abençoar ele”. Cada notícia enviada para o aplicativo de um surdo, se multiplicava rapidamente, pois todos iam repassando as informações, conforme as iam recebendo.

No decorrer da reunião, os ânimos foram se acalmando e a atividade com o grupo começou a fluir. A partir daí, mostrei, por meio de equipamento de multimídia Datashow, as mesmas imagens que havia enviado no começo da semana, pelo aplicativo. As imagens selecionadas eram do implante coclear⁵ e do Aparelho de Amplificação Sonora Individual – AASI, conhecido como aparelho auditivo⁶, conforme imagem a seguir. Tinha como objetivo

⁵ O implante coclear é um dispositivo eletrônico de alta tecnologia, também conhecido como ouvido biônico, que estimula eletricamente as fibras nervosas remanescentes, permitindo a transmissão do sinal elétrico para o nervo auditivo, afim de ser decodificado pelo córtex cerebral.

⁶ O Aparelho Auditivo possui um ou mais microfones que captam o som do ambiente. O sinal acústico é transformado em sinal elétrico, que é amplificado e adaptado de acordo com a [perda auditiva](#). O receptor reconverte o sinal elétrico em sinal acústico e o direciona para dentro do canal auditivo.

conhecer a opinião dos surdos do grupo sobre esse aparelho e os motivos que os fazem preferir um desses aparelhos, especificamente.

Figura 3 – Implante coclear



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=implante+coclear&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjoeK915LSAhWMkJAKHcJqAFsQ_AUIBigB#imgsrc=OeeFASiqfvnrtM:

Figura 4 – Aparelho auditivo



Fonte: <http://www.aparelhosauditivoscadi.com.br/aparelho-auditivo-rite-e-mini-rite>

Vale ressaltar que existem estas duas possibilidades para os surdos terem estímulos auditivos: o implante coclear e o aparelho auditivo. A diferença entre os dois é grande. O implante é feito por procedimento cirúrgico, quando o surdo tem perda bilateral, ou seja, nos dois ouvidos, e não pode usufruir do aparelho auditivo. Já o AASI é um ampliador de som e possuiu apenas uma peça que fica do lado externo da orelha, sem necessidade de intervenção cirúrgica. Muitos surdos não apoiam o uso do implante, pois acreditam que tal tecnologia vem com um risco cirúrgico desnecessário. Para Thoma (2002), a indicação pelo implante coclear, ou pelo uso do aparelho auditivo, se dá na intenção de padronizar o ser humano.

[...]existem os que defendem que a tecnologia pode “igualar os homens”, promovendo o investimento em artefatos que levem à “normalização” o mais possível do corpo deficiente, como é o caso das cirurgias e implantes de córneas para cegos e cocleares para os surdos, ou os membros mecânicos implantados em pessoas com deficiências físicas ou paralisadas (THOMA, 2002, p. 71).

O ponto de vista da autora confirma a visão que a população tem a respeito dos surdos, ou de qualquer pessoa com deficiência: para ficar bem, é necessário ser igual ao outro. Isso não é uma crítica a quem se submete a esses procedimentos; pelo contrário, a ideia é refletir que, o que para alguns é uma deficiência, para outros é apenas um modo de vida ou cultura diferente, como no caso dos surdos. Com essas considerações, podemos compreender que a “comunidade surda considera a surdez um traço cultural e não uma falha genética, como acredita a normalidade ouvinte” (THOMA; PELLANDA, 2006, p. 125).

Strobel (2008, p. 50) afirma ainda que, mesmo o surdo se aceitando, é difícil para a família superar a surdez e, baseado nisso, aponta que as “expectativas de cura tomam o tempo e os esforços da família e estão presentes em todos os encontros e reunião familiares. Todo desgaste ocorre, na esperança da normalização”. O uso desses artefatos é, na maioria das vezes, estimulado ou imposto pela família, principalmente quando ainda são crianças. Thoma e Pellanda (2006) ainda contribuem, dizendo que:

[...] na busca por uma cura definitiva da surdez, os aparelhos auditivos de amplificação sonora e os implantes cocleares têm aparecido com significativa força, se impondo sobre as identidades, as comunidades e as culturas surdas. Numa suposta equiparação de oportunidades dos sujeitos surdos, pedaços biônicos são implantados nos corpos que não ouvem, acreditando-se ser essa uma possível forma de recuperação do corpo danificado (THOMA; PELLANDA, 2006, p. 124).

O que a autora defende aqui vai ao encontro do ocorrido na reunião, uma vez que os surdos do grupo foram quase unânimes na rejeição ao uso desses aparelhos, principalmente em se tratando do implante coclear. O grupo se mostrou entendedor dos benefícios e malefícios de cada uma das opções mostradas em relação aos aparelhos auditivos.

3.4.4 Quarto encontro

O quarto encontro, que também contou com a presença de todos os surdos participante do grupo, aconteceu no local de costume da reunião, no dia 22 de outubro de 2016. Nessa ocasião, tivemos a presença de um candidato a vereador e sua comitiva. O candidato nos solicitou um tempo para apresentar suas propostas políticas ao grupo de surdos. O contato com o grupo devia-se ao fato de o vereador estar envolvido na organização legal dos documentos

para criar a primeira associação dos surdos da cidade. Dessa forma, além de conhecer o grupo, estava ciente das suas necessidades.

Na ocasião, o projeto da associação estava parado e havia necessidade de reestruturação, uma vez que o surdo que sofrera a violência relatada anteriormente era o presidente da associação. Assim, devido seu estado debilitado, não continuaria no cargo. Desse modo, seriam necessárias novas eleições para Presidente e representantes da associação.

O candidato a vereador começou se apresentando oralmente, e com a ajuda do interprete da língua de sinas, foi contando um pouco da sua história de vida e família, até chegar nos seus projetos. Apresentou suas propostas, lembrando, de forma sutil, seu envolvimento com o movimento para a criação da associação. Após quase uma hora de conversa, agradeceu a oportunidade e o espaço e solicitou o apoio do grupo. Um fato interessante surgiu assim que o candidato e sua comitiva foram embora. Os surdos começaram a discutir entre eles em quem votariam. Uns diziam que sim, que iam votar nesse candidato; outros, que estavam com dúvidas, e ainda outros diziam que não votariam. Alguns também perguntavam a opinião dos intérpretes, sobre o que achavam, e em quem votariam.

Enfim, como é comum a qualquer outro grupo que discute política, entre os surdos começaram algumas desavenças, uns criticando o candidato do outro. Um surdo do grupo era primo do prefeito e, claro, o defendia diante de algumas acusações. Após um tempo livre para esse debate entre eles, chamei a atenção para o horário, pois ainda tínhamos atividades a realizar.

Todos voltaram para seus lugares e a reunião então continuou. Aproveitando o tema do debate anterior, comecei a atividade mostrando a imagem e questionando o que a política tinha a ver com os surdos. Surgiram várias respostas. Algumas sem sentido, outras coerentes. Um surdo disse que os políticos tinham de conseguir emprego para os surdos. Outros, que precisavam ajudar o surdo a se aposentar.

Comecei, então, explicando que nem tudo é obrigação exclusiva dos governantes, e que o surdo também precisa fazer a parte dele. Por exemplo, para ter uma boa oportunidade de emprego, é preciso que o surdo também se prepare e estude, afinal, o fato de ser surdo não o faz merecedor de um emprego. Somos merecedores quando nos capacitamos e vamos atrás dos nossos objetivos. Foi então que um surdo disse que, para eles, é difícil trabalhar devido à comunicação, pois as pessoas não sabem LIBRAS. Aproveitando esse comentário, iniciei o foco no tema da semana e direcionei a conversa para o assunto discutido no WhatsApp durante a semana, já que o tema eleito para esse debate foi a LIBRAS.

Trouxe esse assunto para compreender de que forma eles usam sua língua, como conversam entre si, com os familiares e amigos. Também queria saber de que forma, e quando tiveram acesso à língua. Para dar início a esse debate, selecionei a imagem da palavra LIBRAS (FIGURA 5) escrita de duas formas: em português e em alfabeto manual ou datilologia⁷, que é a forma, ou posição de como utilizamos a mão para soletrar as palavras na língua de sinais. Abaixo da palavra LIBRAS, escrevi o seu significado, que é Língua Brasileira de Sinais.

Figura 5 – Língua Brasileira de Sinais



Fonte: <http://anec.org.br/?s=libras>

As revelações em torno do assunto foram surpreendentes. Houve aqueles que assumiram já ter tido vergonha da língua de sinais e outros que ainda estavam se aprimorando no idioma. Os relatos, em sua maioria, apontavam as dificuldades em se comunicar em LIBRAS, principalmente com a família.

Posto isso, vale uma reflexão a respeito da língua para o ser humano. A língua é a forma mais comum de comunicação entre as pessoas. Quadros (2006, p. 13) diz que “as línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social”. Por meio dela, muitas vezes, é que construímos laços com os outros, nos aperfeiçoamos como pessoas e profissionais. Deve-se a ela, muitas vezes, os aprimoramentos em diversos campos da vida.

O envolvimento com o outro e a capacidade de comunicação permitem que se amplie o relacionamento com o mundo. Portanto, é pertinente dizer que a língua de sinais permite ao surdo uma interação e uma compreensão mais ampla e fiel da língua. Segundo Quadros (2006), o acesso à língua de sinais para o surdo é tão fundamental como a língua portuguesa é para os ouvintes, pois é por meio da língua que se pode reconhecer a cultura, os hábitos e costumes do

⁷ O Alfabeto Manual ou Datilologia em LIBRAS é produzido por diferentes formatos das mãos que representam as letras do alfabeto escrito e é utilizado para “escrever” no ar, ou melhor, soletrar no espaço neutro, o nome de pessoas, lugares e outras palavras que ainda não possuem sinal.

povo. Para Veiga-Neto (2006), por meio da língua os surdos buscam seu reconhecimento na sociedade.

Em outras palavras, existe uma “materialidade surda”, mas isso, por si só, não faz sentido. Aliás, nenhuma materialidade carrega, em si mesma, algum sentido. No caso das pessoas surdas, é em ressonância com essa materialidade “não-ouvinte” que os sentidos de surdez vão sendo construídos e inventados discursivamente, num campo de lutas por significação e reconhecimento social (VEIGA-NETO, 2006, p. 8).

O uso da língua de sinais pelos surdos os distancia da obrigatoriedade de falar oralmente. Quando a língua portuguesa é substituída pela LIBRAS, os surdos, consequentemente, passam a ter uma melhor compreensão, o que facilita o seu aprendizado e seu desenvolvimento cognitivo, deixando-o mais participativo na sociedade. Tendo sua língua como marca cultural, o surdo deixa de lado o peso do termo deficiente, normalmente agregado a ele.

Lopes (2007, p. 9) convida a “[...] olhar a surdez de outro lugar que não o da deficiência, mas o da diferença cultural. [...] Desloco meu olhar para o quê os próprios surdos dizem de si [...] De se verem e de quererem ser vistos como sujeitos surdos[...].” A autora fala da preferência dos surdos de serem vistos, reconhecidos e respeitados como tal.

Após muitos relatos e muita discussão a respeito da Libras, finalizamos esse encontro, com os surdos em defesa do uso da sua língua. Mesmo o adolescente implantado do grupo apoia e defende a língua de sinais. Em relação ao pouco conhecimento e domínio da sociedade em relação à LIBRAS, ficou o sentimento de que o surdo precisa ser paciente com a família e com os amigos e, aos poucos, ir ensinando a língua de sinais para eles.

3.4.5 Quinto Encontro

O quinto encontro foi realizado no dia 29 de outubro de 2016, no espaço habitual. A reunião ocorreu de forma tranquila, como habitualmente acontece e estiveram presentes 11 surdos. Antes de começarmos as atividades relacionadas a esta pesquisa, foram dados alguns avisos. O grupo já havia se comprometido a apresentar um teatro e a interpretar duas músicas num congresso de educação de uma faculdade privada da região. Sendo assim, precisávamos de um tempo para o ensaio. Como se procura sempre trabalhar de forma democrática, foi questionado qual seria a preferência do grupo: realizar a atividade primeiro e depois ensaiar, ou vice-versa. Após conversarem entre eles, optaram por primeiro realizar a atividade e após ensaiar a interpretação da música em LIBRAS e a peça teatral.

Durante a semana falamos sobre a Educação Bilíngue, tema escolhido para a atividade de debate. Retirei a imagem escolhida de um site específico sobre a surdez. Ela mostra a gravura de um menino surdo fazendo o sinal bilíngue e a frase: Escola bilíngue para surdo. Junto à imagem postada, escrevi o questionamento sobre o que entendem a respeito da escola Bilíngue.

Figura 6 – Educação Bilíngue



Fonte: <http://www.surdosol.com.br/sancionada-lei-que-cria-escola-bilingue-para-surdos-em-goiania/>

Embora nunca tenham estudado em uma escola bilíngue, muitos surdos do grupo demonstraram ter compreensão dessa proposta e de sua importância na vida escolar. Junto do ponto de vista pessoal dos membros do grupo, vieram muitos depoimentos de uma vida escolar sofrida em uma escola regular, mesmo com uma concepção inclusiva. Essas declarações divergem das propostas de aprendizagem na educação inclusiva que a Declaração de Salamanca defende:

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parceria com as comunidades (UNESCO, 1994, p. 11).

A proposta aponta uma educação pautada na igualdade de direito, uma educação de todos, independentemente de sua limitação. Porém, é perceptível um quadro diferente nas escolas em relação ao atendimento das necessidades dos surdos. Para Quadros (2003, p. 83), no contexto educacional do surdo, “percebem-se vozes silenciadas de alunos e educadores evocando e/ou denunciando as contradições observadas nas políticas integracionistas/inclusivistas”.

As enunciações que contrariam a política de inclusão, que são “silenciadas”, como cita a autora, ocorrem diariamente nas escolas inclusivas. É comum ouvir professores, alunos e pais relatando a falta de preparo e as dificuldades da escola em atender às necessidades específicas desses alunos. No caso dos surdos, a comunicação é a maior barreira, pois a presença do intérprete nem sempre supre as necessidades deles. Explicações dos conteúdos apenas oralizadas podem comprometer a compreensão e, conseqüentemente, a aprendizagem do aluno surdo.

Uma das evidências a respeito desse fato são as metodologias usadas para ensinar a leitura e a escrita ao surdo. Por exemplo, para Karnopp (2005, p. 25), o problema está “nas práticas inadequadas de trabalho”, no fato de ainda [...] “prevalecer uma preocupação com a memorização e decodificação de palavras, sendo atribuída pouca ou nenhuma importância aos usos da escrita enquanto práticas sociais” [...]. Para a autora, a escola vê como uma necessidade decorar conteúdos, deixando de lado sua maior tarefa, a de ensinar para o mundo.

Com isso, torna-se necessário investir na formação dos professores que irão atuar com os surdos. Como afirmam Lopes e Menezes (2010), é preciso ter uma nova visão sobre os currículos e procedimentos pedagógicos selecionados para trabalhar com os surdos. Caso isso não aconteça, certamente ocorrerão “prejuízos para os professores e alunos” surdos. Segundo Lopes e Menezes (2010, p. 76), dividir o mesmo espaço físico e “estar junto não pode ser percebido como o argumento central que sustenta a política inclusiva[...] um tipo de inclusão que acolhe o surdo como alguém que deve se alojar inconfortavelmente na casa de outro”.

Já Stumpf (2008, p. 27) diz que a efetivação da inclusão ocorre [...] “a partir de dois movimentos: da construção social de toda a sociedade que entende e acolhe, e dos surdos, que vão participar porque se sentem acolhidos” [...]. O que pode ser compreendido, nas contribuições das autoras, é que o surdo precisa ser conhecido com a sua diferença cultural e, dessa forma, acolhido e respeitado pela sociedade.

A educação bilíngue não é uma proposta clara para a sociedade em geral, porém, no contexto escolar, em que deveriam entendê-la claramente, ela ainda é vista como um “conjunto de métodos e técnicas de ensino usados em sala de aula para ensinar alunos surdos” (LOPES, 2007, p. 68). Sendo assim, pensar na proposta bilíngue para o surdo, é compreender o aluno igual a todos, porém com uma língua própria e uma cultura diferente da cultura ouvinte.

3.4.6 Sexto Encontro

O sexto encontro ocorreu na sede do grupo, no dia 05 de novembro de 2016, e estiveram presentes 9 surdos. O tema reservado para essa última semana foi o uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* pelos surdos do grupo. As duas imagens selecionadas eram exatamente iguais às oficiais dos aplicativos. A ideia era compreender por que, diante de tantos aplicativos, costumavam usar esses dois citados, com que frequência os utilizavam, e se faziam uso deles para conversar com surdos e ouvintes conhecidos.

Nesse último encontro a atividade da pesquisa demorou um pouco mais que o normal para começar, devido a algumas demandas do grupo. Anteriormente, por meio do grupo do *WhatsApp*, que o grupo já tinha, havíamos sinalizado de que trataríamos da festa de fim de ano do grupo e do encerramento do ano.

Iniciei a reunião dando alguns recados corriqueiros, como, por exemplo, sobre a necessidade de recolher as cadeiras e organizar o salão no final do encontro. Recados dados, conversamos sobre o que faríamos para o encerramento do ano, que tipo de confraternização organizaríamos, se convidaríamos a família, se o evento seria ao dia ou à noite. A equipe de dirigentes ouviu algumas sugestões, e sugeriu muitas coisas também.

Ao final, ficou decidido que a confraternização do grupo seria realizada no primeiro sábado de dezembro, às 19h. O evento seria uma ceia, e cada um levaria um prato de comida para partilhar com os outros. Resolvemos que convidaríamos a família de cada componente do grupo, pensando na possibilidade de interagirmos com todos. O local onde seria realizado o evento foi bem discutido, pois esse período do ano, na região, é de chuva, e nosso espaço é praticamente todo descoberto. Diante desse impasse, um surdo sugeriu a sua casa, porque ela tinha uma varanda grande e coberta e, caso chovesse, estaríamos protegidos. Entramos em contato com a mãe do surdo no mesmo momento, e tivemos a autorização para realizarmos a ceia em sua residência.

Em relação à comida, muitos surdos, no momento, tiveram dúvida sobre o que levar, porém a maioria já definiu na hora. Ficamos de enviar a lista dos pratos para todos, dessa forma, não se repetiriam e teríamos uma variedade maior. Ao questionarmos como poderíamos fazer isso, um surdo disse que iria criar um grupo no aplicativo usado por nós, e que adicionaríamos todos os convidados e participantes do grupo. O nome dado ao grupo no *WhatsApp* foi Ceia Natal.

Após criarmos o grupo e adicionarmos todos, enviamos uma mensagem confirmando o modelo do evento, hora, local e o prato que cada um levaria. Ao finalizar essa etapa, combinamos também que, após a ceia de natal do grupo, entraríamos em recesso. O retorno previsto seria para o começo de fevereiro, sendo previamente comunicado por meio do

aplicativo *WhatsApp* no grupo. Sendo assim, iniciei a última atividade desta pesquisa com o grupo.

A ação do surdo de criar um grupo no aplicativo *WhatsApp* para nos comunicarmos sobre a ceia de natal veio ao encontro do tema abordado na semana. Iniciei projetando a primeira imagem do *WhatsApp*, questionando quem tinha e por que gostavam de usar. Em seguida, projetei a imagem do *Imo* e fiz o mesmo questionamento. As respostas foram bem semelhantes, principalmente quando questionei por que usam os dois, e qual seria o preferido.

Figura 7 – Símbolo do aplicativo *WhatsApp*



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/whatsapp>

Figura 8 – Símbolo do Aplicativo *Imo*



Fonte: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/05/imo-veja-como-usar-app-de-mensagens-gratuito-para-android-e-ios.html>

Para Stumpf (2010, p. 03), o uso das tecnologias visuais traz para a população surda “um novo campo de inclusão”, fazendo com que a sociedade seja mais acolhedora com os surdos. A autora corrobora, dizendo que o “uso das novas tecnologias aponta para reais possibilidades de um grande salto de qualidade nessa educação cujo principal objetivo é a inclusão do sujeito surdo na escola e na sociedade”.

Assim como o grupo de surdos, Stumpf (2010) afirma que as tecnologias transformam a realidade dos surdos, uma vez que dão a eles possibilidade de interagir com diversas pessoas

e grupos virtuais, rompendo a dificuldade do espaço e tempo. Dentre as modificações que as tecnologias trouxeram para os surdos, a comunicação com o outro que não conhece a língua de sinais, certamente, é uma das mais relevantes.

Sinteticamente os encontros ocorreram assim:

Quadro 1- Atividades desenvolvidas

Encontros	Objetivos	Atividade Presencial	Atividade pelo aplicativo <i>WhatsApp</i>
Semana I	Apresentação da pesquisa. Criação grupo no Aplicativo <i>WhatsApp</i>	Apresentação da pesquisa, objetivos e a forma de desenvolvimento junto ao grupo	Criação do grupo do aplicativo <i>WhatsApp</i> , inserir contato dos participantes. Convite aos surdos, para participarem do grupo do <i>WhatsApp</i> e das acerca das imagens sobre o surdo e a cultura surda que seriam enviadas pelo aplicativo
Semana II	Envio da primeira imagem (Anexo1) para discussão no aplicativo <i>WhatsApp</i> . Identificar qual a importância do setembro azul para a comunidade surda.	Durante a semana encaminhamento de a imagem sobre o “setembro azul”, nome que se dá o mês dedicado aos surdos e a sua cultura, que relembram e exaltam suas dificuldades, conquistas e lutas.	Envio da primeira imagem. A partir dessa imagem foram feitos questionamentos sobre o conhecimento que os surdos tinham da data dedicada a eles e qual a importância ela tem para a comunidade Surda.
Semana III	Conhecimentos e preferências dos surdos em relação aos aparelhos exibidos. Problematizar por meio de debate o conhecimento e que os surdos do grupo possuem acerca dos aparelhos auditivos e o implante coclear.	Desenvolvimento durante a reunião de debate sobre aparelho auditivo e implante coclear.	Envio da segunda imagem. Discussão a respeito da preferência do grupo entre aparelho auditivo e implante coclear. Realização pelo aplicativo <i>WhatsApp</i> de questionamentos acerca dos tipos de aparelhos para surdos.
Semana IV	Analisar da relação dos surdos e da família com a LIBRAS. Observar por meio de debate a relação que os surdos tem com a LIBRAS e como sua família ouvinte.5=	Durante a reunião discussão das imagens a respeito da relação do grupo de surdos tem com a Língua de Sinais, bem como com quantos anos começaram a aprender LIBRAS e como se comunica com a família e amigos ouvintes.	Envio da terceira imagem. Por meio do aplicativo <i>WhatsApp</i> , Realização de questionamentos sobre a relação do surdos com a LIBRAS.

Semana v	<p>Compreender de que forma os surdos veem a educação bilíngue.</p> <p>Conhecer por meio de discussão de que maneira os surdos tem acesso ao ensino, e qual o conhecimento que possuem sobre a educação bilíngue</p>	<p>Realização de questionamentos sobre a relação dos surdos com a LIBRAS.</p> <p>Qual modelo de escola eles gostariam de ter ou de estudar.</p>	<p>Envio da quarta imagem.</p> <p>Durante a reunião investigar de que forma foram alfabetizados.</p> <p>Qual conhecimento o grupo tem acerca da educação bilíngue.</p>
Semana VI	<p>Conhecer quais aplicativos os surdos preferem para se socializarem.</p> <p>Identificar qual afinidade os surdos possuem com as ferramentas tecnológicas e quais os motivos de usar os aplicativos eleitos como preferidos.</p>	<p>Questionamento de quais ferramentas os aplicativos possuem, e se tem algum melhor que o outro para conversar com surdos e ouvintes, e qual a diferença.</p>	<p>Envio da quinta imagem.</p> <p>Analisar quais as contribuições esses aplicativos proporcionam a esse grupo de surdos.</p>

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao iniciar este capítulo, exponho as potencialidades do uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* na interação social entre os surdos, e destes com os ouvintes, bem como o aporte que os aplicativos utilizados na pesquisa oferecem ao grupo de surdos participantes. Posteriormente, discorro a respeito das contribuições que os encontros em espaços informais propiciam aos surdos do grupo.

4.1 Os encontros informais como potencializadores de aprendizagens e fortalecimento da cultura surda

Neste capítulo exponho a produtividade desta investigação a respeito dos encontros em espaço informal para os surdos. Trago aqui relatos do grupo pesquisado, de familiares, intérpretes e visitantes que passaram por nossas reuniões nesse período de observação. Para zelar pela identidade da família, intérpretes e visitantes surdos e ouvintes, passarei a me referir a eles como P 01, P 02, P 03 e assim sucessivamente. Já os surdos foram referidos como Surdo 01, Surdo 02 e assim sucessivamente.

Foucault (1979) diz que é preciso compreender o contexto, o saber ali desejado, as necessidades apresentadas. Dessa maneira, os encontros informais realizados pelo grupo de surdos são mais do que um momento de descontração e conversa; dão, aos seus membros, oportunidade de poder saber a respeito do que é necessário para cada um ali. Os encontros são um momento de aprendizagem a respeito de qualquer necessidade que o surdo apresente. São momentos em que a cultura surda se faz presente de forma concreta, momentos de se apoiar na presença de seus membros.

Esses encontros não são obrigatórios, no entanto, é perceptível a necessidade dos surdos em tê-los, uma vez que, neles, conseguem ampliar seus conhecimentos e compreender o lugar que ocupam na sociedade. Vão em busca de conhecimento de mundo, que lhes permite evoluir

como cidadãos críticos e participantes da sociedade.

A participação em associações, clubes e federações, mesmo que uma, ou poucas vezes por semana, sempre foi crucial para os surdos, pois é onde se comunicam ampla e normalmente. No entanto, é característica dessa situação, a fragmentação e limitação do tempo de permanecer juntos e de poder exercer seu papel social e satisfazer suas necessidades de comunicação (STUMPF, 2010, p. 5).

A autora supracitada aponta o quanto esses momentos de encontro dos surdos são reduzidos, mas necessários para que eles exerçam seu papel social e mantenham uma comunicação em sua língua. Se olharmos todo o contexto da vida de um surdo, em especial daqueles que nascem em lar ouvinte, percebemos o quanto eles demoram para exercer um papel na sociedade, e o quanto são privados de comunicação, primeiramente familiar e, posteriormente, no convívio com os demais.

Conforme Strobel (2008, p. 14), ao longo da história dos surdos, eles sempre sofreram socialmente, principalmente com o estereótipo que “[...] tende a generalizar as suas limitações e a minimizar os seus potenciais [...]”. Infelizmente, ainda é assim que muitos veem os surdos, como pessoas limitadas, não reconhecendo sua identidade cultural. O surdo é diferente sim, mas apenas no que diz a respeito à comunicação, pois pertence a uma cultura visual, na qual fala com as mãos e ouve com olhos. Nas enunciações a seguir, de surdos do grupo, fica claro como se sentem e como são compreendidos na sociedade ouvinte:

Há muito tempo atrás na escola eu sofria muito, meus amigos chegavam e falavam, você é surdo, você é bobo, bobo; tinha muito preconceito comigo. Ficam me humilhando eu não gostava, brigava, brigava. Depois mudou, fui para o primeiro ano e troquei de escola, os amigos falavam, você é surdo, normal. Tentavam ajudar, incentivava, amigos ouvintes eram unidos. Mas os amigos surdos são melhores (SURDO 12).

As pessoas ouvintes acham estranho a gente se comunicar. Eles têm mãos dura e não conseguem sinalizar. Com os surdos é melhor, porque a comunicação é em Libras a vai se desenvolvendo, é melhor. Já os ouvintes ficam oralizando, é difícil compreender, conversar com os surdos é melhor (SURDO 10).

Exemplo, meu amigo ouvinte me chama no *WhatsApp* para a gente conversar na praça, aí eu vou fico ali olhando ele oralizar e entendo pouco, nossa comunicação é pouca, muito difícil, não consigo entender e vou embora (SURDO 01).

Então, tem ali o ouvinte e eu surdo, ele fica oralizando falando, falando e eu não entendo nada, aí peço um papel e escrevo é melhor (SURDO 07).

Quando eu vou passear na rua com minha irmã, as pessoas me chamam e minha irmã diz, ela é surda, a pessoa fica vermelha com vergonha e vai embora (SURDO 13).

Às vezes as pessoas vêm e falam o português oralizado e eu não entendo (SURDO 02).

Em suas enunciações, os surdos apontam que muitos ouvintes acreditam que todos sabem fazer leitura labial e, dessa forma, tentam uma comunicação por vezes sem sucesso. Para Lopes e Veiga-Neto (2006, p.85), “As marcas de deficiência impressas na alma surda, mesmo em muitos daqueles que hoje fazem discursos surdos e militam na causa surda, criaram alteridades deficientes, dependentes de representações ouvintes”. Essas marcas são perceptíveis nas enunciações apresentadas, quando os surdos falam das suas tentativas de comunicação por meio da oralização e da leitura labial, o que gera desrespeito à cultura surda.

No que se refere ao período de estudo, há muitos relatos de sofrimento e trocas de instituição escolar pelos surdos. Essas trocas ocorrem provavelmente pela busca por um lugar onde o surdo possa ser aceito, com suas especificidades, com sua língua e sua cultura. Um lugar onde não cobrem dos surdos aquilo que eles não podem, ou não querem fazer, ou seja, viver de acordo com a padronização ou normalização imposta pela comunidade escolar ouvinte. Para Thoma (2002, p. 53), “o significado da surdez, assim como qualquer outro, é produzido social e culturalmente, muito embora alguns significados cristalizem ao longo do tempo”. Por exemplo, os ouvintes ainda tendem a pensar que o surdo só compreende quando fala ou faz a leitura labial.

Strobel (2008, p.15) diz que nas escolas de ouvintes por onde passou tinha um “tratamento” diferente. A autora compartilha: pediam para que “eu sentasse na frente pra fazer leitura labial, que eu detestava, porque perdia a visão global de sala e, ao mesmo tempo, neste local eles me cobravam mais”. E ainda completa, dizendo que muitas escolas fazem da leitura labial “[...] a única forma dos surdos terem acesso aos conteúdos”. Se o surdo é oralizado ou gosta de oralizar, tudo bem, direito dele, mas isso não deve ser imposto pela escola e nem pela sociedade, como ocorreu no século passado e ainda acontece nos dias atuais, conforme o relato do surdo apresentado na sequência:

Comecei na escola eu era criança, tinha 6 anos. Eu tinha uma intérprete muito mal, e me sentia muito mal na escola. A intérprete não interpretava nada para mim, não gostava de LIBRAS de verdade, mandava eu ficar tentando, forçando a falar. Queria que eu falasse tudo. Lia textos para mim e queria que eu respondesse oralmente. Tive que ter muita paciência eu sofri muito, muito, muito e ficava com aquela dificuldade de comunicar. A Comunicação não acontecia, eu chorava muito queria mudar de escola. Depois que pedi, minha mãe me trocou de escola, e lá não tinha intérprete. Comecei a ser atendido na sala de recursos Multifuncional, e lá tentavam também me ensinar o português por meio da fala. A professora sentava na minha frente, lia textos e perguntava se eu ouvia um pouquinho. Eu troquei de escola de novo. Começou com intérprete e depois cortaram, e aí eu fiquei sozinho. Estudei do 1º ao 3º ano do ensino médio sem ninguém para me ajudar. Na sala eu não entendia nada o significado das palavras em português. Eu chamava o professor, vem cá me ajudar, por favor, como é que faz? Era difícil, o professor ficava oralizando, eu falava, um pouco mais

devagar, para eu tentar entender. Aí tentava fazer a atividade mostrava e o professor ria, está errado tem fazer de novo e era muito difícil (SURDO 09).

Reconhecer a língua dos surdos é fundamental para uma sociedade inclusiva. É preciso reconhecer que os surdos precisam ser educados, atendidos e compreendidos em sua língua, respeitando sua cultura. Negar a existência da cultura surda é, sem dúvida, negar que existem outras culturas pelo mundo, e pelo nosso país. Nós, de um país tão grande em território e farto em diferenças regionais, não podemos negar a existência de culturas diferentes.

De acordo com Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 82), “[...] ser surdo abrange uma experiência de ser, de estar no mundo, que é vivida no coletivo, mas sentida de maneiras particulares”. Os surdos cultivam em sua cultura valores, artefatos, maneiras específicas de compreender o mundo, de ver as coisas, de ser visto. Enfim, é o jeito surdo de ser, a forma como vive e aprende em uma cultura ouvinte, que, por vezes, nega a diferença cultural do sujeito surdo.

Os surdos, mesmo valorizando sua identidade surda, entendem que precisam se esforçar e aprender o português. Para o Surdo 14, “– [...] a comunicação não é fácil, mas precisam aprender. Os surdos precisam se comunicar, aprender português”. Conforme Karnopp (2004, p. 106), ser surdo e usuário da língua de sinais é enfrentar uma situação bilíngue, pois o surdo está exposto à língua portuguesa tanto na modalidade oral quanto na escrita. No entanto, quando o Surdo 14 faz referência a aprender a nossa língua, refere-se à escrita da língua portuguesa, uma vez que não sente necessidade de aprender a língua oral do ouvinte.

A autora Strobel (2008) faz um relato que mostra bem como o surdo compreende o mundo de forma diferente do ouvinte. Ela narra um episódio de quando estudava em uma escola regular. Diz que, numa ocasião, só conseguiu compreender um tumulto na sala de aula, quando seguiu os colegas e a professora e, por meio dos olhos, compreendeu o que havia tirado a atenção de todos da turma anteriormente.

Eu estava sentada em sala de aula, em uma classe com outros alunos ouvintes, —olhando distraidamente para os movimentos dos lábios da professora que estava falando; de repente, a professora parou subitamente de movimentar os lábios e virou o rosto assustado para a janela. Percebi que toda turma fazia o mesmo e todos correram para olhar a janela. Eu, meio desnorteada e curiosa, fiz o mesmo para ver o que provocou toda a algazarra da turma e percebi tardiamente que tinha acontecido uma batida de carro lá fora (STROBEL 2008, p.39).

O termo “tardiamente” chama atenção no relato da autora. Como não responde a estímulos auditivos, ela só compreende o ocorrido depois de ver. Mas o “tardiamente” talvez

seja um pouco mais profundo. Quis a autora dizer que, se alguém ali soubesse se comunicar em LIBRAS, ela saberia do ocorrido junto com os colegas, quando provavelmente o estrondo da batida ocorreu? Ou esse “tardamente” demonstra um tom de inferioridade diante dos colegas da turma ouvinte?

O relato da autora, que mostra que ela compreende os fatos ocorridos de maneira visual, vai ao encontro das enunciações dos surdos do grupo. Estas apontam que os surdos preferem estar entre eles mesmos, conversar em sua própria língua. Uma provável justificativa é que, dessa forma, conseguem obter as informações no tempo em que ocorrem para todos que falam com as mãos, porque ali todos são iguais.

LIBRAS é melhor. Eu gosto de estar juntos com meus amigos surdos, porque não tem preconceito. A gente passeia conversa, vai na praça, aprende mais (SURDO 06).

[...] os surdos não podem se afastar, somos todos iguais, somos irmãos. Os surdos não podem se afastar, precisam estar unidos (SURDO 14).

[...] existem muitas informações importantes que os surdos não entendem muito bem, e quando estão juntos os surdos entendem. Tem muitas notícias que o surdo não entende, e é perigoso (SURDO 13).

O Surdo 06 aponta que com os surdos ele aprende mais, pois tem possibilidade de passear e conversar com seus amigos, iguais a ele. Essa fala nos remete a Gohn (1999, p. 100), segundo o qual, “a educação informal ocorre nos espaços de possibilidades educativas, no decurso da vida dos indivíduos[...]”, por meio de sua interação e convívio com o outro.

Karnopp (2008, p. 07) afirma que os surdos, quando estão juntos, contam “histórias, piadas, e episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos e que isso é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas”. Esse hábito das comunidades surdas contribui para seu desenvolvimento na língua de sinais, além de contribuir para um processo de aprendizagens e para sua interação social. Juntos, e por meio da informalidade, aprendem não só para a vida, mas para o seu desenvolvimento como pessoa.

A enunciação do Surdo 13 traz dois pontos muito importantes. Primeiro ele diz que, quando estão juntos, os surdos entendem completamente os diálogos, ou seja, “as coisas”. Isso nos faz refletir sobre quantas coisas passam por eles no dia a dia, sem que tenham a oportunidade de compreender, discutir e opinar. Quanto de aprendizagem se perde pela falta de compreensão. Quem está preocupado com o entendimento e a aprendizagem dos surdos sobre o que sucede a eles? Analisando os relatos dos surdos deste grupo pesquisado, pode-se perceber que sempre buscam compreender os ouvintes, mesmo diante da limitação da comunicação entre ambos.

O Surdo 08 diz: “[...] tenho amigos ouvintes que eu converso oralizando, eu consigo, e tenho os amigos surdos que converso em LIBRAS”. Percebe-se que ele divide os amigos em grupos distintos, ou seja, o grupo com o qual ele precisa oralizar e o grupo com que ele conversa de igual. Claro que, diante do seu relato, não pude deixar de perguntar com qual grupo de amigos ele gostava de conversar mais. E ele respondeu, dizendo que gostava de conversar com os surdos, porque, para ele, “Conversar em LIBRAS é muito melhor”. Claro que, como intérprete da língua de sinais que sou, como dirigente do grupo e estudiosa a respeito da cultura surda, já havia dentro de mim a certeza de que o Surdo 08 responderia dessa forma.

Voltando agora para a enunciação do Surdo 13, o segundo ponto relevante em sua fala é que ele pontua o perigo de não compreender o contexto das informações que chegam até eles. E essa preocupação é muito válida em um cenário que defende a inclusão, no entanto, não há intérpretes nos telejornais, nas novelas, em programas televisivos, de entretenimento ou algo assim. Dessa forma, ficam os surdos muitas vezes sem compreender assuntos importantes acerca dos seus direitos, do seu país, de sua cidade, de sua família. Essas dificuldades justificam a fala do surdo em relação à necessidade, à vontade e importância de estarem juntos nesses espaços informais, pois conseguem aprender uns com os outros.

Embora eu tenha uma convivência permanente com o grupo de surdos, transcrever suas enunciações me fez refletir sobre o nosso trabalho com eles, nos encontros. Para Gadotti (2000, p. 2), “o traço mais original da educação desse século é o deslocamento de enfoque do individual para o social, para o político e para o ideológico”. Os encontros têm um significado muito maior para esses meninos de idades tão distintas, de famílias diferentes, de classes sociais diferentes, que se unem pela falta de audição, pela falta de compreensão. Ali, naquele espaço informal, eles têm direito de falar, discutir e ser vistos como iguais.

Ser “igual aos outros amigos” foi uma frase que uma P 01, irmã de um surdo recém-chegado, me disse, ao comentar sobre expectativas de seu irmão. Emocionei-me com o depoimento dela, pois entendi, em suas palavras, o quanto o contato entre os surdos contribui para o seu desenvolvimento, seu crescimento como pessoa.

[...] sempre teve muitos amigos ouvintes [...] sempre deu um jeitinho de se comunicar[...] mais antes de vim para cá, ele estava bebendo muito, a ponto da gente ficar realmente preocupado[...]. Então ele veio para cá e está sendo ótimo, não bebe mais como antes, só de vez em quando comigo e com o cunhado. Tá mais feliz o semblante dele mudou, ele fala que agora tem amigos que nem ele, que entendem ele. Agora está sabendo das coisas, como ter CNH. Ele se sente normal, não é mais o excluído. Ele nem fala em ir embora. [...] Meu irmão está bem melhor com o apoio de vocês a gente só tem a agradecer (P 01).

Questões abordadas na enunciação anterior apareceram diversas vezes na forma de depoimentos ou desabaços. Essas falas reforçam a relevância dos encontros informais do grupo de surdos para a comunidade surda dessa cidade. Foucault (1979, p,71) diz que “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la [...]”. Dessa forma, a teoria sem significado e utilidade perde o sentido. Assim, o retorno que os surdos do grupo dão, fortalece a importância desses encontros informais para eles, como se pode conferir nas enunciações:

[...] antes do grupo ele era completamente fechado, tinha poucos amigos, não gostava de interagir com as pessoas (segundo ele pelo fato de todos falarem e ele não), acho que ele mesmo sentia preconceito devido a sua deficiência auditiva, as vezes as pessoas ficavam olhando de uma forma diferente pelo jeito dele se comunicar com a gente, acho que isso o incomodava! Ele não dominava a língua de sinais, e nós também não (inclusive ainda não dominamos). Depois que ele passou a fazer parte do grupo fez novos amigos, conversa em LIBRAS sem medo e sem vergonha. Fico tão feliz em ver ele tão bem! Tão feliz e com pessoas tão especiais e maravilhosas são lado dele! (P 02).

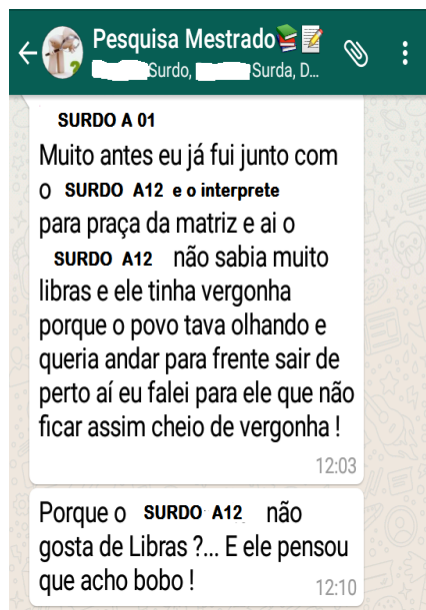
O grupo tem sido um veículo de socialização, tem reforçado a identidade surda de seus participantes, que passaram a se perceber como surdos e se comunicar por meio da LIBRAS (P 03).

[...] importante ter um lugar para se reunir e socializar e praticar LIBRAS[...] muito bom acontecer essas reuniões do grupo (P 04).

Antes do grupo existir os surdos não tinham muito contato entre si e tão pouco conhecimento de LIBRAS e comunidade surda [...] haviam surdos que não tinham vida social nem interação. [...] alguns eram retraídos e tímidos. Hoje eles já desenvolvem seus próprios pensamentos e argumentos tem mais autonomia, mais interação e comunicação, são mais fluentes na LIBRAS, passaram a ter contato com surdos de outro estado também (P 05).

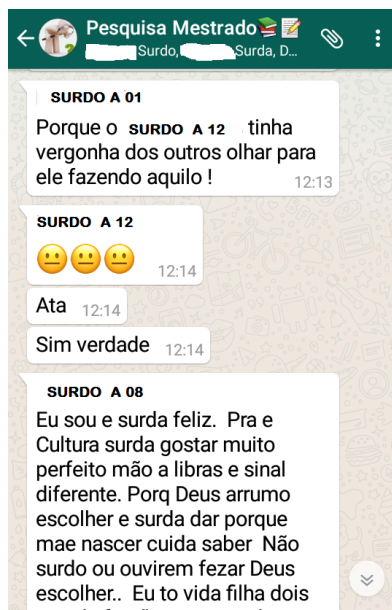
A enunciação da P 02 mostra o quanto o isolamento é prejudicial. Ela diz que “antes do grupo ele era muito introvertido, tinha poucos amigos, não gostava de interagir com as pessoas”, porque não entendia as pessoas e nem se sentia compreendido. Para ela, o preconceito partia primeiramente dele, por se sentir diferente. P 02 também aponta que o fato dele sinalizar chamava atenção das pessoas, o que o deixava mais envergonhado. Na imagem abaixo, apresento o relato de um amigo surdo a respeito dessa vergonha do amigo, também surdo.

Figura 9 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 10 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

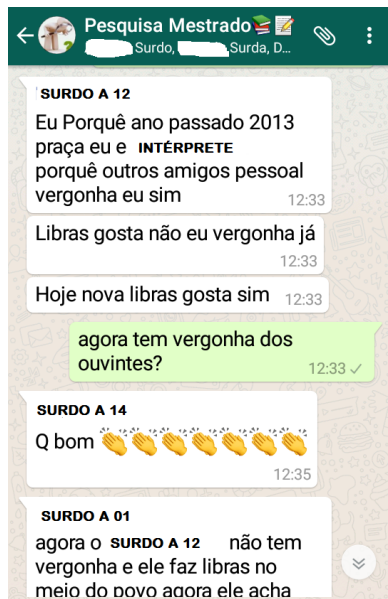
O relato do amigo Surdo 01 confirma o que a P 02 disse, ou seja, que a falta do convívio fez com que o Surdo 12 se sentisse inferior diante dos ouvintes. Segundo o amigo, o Surdo do Surdo 12 achava LIBRAS “bobo”, e sentia muita vergonha. Infelizmente, essa é a realidade da maioria dos surdos que vivem isolados. Além de não dominarem a língua de sinais, têm vergonha e se sentem expostos ao sinalizar perto dos ouvintes, mesmo esses sendo da família.

Quando o surdo “tem vergonha de usar a língua de sinais, não se reconhece como surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão de surdez que a sociedade atribuiu” (STROBEL, 2008, p.37). A autora conta que o fato de a família, ou de a escola, por vezes tentarem oralizar, causa traumas aos surdos, impedindo-os de quererem aprender a falar com as mãos. Para Foucault (2004, p. 76), “[...] se é verdade que o princípio dos castigos deve estar subscrito no pacto, não é necessário, logicamente, que cada cidadão aceite a pena extrema para aqueles dentre eles que os atacam como organização? ”.

Já a Surda A08 se mostra orgulhosa da sua cultura. Mostra aos amigos que Deus os fez assim e que os sinais usados por eles permitem que tenham uma vida sadia e produtiva. A P 02 também aponta a importância para o surdo do contato e do aprendizado da língua de sinais. Ela fala que “depois ele passou a fazer parte do grupo fez novos amigos, conversa em LIBRAS sem medo e sem vergonha”. Essa fala remete à necessidade que o surdo tem de viver junto ao

semelhante, de estar em contato sempre. O uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* permite esse contato. Mesmo que estejam distantes, podem interagir por meio de mensagens escritas ou sinalizadas nos vídeos. Nas enunciações apresentadas a seguir, pode-se ver como o convívio com os surdos mudou a concepção do Surdo 12 em relação ao uso da língua de sinais.

Figura 11 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

O surdo 12 afirma que deixou de ter vergonha de sinalizar. Em uma das nossas reuniões, em que o tema debatido foi a língua de sinais, deixou claro o quanto era tímido. Segundo ele, não gostava de sinalizar porque as pessoas olhavam para ele, provavelmente estranhando seus gestos, ou curiosos com seu jeito de falar. Para Strobel (2008, p.56), “O povo surdo já sofreu terríveis injustiças. É claro que não podem ser esquecidas, mas não significa que devem ser usadas como pretextos para ressentimentos”. Conforme Foucault, esse tipo de sentimento provoca o indivíduo:

[...] lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual: de um lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos. E tem mesmo que ser assim, pois aí está representada a defesa de cada um (FOUCAULT, 2005c, p. 76).

É importante que os surdos, assim como o Surdo 12, deixem para trás seus medos, sua vergonha e não vivam com “ressentimentos”, pois só assumindo sua cultura é que poderão

crescer e se desenvolver de forma efetiva na sociedade. Para Strobel (2008, p. 61), os surdos que vivem a cultura surda possuem uma forma padronizada de comportamento e nela compartilham “[...] a experiência trocada com os seus semelhantes, quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais, isto origina a identificação como pertencente a um povo distinto caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização[...]”. Isso posto, reafirmo o quanto os encontros informais oferecidos pelo grupo são importantes para os surdos da região.

Conforme Strobel (2008), as experiências trocadas e a convivência com outros surdos “na escola, nas associações de surdos ou encontros informais promovem a valorização e fortalecimento dos hábitos e cultura dos surdos”. Como a cidade onde esta pesquisa ocorreu não tem uma escola especial para surdos, tampouco uma associação de surdos, restam apenas os encontros informais para que os surdos tenham contato com sua cultura.

Ainda analisando as enunciações dos P 02, P 03, P 04 e P, 05 transcritas anteriormente, fica claro que todos apontam os encontros informais como importantes e relevantes para que os surdos possam se socializar por meio da sua língua. “Para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos para estabelecer sua identidade é essencial criar uma ligação com o povo surdo onde se usa a sua língua em comum: a língua de sinais” (STROBEL, 2008. p. 61). É por meio da sua língua materna que os surdos conseguem ter compreensão da totalidade das informações que lhes são passadas. Se isso ocorre por outra forma, o surdo pode ter prejuízos na recepção e compreensão da mensagem que lhe é transmitida.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008a, p.42-43).

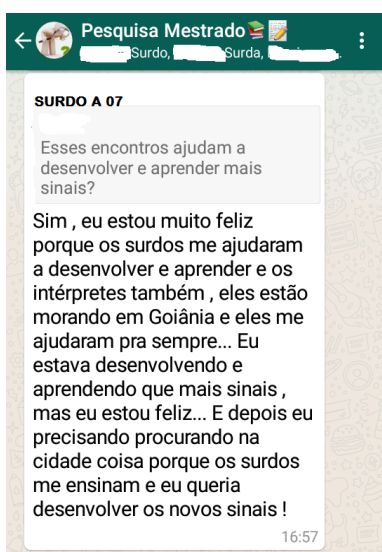
A maioria dos participantes desta pesquisa, exceto os surdos e os intérpretes, não sabe a língua dos sinais, ou não possui fluência nela. Isso faz com que os surdos apenas tenham acesso às informações mais sérias, sobre políticas e leis, por exemplo, por meio dos encontros informais, uma vez que, juntos, se entendem e aprofundam assuntos pelos quais possuem interesses e curiosidades mútuas.

Essa realidade ficou clara nas enunciações das análises, nas quais muitos apontaram que a família não sabe a língua de sinais, e que eles buscam pacientemente compreender e serem compreendidos em seus lares. A enunciação da P 02 deixa evidente esse fato, quando ela diz que, antes de participar das reuniões do grupo, seu irmão não sabia muito a língua de sinais “e

nós também não (inclusive ainda não dominamos) ”, ou seja, mesmo atualmente tendo domínio de sua língua materna, esse surdo não faz uso dela em seu lar, junto à sua família. Sendo assim, os surdos buscam, nos encontros informais do grupo, a interação que falta em sua vida, além de aprendizagens referentes ao mundo, uma vez que, nessas reuniões, eles têm vez, voz e lugar, sendo compreendidos e compreendendo tudo o que é dito à sua volta, sem grandes esforços.

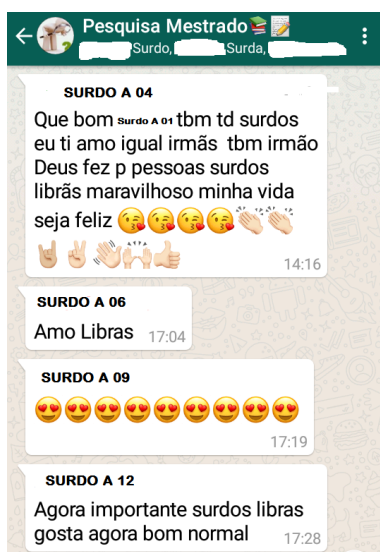
Os surdos mostram que são importantes na vida um do outro, se sentem como se fizessem parte da mesma família. Mesmo morando em cidades e locais diferentes, como cita Strobel (2008, p.29), os “[...] surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços”, se sentem pertencentes à mesma cultura. Nas enunciações apresentadas na Figura 12, pode-se identificar o que os surdos pensam e sentem em relação aos encontros informais e à presença de outro surdo na sua vida, ou seja, qual a importância dos encontros informais para os surdos.

Figura 12-Enunciações surdas



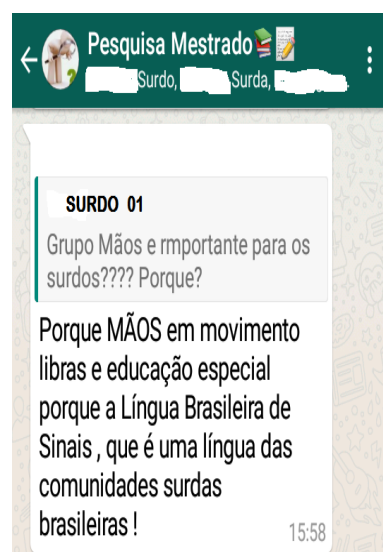
Fonte: Da autora (2016).

Figura 13- Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 14-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Como mostram as enunciações, os surdos se sentem pertencentes à sua cultura, se orgulham e são unidos. Defendem sua língua, suas especificidades e são felizes juntos. “Os surdos procuram seus iguais, sentem satisfação em estar juntos, com eles formam um grupo e têm sensação de pertencimento” (STROBEL, 2008, p. 30). E, para que essas possibilidades aconteçam, eles precisam de um lugar, um espaço, de momentos entre eles, para que, unidos, possam fortalecer sua cultura e se desenvolver como cidadãos.

A máscara não esconde o ser que é o surdo, o ser surdo que é humano. Quando a sociedade deixa o surdo ser ele mesmo, carece tirar as máscaras e assim chega o momento de o povo surdo enfrentar a prática ouvintista, resgatar-se e transformar-se no que é de direito: parte de nós mesmos, de termos orgulho de ser surdo! [...] Os povos surdos estão cada vez mais motivados pela valorização de suas “diferenças” e assim respiram com mais orgulho a riqueza de suas condições culturais e temos orgulho de sermos simplesmente autênticos “surdos”! (STROBEL, 2007, p. 33-34).

Embora existam muitos recursos, como as ferramentas disponíveis nas tecnologias digitais, que contribuem para a interação social e a comunicação dos surdos, nada substitui a necessidade que sentem de estarem juntos. Quando ocupam um mesmo espaço físico, se fortalecem e têm orgulho da sua surdez e da “riqueza de suas condições culturais”, como cita Strobel (2007).

Lopes e Veiga-Neto (2006, p.89) ressaltam que “Viver entre amigos, enfatizar a importância dos encontros presenciais para que todos possam olhar para conversar são práticas de exaltação da comunidade que podem ser percebidas em diferentes narrativas de surdos”. Os autores defendem a importância de os surdos viverem juntos, terem amigos como eles, privados de audição, para que possam fortalecer sua cultura. Os autores ainda afirmam que:

Embora tenhamos distintas formas de viver a condição de *ser surdo*, alguns elementos presentes nas narrativas surdas sobre si permitem-nos reconhecer, na dispersão das enunciações, alguns elementos recorrentes que, ao serem agrupados, conectados e selecionados, nos indicam marcadores comuns dentro de um grupo cultural específico. Para que um grupo se constitua e se configure como uma comunidade, algumas condições são necessárias. Temos como exemplos: *afinidades* entre os diferentes indivíduos que constituem o grupo, *interesses* comuns que possam conduzir as ações do grupo por caminhos comuns, *continuidade* das relações estabelecidas, bem como *tempo e espaço* comuns, em que os encontros do grupo possam acontecer. Nesse sentido, pensar sobre a constituição e os marcadores surdos que ajudam a definir o que reconhecemos por grupo e comunidade surda é pensar qual espaço tem servido de território para que a comunidade surda se constitua e se mantenha como tal (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 82).

Dessa forma, os autores pontuam que cada surdo, assim como os ouvintes, possui especificidades. Os surdos não são padronizados, não pensam todos iguais, nem fazem sempre as mesmas atividades, ou escolhem as mesmas profissões, pois existem “distintas formas de viver a condição de ser surdo”. No entanto, se constituem como grupo, assim como o grupo de surdos deste estudo, que oferece um local, embora num curto espaço de tempo, que permite que “a comunidade surda se constitua e se mantenha como tal”.

4.2 Os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* como ferramentas potencializadoras da interação entre surdos e ouvintes

Com esta etapa da análise dos resultados, busco apresentar as potencialidades dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a interação do grupo de surdos participantes desta pesquisa. Mesmo os surdos do grupo tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando participar dessa pesquisa e ceder todo material gravado por vídeo para análise, entendi ser melhor preservar suas identidades. Isso posto, aponto que eles serão identificados como Surdo 01; Surdo 02; Surdo 03; e assim sucessivamente.

É importante ressaltar que, em vez de fazer uso da escrita correta da língua portuguesa, escolhi redigir as palavras e frases no aplicativo de forma semelhante aos surdos do grupo, isto é, sem conectores, concordância ou verbos conjugados. Essa escolha se deu pela minha convivência com o grupo, uma vez que já havia percebido a dificuldade em realizar leituras com as frases estruturadas do ponto de vista da língua portuguesa formal. Outro motivo que me motivou a buscar escrever de forma semelhante a eles, foi o fato de alguns estarem em processo de alfabetização, portanto, adquirindo a leitura e a escrita da Língua Portuguesa.

As análises dos saberes surdos aqui apontados foram inspiradas em algumas ideias de Foucault (2006), que aponta a relação entre o poder e o saber. Para o autor, “O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1999, p. 89). Dessa forma, procurei abordar de que maneira as tecnologias digitais, bem como os aplicativos utilizados nesta pesquisa, contribuem para informar os surdos e ampliar o poder e saber que eles possuem.

Para Stumpf (2010), o acesso ao mundo digital proporcionou mudanças importantes na interação do surdo com o mundo, visto que

[...] inaugurou uma nova dimensão às suas possibilidades de comunicação, pois são tecnologias acessíveis visualmente. Se, para os ouvintes, elas abriram perspectivas que levaram a modificações profundas nos usos e costumes de toda a sociedade, para os surdos, essas mudanças podem ser ainda mais significativas (STUMPF, 2010, p. 02).

Nas enunciações transcritas a seguir, é possível perceber o quanto os surdos, tal como os ouvintes, utilizam os aplicativos para discutir, problematizar e interagir sobre assuntos do seu cotidiano, bem como sobre curiosidades e entretenimento. A autora supracitada diz, ainda,

que as tecnologias proporcionam mudanças em várias esferas da vida do surdo; principalmente no que diz respeito à “inserção comunicativa em muitas das atividades de vida diária antes inacessíveis, pois, a distância e o tempo se encurtam pela Internet e surgiram novas maneiras de se relacionar” (STUMPF, 2010, p. 02).

Ao observar as enunciações do grupo de surdo, é possível perceber que a falta, ou limitação de comunicação, é a causadora de todas as dificuldades encontradas no contexto de suas vidas. As enunciações são relatos de vida que geralmente se remetem à infância, passam pela família, pela escola, pela sociedade, até chegar à vida profissional. Enfim, a dificuldade em se comunicar acompanha o surdo desde sempre, no entanto, alguns relatos da vida contemporânea do surdo começam a ter um tom diferente, e isso se deve muito às tecnologias digitais e aos aplicativos disponíveis no mercado. De acordo com Belloni (2014) as mídias digitais contribuem para a socialização das novas Gerações. Para Kenski (2008, p. 21), “o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, agir e falar”. E, assim como os ouvintes, os surdos são usuários dessas ferramentas tecnológicas que o mercado oferece.

É importante ressaltar que não falo de tecnologias específicas para os surdos; ao menos não para este grupo de surdos pesquisado. Ao perguntar durante as entrevistas realizadas se usavam algum aplicativo específico para surdos, a resposta de todos eles foi “*não*”. E quando perguntei quais os aplicativos que mais utilizam, os três mais citados foram *Facebook*⁸, *WhatsApp* e *Imo*. “Eu gosto mais do *WhatsApp* por que é mais fácil se comunicar, e também o *Imo* porque abre a tela e conversa em LIBRAS e isso é muito importante” (SURDA 04).

Esses aplicativos apontados foram desenvolvidos para ampliar a rede de relacionamento e comunicação no geral, e não de um grupo específico. Em síntese, o que quero dizer aqui, é que, dentre outras possibilidades que os surdos têm como aplicativos, os surdos do grupo preferem aplicativos de uso comum, e não algo desenvolvido especificamente para alguém com surdez.

Primeiro eu utilizo mais o *WhatsApp* e depois o *Imo*. Sou viciada, viciada, viciada no *WhatsApp*. Eu mando fotos dos lugares e passeios, eu mando fotos nos grupos de pessoas que moram fora, tenho uma comunicação, uma interação, trocando experiências é mais fácil (SURDO 08).

⁸ **Facebook** é uma rede social disponível na *Web*, com versão móvel. Nele, os usuários podem compartilhar fotos e vídeos, trocar mensagens com amigos, publicar o que estão fazendo, usar *emoticon* para *facebook*, símbolos, rocar *likes* (curtidas) e comentar as postagens de outros usuários, jogar, criar eventos, grupos acadêmicos ou empresariais e muito mais.

Whatsapp é bom o *facebook*, o *Imo* também é bom. Conversa em LIBRAS com a câmera é muito bom (SURDO 02).

Eu uso todo dia *WhasApp*, que uso as palavras para falar com as pessoas, o *Imo* também que utilizo para fazer vídeos com os surdos ai eu vejo a pessoa, a gente conversa, usa LIBRAS é melhor (SURDO 04).

WhatsApp, Imo, Facebook. Minha irmã as vezes ajuda a entender *Facebbok* (SURDO A 11).

Possivelmente eles tenham sido influenciados pela sociedade, uma vez que, segundo o *site techtudo* (2017), o *ranking* de primeiro lugar como aplicativo mais utilizado e baixado atualmente é do WhatsApp, utilizado por cerca de 80% dos brasileiros. Em segundo Lugar no *ranking*, está o Facebook. O aplicativo Imo não apareceu entre os mais conhecidos e utilizados na pesquisa do site mencionado.

Em relação ao *Facebook*, apesar de uma grande aceitação e uso por parte do grupo, não foi explorado nesta pesquisa, uma vez que o foco aqui é a comunicação e a interação por meio dos aplicativos de mensagens instantâneas. Este aplicativo, embora seja uma rede social que permita trocar mensagens, tem como foco maior compartilhar fotos e vídeos, publicar o que se está fazendo, curtir e comentar fotos e postagens. A comunicação instantânea até é possível, hoje, pelo *Facebook*, porém outros aplicativos como o *Imo* e o *WhatsApp*, por exemplo, já conquistaram a preferência entre surdos e ouvintes.

Para Kenski (2008), nos ambientes virtuais que podem ser acessados pelo smartphone/telefones celulares, podem circular inúmeras formas de comunicação instantânea, o que oportuniza a comunicação entre pessoas em qualquer parte do mundo. O autor ainda cita que:

Uma imensa e complexa rede de meio de comunicação, instalada em quase todos os países do mundo, interliga pessoas e organizações permanentes. Um único e principal fenômeno tecnológico, a internet, possibilita a comunicação entre pessoas para mais diferenciados fins: fazer negócios, trocar informações, experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver novas vidas, que podem ser partilhadas em pequenos grupos ou comunidades virtuais (Kenski, 2008, p.33).

Embora o aplicativo *Imo* não tenha a mesma popularidade dos outros dois anteriormente citados, ele oferece todas as possibilidades descritas pelo autor. E, por mais que ele não esteja presente no *ranking* como um dos mais utilizados pela população em geral, muitos surdos do grupo gostam de usar ele. A conversa por vídeo instantânea, e com qualidade visual, é uma

excelente ferramenta para os surdos e ouvintes se comunicarem pela língua de sinais, sem ter que se preocupar com a escrita, leitura e compreensão do texto redigido.

[...] as vezes o português, as palavras o surdo tem dificuldades em entender, então para o surdo o *Imo* é melhor (SURDO 01).

O *WhatsApp* por que é mais fácil se comunicar, mais o *Imo* abre a tela e conversa em LIBRAS e isso é bom, e muito importante (SURDO 04).

[...] o melhor, e que eu mais utilizo é o *Imo*, porque é muito mais fácil para me comunicar, uso sinais, tenho contato com as pessoas troco sinais, eu acho *Imo* melhor (SURDO 08).

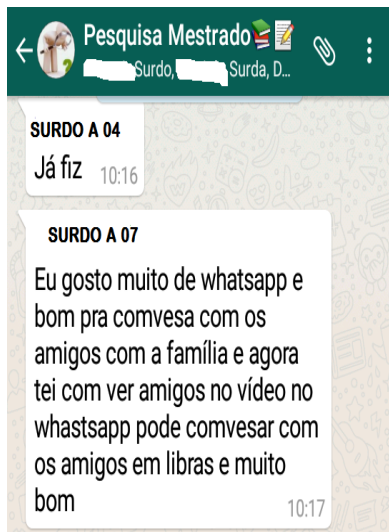
É muito melhor conversar tanto com surdo como com ouvinte pelo *Imo*. Pelo *WhatsApp* português é difícil tem que ter paciência, melhor fazer e mandar vídeo (SURDO 03).

Dessa forma, as opiniões se dividiram um pouco, no grupo, sobre qual dos aplicativos eles preferem. Alguns pontuaram preferir o *Imo*, porque, com ele, podem usar sempre a LIBRAS como meio de comunicação. Outros escolheram o *WhatsApp*, porque, apesar de precisarem se esforçar mais para compreender o português, conseguem, com ele, conversar com todos surdos e ouvintes de forma semelhante.

Enfim, ao longo da pesquisa pude observar que o uso do *Imo* ocorre principalmente entre surdos e intérpretes. Através dele, usam sempre a língua de sinais para interação. Já o *WhatsApp* é de uso mais comum, tanto entre os surdos, como entre surdos e ouvintes. Sendo assim, a preferência ocorre quando eles têm a possibilidade de escolher com que aplicativo irão se comunicar. Se um surdo quer conversar com outro surdo, ele normalmente escolherá o *Imo*. Quando a comunicação é com alguém que não domina a língua de sinais, os surdos usam o *WhatsApp*, tal como os ouvintes o fazem. Independente do aplicativo escolhido, o fato é que a interação acontece entre surdos, e entre surdos e ouvintes por meio desses aplicativos apontados.

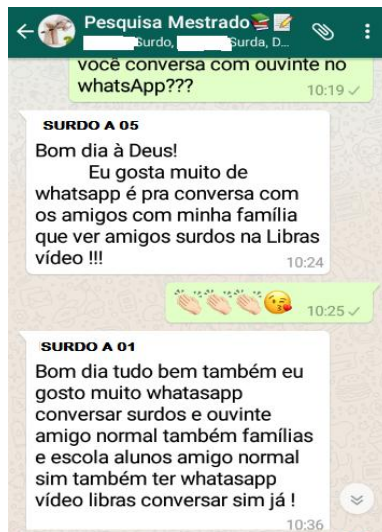
Nas enunciações a seguir, se pode ver de que maneira esses aplicativos utilizados pelos surdos do grupo potencializam a comunicação e interação com o outro.

Figura 15-Enunciações surdas



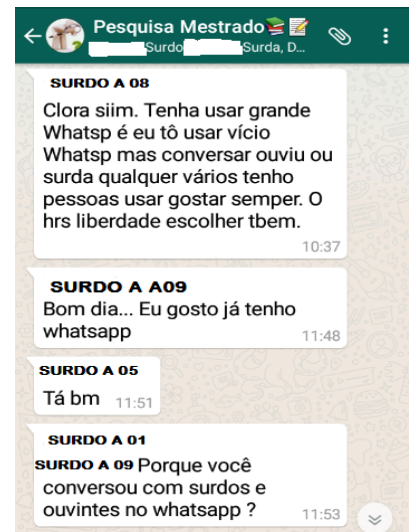
Fonte: Da autora (2016).

Figura 16-Enunciações surdas



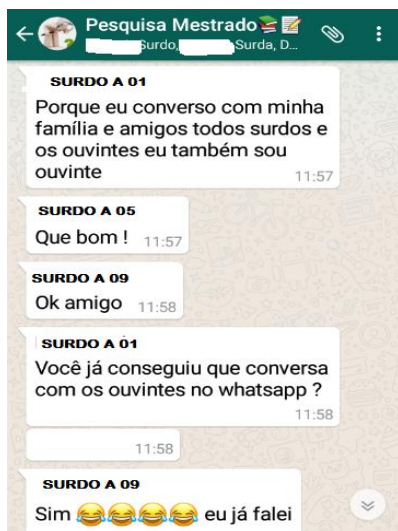
Fonte: Da autora (2016).

Figura 17-Enunciações surdas



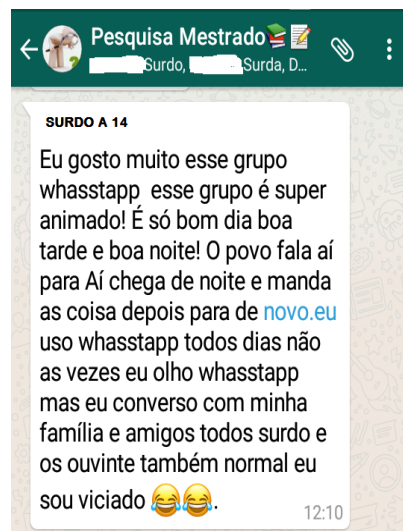
Fonte: Da autora (2016).

Figura 18-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 19- Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Foucault (2008, p.54) diz que “[...]...gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; [...]”. É possível perceber, nas enunciações dos surdos, um tom animado ao relatarem o porquê de gostarem de utilizar o *WhatsApp*. Outro ponto a destacar nas enunciações é que, provavelmente, a animação e o gosto pelo uso deste aplicativo venham do fato de poderem conversar com a família e com os ouvintes por meio dele, sem apego a erros ortográficos e gramaticais da língua portuguesa.

Sim ajuda, as vezes as pessoas surdas não conhecem as palavras, aí tem a comunicação oi, tudo bem, obrigada. Só mensagem com palavras, eu entendo um pouco e fica claro (SURDO 04).

Eu gosto do *WhasApp*, porque as vezes os surdos aprendem algumas palavras, e aprende algumas coisas (SURDO 05).

Sim, ajudam. Às vezes as pessoas mandam mensagens com palavras, e se eu não entendo, pergunto para alguém, peço ajuda, a pessoa me explica e tudo bem, eu entendo (SURDO 11).

Sim ajuda sim, no *WhasApp*, as vezes eu não entendo todas as frases, aí eu tenho dúvida com as palavras e eu vou aprendendo as a palavras (SURDO 12).

Para os surdos, o interessante é que, mesmo não tendo muito domínio do português, conseguem estabelecer uma conversa com o outro pelo aplicativo. De acordo com Belloni (2014, p.161), “As mídias eletrônicas [...] vêm funcionando nas últimas décadas como dispositivos extremamente eficazes da socialização das novas gerações, (...)”. Dessa forma, são superadas algumas barreiras como distância e diferentes idiomas. Movidos pela vontade de manter uma comunicação, tiram suas dúvidas com as pessoas próximas, aprendem significados de novas palavras e ampliam sua escrita e leitura do português; consequentemente, aprendem por meio do aplicativo.

Sperb e Thoma (2012, p. 56) apontam que é “[...] importante pensar sobre o ensino da língua portuguesa, especialmente quando tantas teorias falam de formas diversificadas e até divergentes sobre a melhor forma de efetivá-lo”. Os estudos aqui mostram que os aplicativos utilizados podem se tornar ferramentas potencializadoras de ensino para os surdos, uma vez que rompem a barreira da comunicação.

Os aplicativos oportunizam um diálogo escrito de forma rápida, abreviada e sem uso de conectivos e artigos. Essa forma de escrever, por vezes, fica similar à escrita dos surdos e esse formato contribui para seu entendimento na leitura das mensagens recebidas. Mesmo eles sendo surdos, sem uma escrita perfeita, considerando a gramática da língua portuguesa, podem compartilhar mensagens cheias de dizeres, verdades e experiências pessoais.

Diante disso, ao usar o aplicativo *WhatsApp*, o surdo passa a se relacionar com o outro. Mesmo que o ouvinte não domine sua língua de sinais, e o surdo não domine o português perfeito, ambos conversam de forma semelhante, ou seja, trocam mensagens e interagem pelo aplicativo. Dessa forma, surdos e ouvintes conseguem estabelecer uma comunicação. Com o

uso do aplicativo, surdo não deixa de ser surdo, tampouco diminui sua cultura, apenas se faz entender por meio das mensagens e dos vídeos, tal como os não surdos fazem.

A dinâmica dos aplicativos é atrativa, pois beneficia o uso de recursos visuais e a animação de imagens, que contribuem muitas vezes para a compreensão do surdo, já que ele faz uso de uma língua espaço-visual. Sendo assim, ele compreende a fala do outro e se manifesta de maneira semelhante, por meio de palavras, imagens e vídeos, tal como os ouvintes fazem nos aplicativos. Segundo Foucault (2008), a forma de se expressar, dizer e se fazer entender sempre estará relacionada às especificidades do sujeito que fala.

Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o *status* dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? (FOUCAULT, 2008, p. 56).

A experiência de vida e a especificidade do sujeito são consideradas por Foucault (2008) como partes que complementam o próprio discurso. Strobel (2009, p. 27) comenta que o surdo modifica o mundo à sua volta com o intuito de “[...] torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo”.

Dessa forma, o acesso ao mundo virtual, no qual o sujeito busca aquilo que o instiga, como as redes sociais e os aplicativos, através dos quais troca experiências e informações, contribui para um discurso próprio, porém cheio de influências externas. Essas buscas e trocas que os aplicativos propiciam ao surdo, permitem a ele interagir com quem antes não interagira. Para Belloni (2014) o uso da internet contribuiu para o acesso a informação e socialização do sujeito. As enunciações a seguir mostram o quanto o aplicativo *WhatsApp* potencializa a troca de informação e interação entre os surdos, família e ouvintes.

Com minha família longe, meu primo, minha cunhada, minha tia que mora na fazenda. E é bom por que a gente conversa, pergunta, e a saúde está boa? Preocupa nada. Conversa normal (SURDO 04).

Sim ajuda, porque tem interação, troca, bate papo e tem muita conversa (SURDO 12).

Sim, eu converso com minha prima, ela me dá conselho, a gente conversa. Com minha família eu converso um pouco, mando mensagens. Quando são poucas palavras eu consigo entender, porque conheço pouco português, mas quando são muitas palavras não entendo (SURDO 10).

Ao serem questionados se o aplicativo potencializava sua interação e comunicação com a família e os amigos, os surdos disseram que “*sim*”, pois conseguem se comunicar mesmo a distância. Para Moran (2000, p. 11), “todos estamos experimentando a sociedade mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, comercializá-los, de divertir-se de ensinar e de aprender[...]”. O que antes os surdos só podiam fazer pessoalmente, agora fazem, independentemente da localização geográfica.

Outro aspecto a destacar também é que o uso dos aplicativos aproxima o surdo da família, uma vez que, mesmo sendo o único surdo nela, ele está presente no grupo familiar criado no aplicativo *WhatsApp*, recebendo e enviando notícias, imagens, fotos, vídeos. Dessa forma, participa dos assuntos dos quais antes era excluído, pela barreira da comunicação.

Como fica claro, nas próximas imagens, os surdos conseguem problematizar questões a respeito da sua vida, cultura, família, língua e todo assunto a que têm acesso. Usando os aplicativos *WhatsApp* e *Imo*, se expressam sem medo de julgamento, mostrando que o que os difere do outro é apenas sua cultura. Nas imagens e enunciações a seguir, aponto a produtividade desta pesquisa, mostrando que os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* auxiliam os surdos na problematização da sua existência, sua vida, suas lutas e anseios.

Figura 20 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

A imagem anterior iniciou uma discussão a respeito do Setembro Azul, data que marca o movimento Surdo. Foi possível analisar o quanto os surdos conseguem ampliar suas possibilidades de interação, buscando dados por meio do aplicativo *WhatsApp*. Ao iniciar uma

conversa a respeito do Movimento do setembro azul, mês em que se comemoram as lutas e conquistas da comunidade surda, pude perceber o quanto o surdo busca informar-se, assim como informar os outros sobre um determinado assunto.

Figura 21 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

A participante logo explicitou que a imagem estava relacionada à cultura surda. Logo em seguida, questionei sobre o que mais ela conhecia a respeito da data e qual importância tinha para os surdos. Ela respondeu: Eu e “*Pensar pouco sim*”. Logo percebi que essas poucas palavras produzidas precediam opiniões que viriam a seguir. De acordo com Foucault (2006, p. 10), “Por mais que o discurso seja, aparentemente, bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. Thoma acrescenta:

Na modernidade, o poder é visto como algo que alguns possuem e exercem sobre outros: o poder é centralizado, nos atinge, se irradia sobre nós. Em Foucault, o poder age em nossos corpos, mas não é imposto. Ele age sutilmente, para que seja colocado em ação, o faz através do saber. O poder é insidioso: ele captura a ação do outro e só exerce em pessoas livres. Saber e poder estão indissociáveis em Foucault, pois quando os saberes são postos em circulação, eles entram em consentimento com o poder (THOMA, 2002, p. 39).

Nesse momento, minha experiência com a escrita e expressões usadas pelos surdos, me fez refletir sobre o significado daquela frase escrita pela surda. Logo pensei que ela ainda concluiria seu pensamento a respeito do assunto e que existia saber a respeito do tema ali discutido. Thoma (2002, p. 47) diz a respeito do discurso do sujeito que “é estabelecido um

ritual que lhe define a qualificação, os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, do que lhe é possível pronunciar na ordem do discurso; um ritual que define propriedades particulares e papéis pré-estabelecidos”. A autora ainda comenta que os discursos podem ter um significado diferente, dependendo de quem os “pronuncia. ” Dessa forma, me apoio no pensamento de Foucault, uma vez que, para o autor, o discurso é uma prática da língua com “outra coisa”, ou seja, uma “prática discursiva”:

[...] o que se chama "prática discursiva" pode ser agora precisado. Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008, p. 138).

A ideia de que a surda continuaria seu raciocínio em relação ao tema se confirmou com a mensagem seguinte, em que ela mostrou seus conhecimentos sobre a história e a luta dos surdos para serem aceitos. Nas enunciações, diz: “mas antigo mata surdo e depois fazer lei nova tem respeito surda fácil coisa cultural surda igual pessoa” (SURDO 08). Nessa continuação do seu pensamento, fica visível o quanto os aplicativos potencializam a busca dos surdos por informações sobre o tema discutido, o quanto conseguem problematizar, pesquisar, discutir, mostrar e explorar a história da sua cultura.

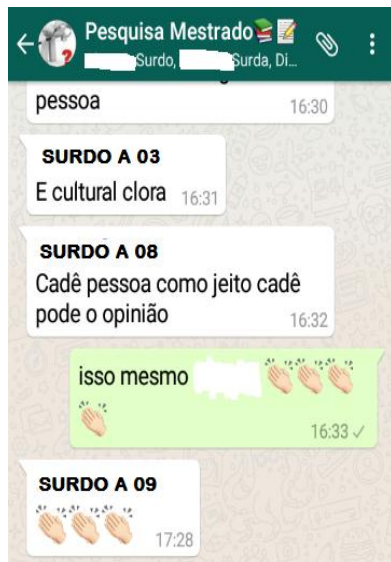
Esse fato citado nas enunciações do surdo, de que pessoas com surdez eram mortas na antiguidade, aparece no relato de Strobel (2006, p. 94). A autora relata que as pessoas que nasciam com alguma deficiência eram merecedoras de castigos divinos. “Durante a Idade Média, os sujeitos surdos eram frequentemente apedrejados ou mortos em fogueiras”. Outros deficientes eram mortos logo ao nascer, e muitos eram escondidos pelas famílias envergonhadas pela anomalia; viviam e morriam isolados do mundo.

Já as leis a que a surda se refere estão relacionadas às conquistas políticas do povo surdo ao longo dos anos, como citam Thoma e Klein:

[...] oficialização da língua de sinais através da Lei 10.436/2002; a entrada cada vez maior de surdos no ensino superior em cursos de graduação, mestrado e doutorado; a disseminação da cultura surda tanto em contextos acadêmicos quanto nos meios de comunicação; o ensino de Libras através de disciplina obrigatória nas licenciaturas e no curso de Fonoaudiologia (Decreto 5626/2005); a criação do curso de graduação em Letras-Libras¹¹ para formar profissionais para o ensino (Licenciatura) e para a tradução/interpretação (Bacharelado) na educação básica e ensino superior, entre outras (THOMA; KLEIN, 2010. p. 120).

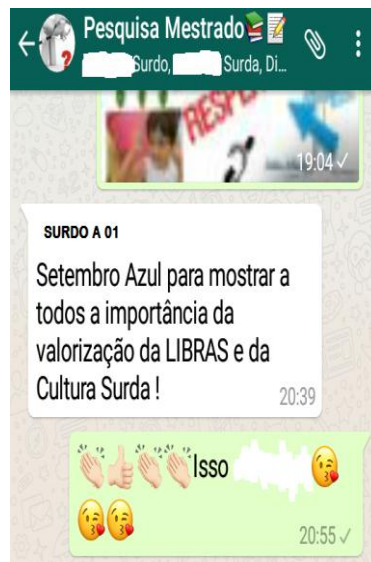
Logo após o pronunciamento da surda, outros colegas participaram da discussão, referindo-se às conquistas da cultura para o povo surdo e à importância de valorizar o setembro azul, como se pode ver nas figuras:

Figura 22-Enunciações surdas



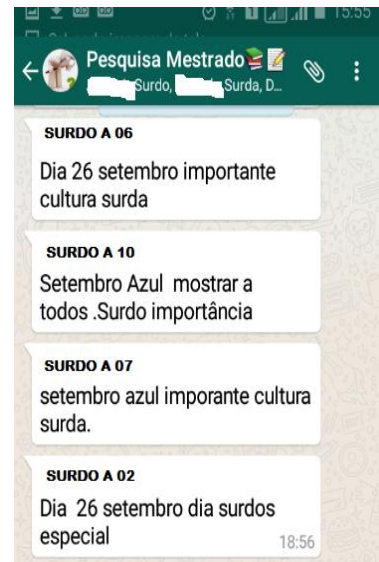
Fonte: Da autora (2016).

Figura 23-Enunciações surdas



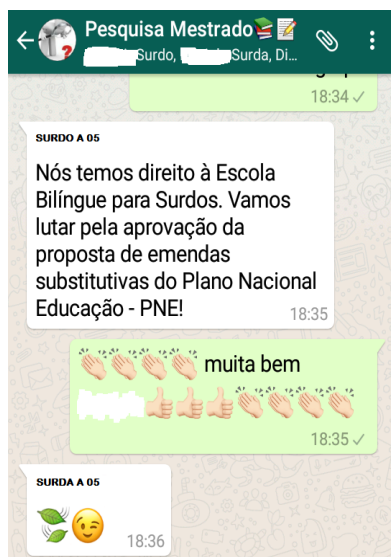
Fonte: Da autora (2016).

Figura 24-Enunciações surdas



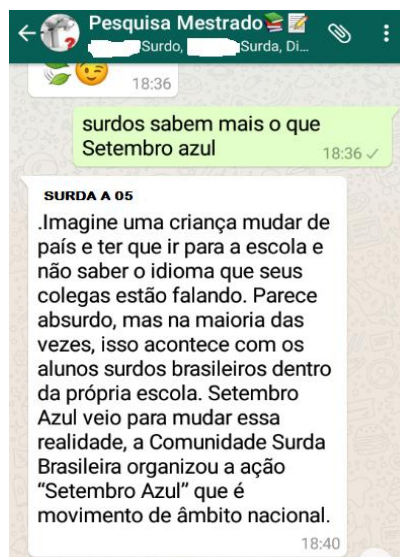
Fonte: Da autora (2016).

Figura 25-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 26-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

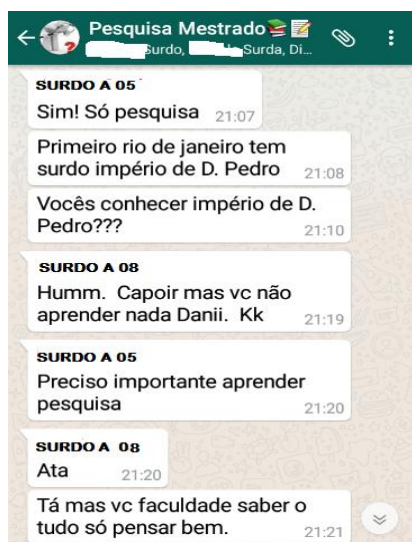
Problematizando as enunciações com olhares foucaultianos, é possível encontrar influências das tecnologias no discurso da Surda A 05. Nas duas últimas postagens, pude constatar que não ela não tinha enviado uma escrita sua. Imaginei que tivesse realizado uma pesquisa em algum *site*. Ao ser questionada por mim, ela respondeu que sim. Percebi que a escrita não era dela por dois motivos: primeiro, porque conheço as dificuldades e limitações que ela tem na escrita da língua portuguesa; e segundo, pelo uso de termos como ementas substantivas, que não fazem parte de seu vocabulário e, cujo significado talvez nem saiba. Porém, o assunto condiz com a discussão a respeito das lutas e conquistas, bem como com os direitos adquiridos pelo povo surdo, citados anteriormente.

A atitude de copiar da internet pode ser esclarecida com a fala de Kenski (2008, p. 47), na qual ele cita que o uso das redes [...] “transformam a relação com o saber. As pessoas precisam atualizar seus conhecimentos e competências periodicamente”. Ao buscar e copiar o texto da internet, a surda mostra sua vontade de se informar e participar da discussão. Naquele momento, seu objeto de desejo era contribuir com a discussão a respeito do tema exposto.

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar (FOUCAULT 2006a, p. 10).

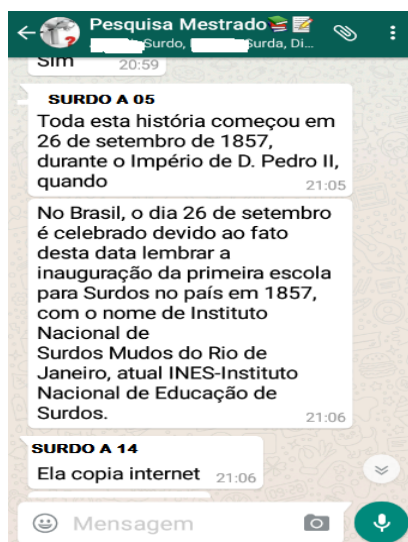
Dessa forma, entendi que a surda, embora não tenha digitado um texto de sua autoria, compreendeu e se interessou pela discussão do tema e continuou postando assuntos relacionados a ele. Sendo assim, as enunciações dos surdos podem ser influenciadas a partir dos saberes e informações adquiridas e compartilhadas pelos aplicativos utilizados.

Figura 27 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 28-Enunciações surdas



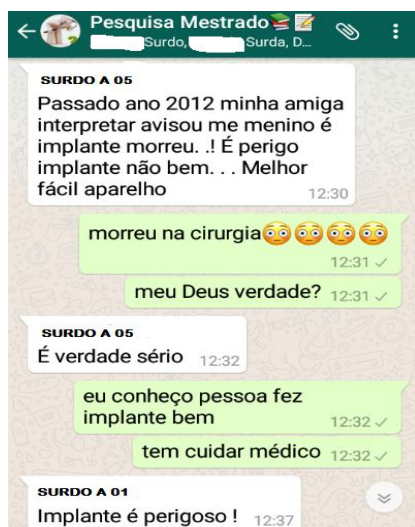
Fonte: Da autora (2016).

A influência na enunciação da surda foi também observada pelos colegas do grupo, uma vez que perceberam que ela estava fazendo cópias. Embora Foucault aponte que as enunciações podem sofrer influências, a pesquisa feita pelos surdos, para participar e dividir informações, pode ampliar o conhecimento e o saber de que o surdo necessita para fortalecer sua participação na sociedade. A respeito do uso e influências das tecnologias digitais, Kenski (2008) acrescenta:

A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços e pessoas diferentes (KENSKI, 2008, p. 31-32).

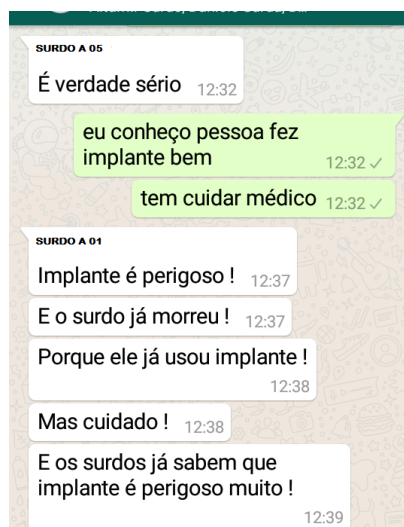
Os perigos das influências se mostraram também nesta pesquisa, ao abordarmos o tema aparelhos auditivos e implante cocleares. Os dois são opções a que os surdos podem recorrer para melhorar, ou ampliar sua audição. Muitos discursaram sobre mitos e supostas inverdades a respeito do assunto. A seguir, nos discursos dos surdos do grupo, os motivos pelos quais preferem os aparelhos auditivos, mas não aceitam o implante coclear.

Figura 29-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 30- Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Certamente, o fato de o implante coclear ser realizado por um procedimento cirúrgico assusta os surdos. No entanto, afirmar a ocorrência de mortes devido ao procedimento, especificamente, não é verídico. Os perigos do procedimento são os mesmos de qualquer outra cirurgia, devido à anestesia e ao risco de infecção. No entanto, os surdos afirmam sua rejeição ao procedimento sem terem maiores informações sobre esse assunto.

Nós, os povos surdos, não nos preocupamos com o dito Implante Coclear e sim com os sujeitos surdos que são submetidos a esta cirurgia, que os mantém em malhas de poder ouvícentricas, isto é, que está centralizado numa concepção do “ser ouvinte”, porque não tem garantia que dará certo em 100% dos casos.

Nós sabemos que há ‘casos’ que dão certo, nos quais as empresas de Implante Coclear mostram e investem com orgulho para divulgação e nós parabenizamos pelo milagre realizado, mas e o resto dos outros sujeitos surdos? E aqueles ‘casos’ que não deram certo? Devemos ignorá-los? (STROBEL, 2008, p. 72-73).

Houve casos de surdos que foram implantados quando eram crianças e depois de adultos se revoltaram, porque não têm liberdade para praticar esportes e não podem ter aproximação direta a monitores de televisão, computadores e forno de micro-ondas quando os mesmos encontram-se em funcionamento, uma vez que a radiação eletromagnética presente nestes equipamentos pode ser capaz de alterar a função do circuito eletrônico do Implante Coclear e ocasionar alteração na qualidade do som e falha no envio da estimulação (STROBEL, 2008, p. 73).

Mesmo compreendendo o ponto de vista dos surdos, pontuei que conheci vários surdos que realizaram o implante e estavam bem. Porém, os surdos já haviam definido suas verdades. Essa postura vai ao encontro da fala de Foucault (1979), de que o verdadeiro e falso estão

atribuídos ao ato de aceitar as coisas, e que há um duelo a respeito do que venha a ser a verdade para o sujeito. A verdade seguida pelo sujeito vai depender do lugar que ela ocupa para ele.

Outra análise pertinente a respeito do assunto é que o implante coclear é oferecido pela medicina como uma tentativa de devolver a audição aos surdos, associando a surdez a uma doença. Ou seja, por meio de procedimentos, o sujeito pode ser “consertado”, e se enquadrar dentro do padrão de normalidade da sociedade. Conforme Strobel (2008, p. 75-76), a família que busca pelo implante coclear sofre com alguns questionamentos como: “Será que com implante coclear meu filho surdo ouvirá? Será que, com implante, ele falará igual à criança ouvinte? [...]”. Essas questões aparecem no discurso do único surdo implantado do grupo.

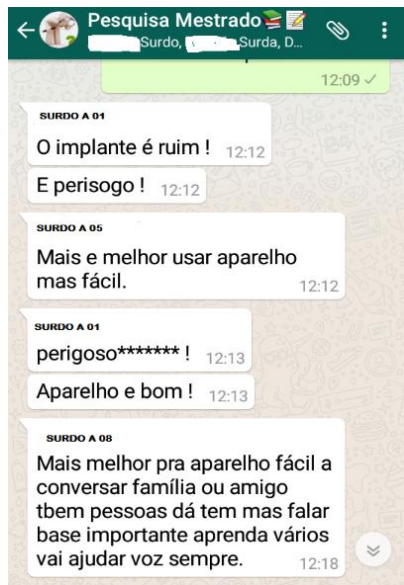
Minha mãe me levou a fonoaudióloga para eu aprender a falar, e aí depois ela conversou comigo e me aconselhou, você quer ouvir, eu disse que sim. Viajei para São Paulo com minha mãe e fui fazer o Implante Coclear, fomos de ônibus. Nossa o implante é muito caro meu pai pagou cinco mil reais. Ai quando eu voltei a professora perguntou e aí, agora você ouve? Eu disse, só um pouquinho, estou começando agora, é difícil, entendo coisas simples, mais vou desenvolvendo (SURDO 01).

Strobel (2008, p. 75) ainda pontua que, mesmo diante de tantas incertezas a respeito do implante, a família dificilmente pensa como solução para seu filho no contato dele com a comunidade surda. Em seu “anseio de tornarem seus filhos surdos ‘normais’, procuram uma maneira de ‘consertar’ o defeito do filho”. Foucault declara que:

A história contínua é correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia – sob a forma da consciência histórica –, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas à distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar de sua morada (FOUCAULT, 2002, p. 15).

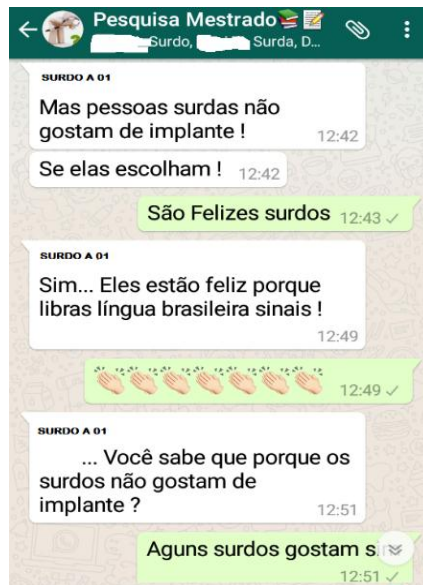
Ainda que os médicos procurem devolver aos surdos a audição, estes se recusam a tornar-se parte dessa tentativa de padronização. E, apesar de muitos surdos aderirem ao aparelho de ampliação sonora/aparelho auditivo, afirmam que é por meio da língua brasileira de sinais – LIBRAS que se sentem completos e pertencentes à sociedade. O discurso do surdo a seguir deixa transparecer essa afirmação.

Figura 31- Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 32-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

O surdo 01 aponta a língua de sinais brasileira como a solução, tão procurada pela medicina, para normalizar os surdos. Conforme Strobel (2008, p.36), “o respeito à surdez significa considerar a pessoa surda como pertencente a uma comunidade minoritária, com direito à língua e cultura própria. Desse modo, não são necessários maiores esforços se o objetivo da realização de pesquisas no campo da surdez for para desenvolver aparatos que permitam ao surdo ouvir e, conseqüentemente, se comunicar, até porque, isso já é possível por meio da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Foucault diz que é preciso compreender o sujeito dentro da sua história, do seu discurso e saberes.

Queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica (FOUCAULT, 1979, p.7).

Certamente, a língua contribui para a cultura de um povo. Assim como os sujeitos surdos, os ouvintes também aprendem e crescem por meio da comunicação, da convivência e do contato entre eles e a sociedade. No entanto, Strobel (2008, p. 31) diz que “o povo surdo consiste em sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços”. A descrição da autora encontra o

discurso de Foucault, quando este propõe a seguinte análise: “quem fala? de onde fala? Qual posição ocupa esse sujeito que fala? (FOUCAULT, 2008) ”.

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no mundo dos surdos e ouvir as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem que para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos se faz necessário conhecer a língua de sinais (QUADROS, 2008a, p. 119).

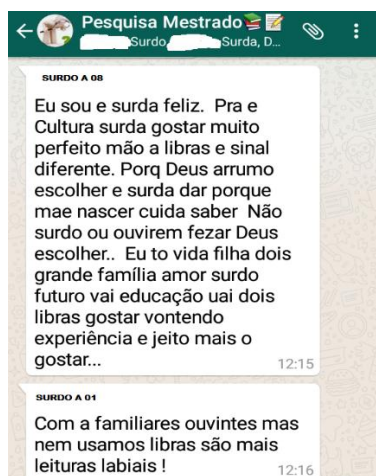
A autora supracitada mostra quem são os surdos, como eles falam. Foucault contribui, dizendo que é preciso ver o sujeito a partir de suas experiências de vida, de sua história. E a história dos surdos certamente está marcada pela dificuldade de comunicação com a sociedade ouvinte. No entanto, as conquistas históricas já impulsionaram a disseminação da sua identidade, cultura e língua.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL 2008, p. 22).

Dito isso, pode-se atestar que a língua de sinais assegura a comunicação dos surdos, sua cultura e fortalece sua posição na sociedade. É a partir da LIBRAS que a constituição do saber do surdo ocorre, ou seja, por meio do seu campo visual. Foucault diz que, “se a linguagem exprime, não o faz na medida em que imite e reduplique as coisas, mas na medida em que manifesta e traduz o querer fundamental daqueles que falam (FOUCAULT, 1999, p. 401)”. Seguindo a linha de pensamento foucaultiana, ver o sujeito surdo, dentro da sua real existência e experiência, é enxergar sua diferença cultural, “pois uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal” (STROBEL, 2008, p.42-43).

Entre o povo surdo, é possível perceber a aceitação da língua de sinais e a preferência para que a comunicação ocorra por meio dela. Tal posicionamento dos surdos fica claro nas enunciações acerca da língua de sinais brasileira que os componentes desta pesquisa apontaram. A partir das enunciações mostradas a seguir, expressas durante a discussão sobre o tema língua brasileira de sinais – LIBRAS, é possível compreender a necessidade dos surdos em conversarem em seu idioma e a importância que dão a ele.

Figura 33 – Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Apesar de o povo surdo aceitar o uso da língua de sinais como meio oficial de comunicação, o tom do discurso muda ao relatarem as dificuldades encontradas em se comunicar com a família e com os demais ouvintes. Nas enunciações a seguir, aparecem histórias semelhantes, tristes e corriqueiras na vida do ser surdo. As dificuldades de comunicação começam no seio familiar do surdo. Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, “os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito ‘não normal’ e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito” (STROBEL, 2008, p.48).

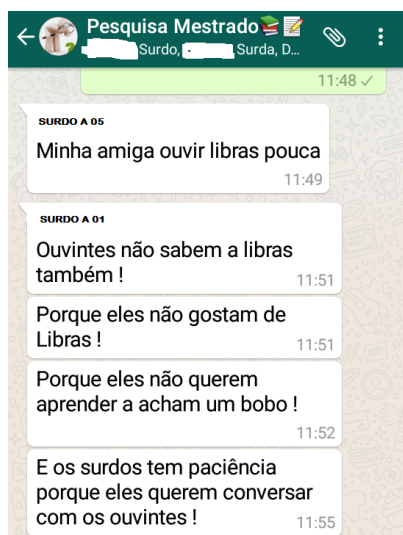
Não é fácil para um pai aceitar que seu filho não tem um dos sentidos, e que ele terá de viver com essa diferença por toda sua vida. Normalmente os pais esperam que seus filhos nasçam semelhantes a eles. Quando a família se depara com tal situação, acaba sendo influenciada com informações médicas e busca solucionar o problema do filho, por meios que a medicina oferece. Pode-se analisar, nas enunciações a seguir, o quanto as famílias demoram para aceitar a condição surda dos filhos.

Minha família não aceitava LIBRAS, queria que eu falasse, eu tento conversar e entender minha família e amigos ouvintes, é difícil, as vezes eu entendo, as vezes não entendo nada. É porque minha família não gosta de Libras só de falar normal, eu preciso ter paciência, não sinalizam nada só oralizam, só falam. A comunicação com toda a minha família lá do Ceará e daqui de Barra do Garças –MT é só oralizando. Até hoje a comunicação é difícil é muito sofrido (SURDO 03).

Ao buscar meios apenas na medicina para tal problema, a família acaba perdendo um tempo precioso para integrar seu filho surdo na sociedade. Quando a família assume esse posicionamento, os surdos demoram a ter acesso à língua de sinais e alguns, quando têm contato

com ela, acabam se sentindo inferiores, pois cresceram com olhares que os condenavam e rótulos por serem considerados, pejorativamente, pessoas diferentes. Sendo assim, muitos surdos acabam se isolando por vergonha da sua língua, da sua condição surda, conforme recortes das enunciações que seguem:

Figura34- Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Além da sensação de inferioridade ao serem tachados de “bobos”, o fato de não falarem faz com que a sociedade ouvinte os defina como mudos também. O termo mudo é muito equivocado. Essa definição ocorre por falta de informação sobre o ser surdo. A falta da língua oral pressupõe “ausência de pensamento ou, pelo menos, pressupõe que o surdo não tem o que dizer” (Lopes, 2007, p. 51), o que, por fim, acaba distanciando o surdo da interação social necessária para se desenvolver como cidadão crítico e participativo na sociedade. Sabemos que a língua tem função social desde a infância, e é por meio dela que nos aproximamos e nos comunicamos com o outro.

As crianças ouvintes são estimuladas por meio oral desde seu nascimento. Dessa forma, têm acesso a adquirir sua língua de maneira natural e oportunidade de desenvolvê-la. Essa oportunidade no desenvolvimento da fala na criança ouvinte permitirá a ela vivenciar momentos de trocas comunicativas com o outro, vivenciar situações em seu convívio familiar e social, o que contribuirá de forma efetiva no desenvolvimento da sua língua.

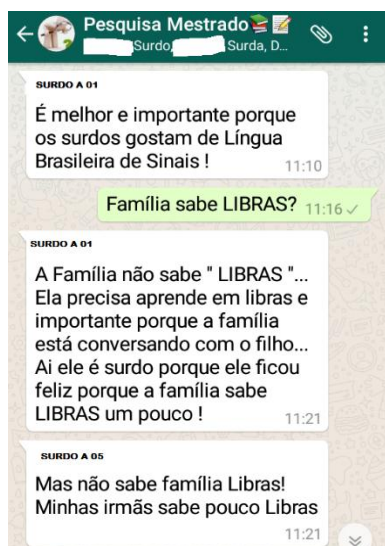
Para Quadros (2006, p. 28), “Através da língua, as crianças discutem e pensam sobre o mundo. Elas estabelecem relações e organizam o pensamento”. No entanto, para o surdo, essa

oportunidade de estímulo desde seu nascimento não acontece, por isso, tem dificuldade em desenvolver sua língua. O que ocorre é que, na maioria das vezes, os surdos são filhos de pais ouvintes, fato que tardia o contato dele com a língua de sinais, o que contribui para uma demora no seu desenvolvimento cognitivo e social.

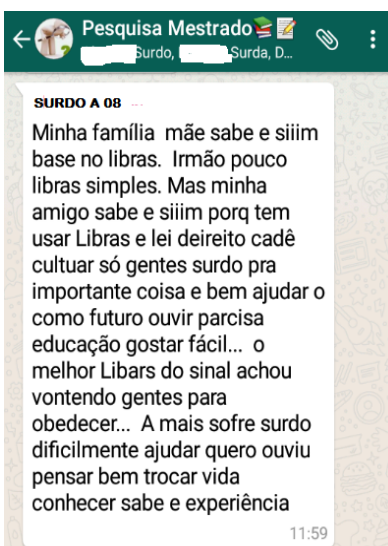
Na imagem a seguir, vemos as enunciações dos surdos em relação ao contato com a sociedade, que não está preparada para conviver com eles. O meio social em que os surdos atuam não oferece condições para que eles desenvolvam sua língua. Dessa forma, é preciso outro olhar para as enunciações que apontam a surdez como motivo da limitação cognitiva dos surdos. Na verdade, a limitação que os surdos possuem está diretamente relacionada às condições de comunicação que são oferecidas a eles.

Embora a sociedade tenha sua parcela de culpa na dificuldade do desenvolvimento da língua do surdo, é a família que mais deixa de exercer seu papel diante dele. Tendo um surdo no meio familiar, ela deveria assumir o papel de incentivadora e propagadora da língua de sinais, por respeito ao surdo de sua família. No entanto, como mostram as enunciações na figura 35, são os familiares os que menos buscam ter essa troca de comunicação por meio da língua de sinais.

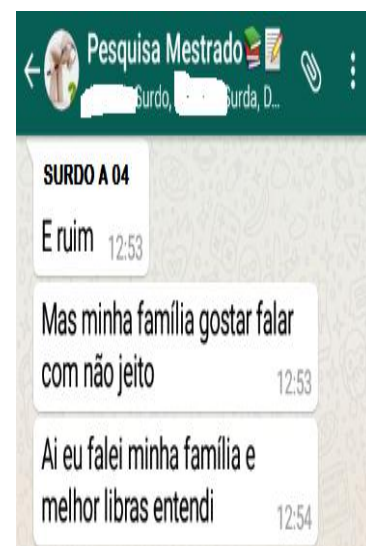
Figura 35-Enunciações surdas Figura 36-Enunciações surdas Figura 37-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).



Fonte: Da autora (2016).

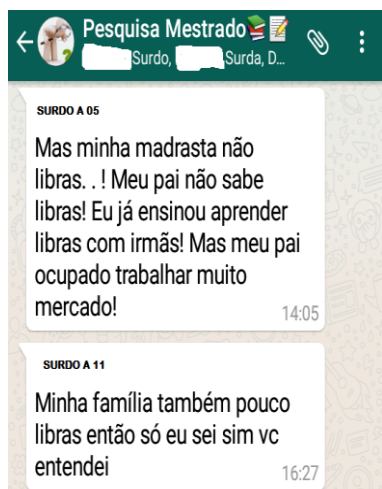


Fonte: Da autora (2016).

Foucault (2006) aponta que há nas enunciações, algo além do que se diz, do que se lê, ou pensa. Sendo assim, pode-se dizer, ainda, que alguns surdos se sentem conformados com a comunicação básica da família: uns ficam tristes com a comunicação restrita, enquanto outros

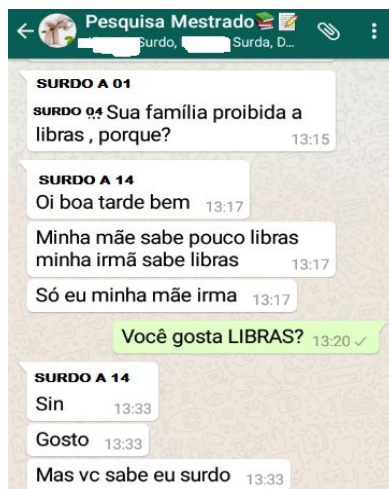
encontram nos afazeres da família a resposta pela falta de interesse em aprender uma forma eficaz de se comunicar com o filho.

Figura 38-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 39-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

As enunciações anteriores são de filhos, irmãos, sobrinhos, netos e enteados que se esforçam para manter um mínimo de interação e comunicação no seio familiar. A tentativa de oralizar e fazer leitura labial faz parte da rotina diária desses surdos, filhos de uma sociedade predominantemente ouvinte. O mito de que todo surdo sabe fazer leitura labial, ou tem facilidade de fazê-lo, vem justamente dessa tentativa de sobrevivência em meio a informações orais com as quais os surdos se deparam.

Em seu depoimento, Strobel (2008, p. 16), que é surda e mãe de filho surdo, relata suas experiências na escola: “[...] procurava ler os lábios, mas após uns 10 minutos os meus olhos começavam a arder, cansavam e eu desistia de prestar atenção nas aulas e ficava ‘olhando para a parede’”. As enunciações de Strobel e dos surdos participantes desta pesquisa contêm os mesmos sofrimentos.

Eu comecei a aprender LIBRAS mais ou menos 5 anos atrás, comecei a comunicar um pouquinho. É porque minha família não gosta de Libras só de falar normal, eu preciso ter paciência, não sinalizam nada só oralizam, só falam. A comunicação com toda a minha família lá do Ceará e daqui de Barra do Garças –MT é só oralizando (SURDO 03).

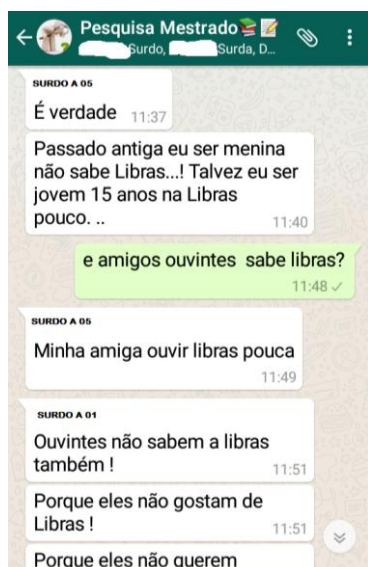
Sabe-se que a família contribui para a construção das relações sociais na vida das crianças e auxilia na transmissão de normas, valores familiares e sociais. E é por meio da

comunicação, normalmente oral, que esses valores e normas são ensinados. Quadros (1997, p. 29) aponta que a criança surda enfrenta obstáculos no desenvolvimento psicossocial, pois “sequer nasce em um ambiente que favoreça o desenvolvimento de sua primeira língua”. Dessa forma, no caso dos surdos, pode haver demora nessa construção de relações durante a infância, pois quando a comunicação não ocorre, como na maioria dos casos de pais ouvintes e filhos surdos, a relação familiar e social do surdo é comprometida devido à falta de comunicação.

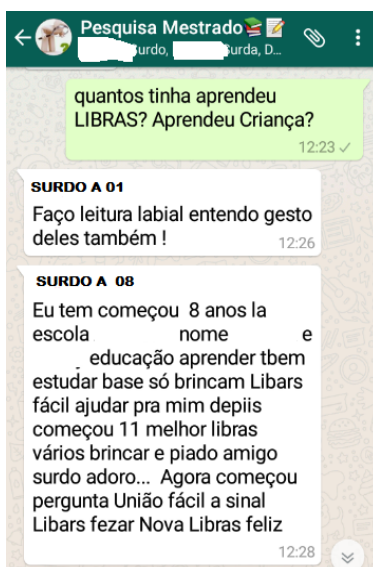
A existência de um surdo na família altera a forma de comunicação entre os familiares, pois a impossibilidade ou dificuldade de ouvir, vai exigir uma mudança de postura para que a comunicação aconteça de alguma forma. A falta de comunicação dificulta a convivência das pessoas em geral, portanto, essa demora ou falta de acesso à língua de sinais compromete o desenvolvimento afetivo e cognitivo dos surdos em especial. Conforme Quadros (2005, p.19), “o domínio de uma língua adquirida em sua totalidade e fluência permite ao ser humano a produção de novos signos, a combinação entre signos e novos sentidos para os signos em jogo, não apenas no processo de comunicação como no processo cognitivo”. Diante disso, é preciso que a família se conscientize a respeito da surdez e que entenda a necessidade do surdo de aprender a língua de sinais, para que possa se desenvolver em todos os campos da vida, seja familiar, escolar e social.

É possível perceber semelhanças entre o relato de Strobel (2008), no qual a autora diz que em um certo período escolar também não teve acesso à língua de sinais, e as enunciações do grupo de surdos pesquisado em relação a esse acesso, também demorado. O contato tardio com a língua oficial do surdo também traz prejuízos para a interação com a família e o mundo. As enunciações a seguir revelam que todos os surdos deste grupo tiveram contato com a língua de sinais após os 7 anos de idade. Alguns relatam que começaram a aprender LIBRAS na adolescência, e outros, já adultos.

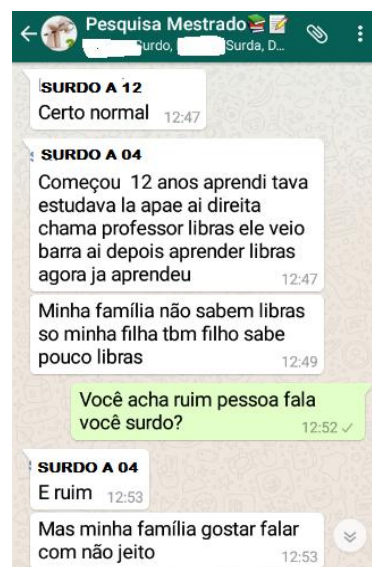
Figura 40-Enunciações surdas Figura 41-Enunciações surdas Figura 42-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

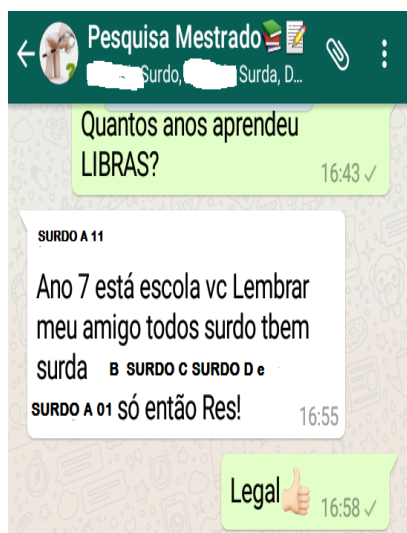


Fonte: Da autora (2016).



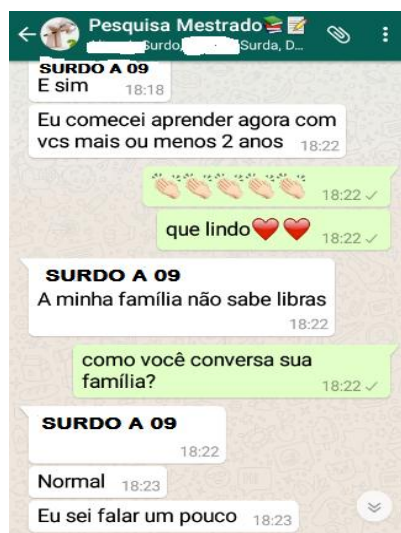
Fonte: Da autora (2016).

Figura 43- Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

Figura 44-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).

De acordo com as enunciações, alguns surdos tiveram contato com a língua de sinais apenas na escola. No entanto, nenhum deles estudou em escolas bilíngues; todos em escolas regulares ou na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE⁹. O fato de a cidade

⁹ Foi então que, no Brasil, essa mobilização social começou a prestar serviços de educação, saúde e assistência social a quem deles necessitassem, em locais que foram denominados como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), constituindo uma rede de promoção e defesa de direitos das pessoas com deficiência

onde os surdos nasceram ou residem não ter escola para surdos é um agravante, afinal, professores das escolas regulares normalmente não dominam a língua de sinais, o que pode proporcionar ao educando surdo um prejuízo em relação ao seu desenvolvimento escolar. Sem dizer que estudar numa escola de ouvintes, para este grupo de surdos, não foi uma escolha da família ou do próprio surdo, mas a única opção que tiveram.

Os surdos também problematizaram, por meio do aplicativo *WhatsApp*, seus sentimentos em relação à sua vida escolar. Houve relatos comoventes de adultos e adolescentes, que já foram crianças em um passado não tão distante, compartilhando que sofriam em escolas regulares, tentando estudar e aprender em um idioma que não dominavam. Um dos surdos, o mais novo do grupo, com idade entre 12 ou 13 anos, disse durante uma das reuniões:

Eu entrei na escola tinha cinco anos, era uma escola da prefeitura. Eles não ensinavam nada de LIBRAS porque era proibido. A professora era mal, ela brigava muito comigo, eu sofria muito, ela queria que eu respondesse e eu não conseguia. A professora escrevia recado para minha mãe, falava que eu era deficiente. Minha mãe então me levou para outra escola, que também era da prefeitura. E nessa escola eu também não conseguia responder as atividades em português, eu não entendia nada oralizado. Então minha mãe pensou, pensou e resolver me trocar de novo de escola. E me colocou em outra escola da prefeitura, e la também era ruim, a professora brigava muito comigo, e eu sofria, chorava muito. A professora me deixava sozinho na sala na hora do intervalo, e sem lanche, mandava eu copiar toda atividade atrasada, eu ficava muito cansado. Eu reclamava de ficar sozinho e ela dizia que eu não tinha respondido nada, que eu tinha que fazer as atividades, tinha que ter responsabilidade (SURDO 01).

Assim como o Surdo 01, muitos deste grupo sofreram com a falta de compreensão e a dificuldade de aprendizagem dos conteúdos dentro das escolas regulares. Strobel (2008, p. 16) tem um relato semelhante a esse. Ela diz : “Enfrentei muitas dificuldades na escola de ouvintes, reprovei várias vezes e sentia muita vergonha por ser a aluna ‘mais velha’ da sala, como se eu fosse uma imbecil e tivesse dificuldade de aprendizagem [...]”. A autora ainda aponta que essa situação a deixava com “complexo de inferioridade e baixa autoestima”, o que lhe trouxe problemas na adolescência. De certa forma, a dificuldade de leitura e escrita na língua portuguesa, enfrentada pelos surdos nas escolas regulares, deixa-os com sentimento de inferioridade perante os colegas ouvintes.

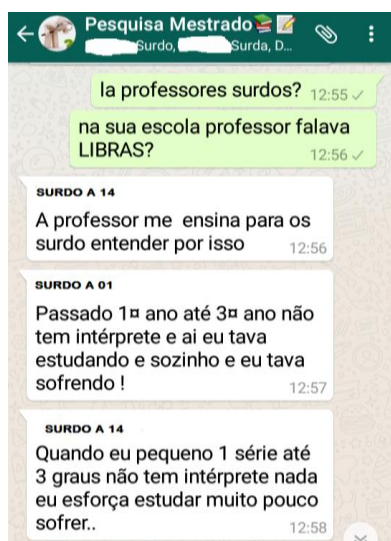
intelectual e múltipla, que hoje conta com cerca de 250 mil pessoas com estes tipos de deficiência, organizadas em mais de duas mil unidades presentes em todo o território nacional. Toda essa mobilização em torno da pessoa com deficiência, impulsionada pela Declaração dos Direitos Humanos, que culminou na criação das APAES e, com a expansão desta iniciativa Brasil afora, convencionou-se a tratá-la como o “Movimento Apaeano” (APAE BRASIL, 2017, texto digital).

Falar na educação recebida pelos surdos atualmente nos espaços escolares, é o mesmo que voltar no tempo e rever todas suas histórias e lutas em defesa de uma educação de qualidade para o surdo. As batalhas enfrentadas pelos surdos, em busca de respeito à sua condição surda e cultural, estão também ligadas a condições políticas e sociais no contexto educacional. Para Foucault:

O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade (FOUCAULT, 1979, p. 14).

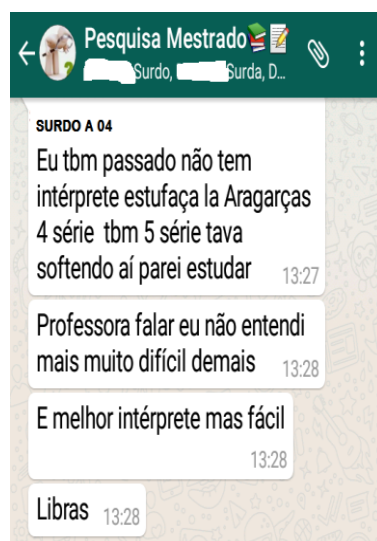
Dessa forma, o povo surdo busca por uma política de verdade, visando a uma política educacional que atenda às suas necessidades reais dentro da instituição escolar. É necessária uma política que compreenda as lutas do povo surdo, respeitando não somente suas individualidades e experiências de vida, mas também proporcionando aos surdos, desde cedo, a possibilidade de adquirir sua identidade e cultura linguística. Nas enunciações a seguir, as histórias do contexto educacional que os surdos do grupo vivenciaram:

Figura 45-Enunciações surdas



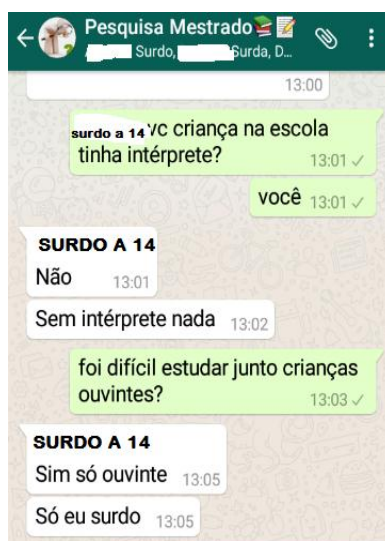
Fonte: Da autora (2016).

Figura 46-Enunciações surdas



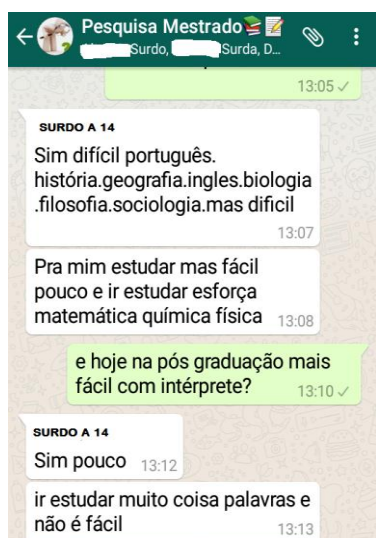
Fonte: Da autora (2016).

Figura 47-Enunciações surdas

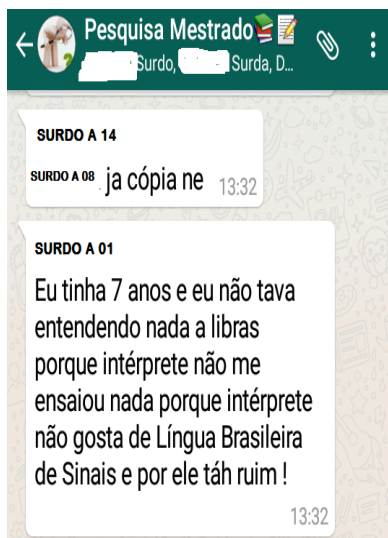


Fonte: Da autora (2016).

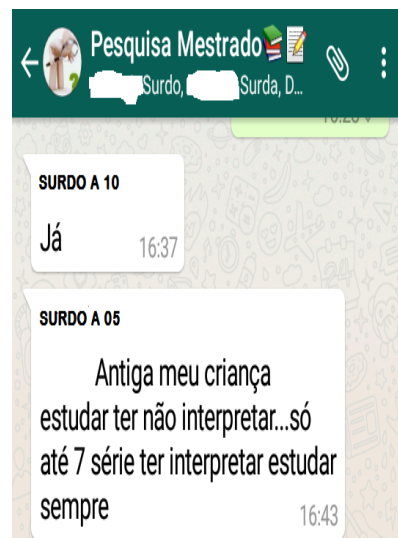
Figura 48-Enunciações surdas Figura 49-Enunciações surdas Figura 50-Enunciações surdas



Fonte: Da autora (2016).



Fonte: Da autora (2016).



Fonte: Da autora (2016).

Embora não tenham estudado em escolas bilíngues, alguns surdos reconhecem a importância dessa oferta na educação, para o público surdo. Para o Surdo 03, “Melhor escola bilíngue para surdo”. Segundo ele, se o professor não usar Libras, o surdo não entende nada. O Surdo 02 disse que na escola bilíngue “o aluno surdo pode aprender em sua própria língua! ”. E que, com o uso dos aplicativos, podem usar sua própria língua. Percebe-se a importância que o surdo dá à possibilidade de se desenvolver e se comunicar por meio de sua língua materna.

No entanto, muitos alunos são incluídos em escolas regulares apenas com a presença de um intérprete, sem que sua cultura e especificidades sejam compreendidas pela comunidade escolar. Como diz Foucault (1979), não se trata apenas de mudar a consciência das pessoas, e sim, a política que foi definida como verdade. Lopes (2011) diz que é preciso repensar as práticas com os alunos surdos, além de olhar para eles de forma diferente - não no sentido de diminuí-lo, e sim, respeitando as suas especificidades. A respeito do ensino ao surdo nesses espaços, Lopes (2011, p. 86) diz que:

[...] não pode ser entendido apenas no âmbito das práticas cotidianas, de metodologias, de ter ou não ter domínio de um vocabulário em língua de sinais; ele nem mesmo pode ser entendido como sendo uma inclusão simplificada de conteúdos sobre a história surda, sobre a língua escrita dos surdos, etc. Um currículo surdo exige que nós pensemos na nossa capacidade de olhar para os surdos colocando-os em outras tramas, que não aquelas atreladas às pedagogias corretivas.

Atualmente as políticas educacionais defendem a inclusão educacional como forma de atender a todos, independentemente de sua deficiência ou condição, no mesmo espaço físico,

ou seja, dentro das salas de aula regulares. O modelo de educação inclusiva visa oportunizar o respeito às diferenças e limitações dos alunos inclusos. Outra aposta dessa política educacional é de que, quando todos frequentam o mesmo espaço, a aprendizagem ocorre de forma natural e oportuniza o despertar do respeito e da tolerância às diferenças na comunidade escolar.

No entanto, para Lopes (2011) ainda há muito o que refletir a respeito da inclusão do surdo na escola regular, principalmente em relação à cultura surda nessas instituições. Em relação ao ensino para o surdo, a autora aponta a necessidade de avaliar os currículos e repensá-los de acordo com as especificidades do ser surdo.

5 REFLEXÕES

No trabalho que desenvolvo com um grupo de surdos observei como eles buscam se integrar na sociedade, a qual chamam de ouvinte, explorando todo recurso que os aproxime dos seus semelhantes e dos ouvintes. Sendo assim, decidi investigar de que forma os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* poderiam contribuir para a interação social e comunicação dos surdos. Mas, ao concluir esta investigação, afirmo que ainda há muito a explorar a respeito dos sujeitos surdos.

Em geral, os surdos são prejudicados em sua vida social, familiar e escolar por falta de comunicação. Junta-se à limitação em se comunicar, a falta de conhecimento em relação à cultura surda por parte dos ouvintes. Dessa forma, as ferramentas digitais disponíveis para comunicação e interação, assim como o relacionamento entre os surdos, acabam por contribuir para que eles possam interagir com suas famílias, amigos e outros de forma mais efetiva, e possam aprender a respeito da vida, da sociedade, dentre tantas outras coisas.

Constatei que as tecnologias digitais contribuem de forma eficiente para interação e aprendizagens do grupo aqui pesquisado. Muitos surdos usam os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* em vários momentos do seu dia, com pessoas surdas e ouvintes, sempre buscando se comunicar e interagir pelos aplicativos, mesmo com surdos de outras cidades. Para Pampanelli (2004, texto digital), com essas ferramentas surgiu “um novo meio, ele proporcionou o surgimento da cultura social do “estar junto”. A tecnologia aqui media e reúne indivíduo com indivíduo[...]”. Por meio do uso dessas tecnologias digitais, os surdos podem, além de interagir com todos os seus contatos, ampliar seu conhecimento em diversas esferas, e se manterem informados sobre os assuntos que os atraem.

Embora os surdos tenham apontado a dificuldade em compreender algumas palavras em português, assumiram que, nesses momentos, pedem ajuda para quem está próximo. Isso não só amplia seu vocabulário da língua portuguesa escrita, como também desperta curiosidade

a respeito dos significados das palavras, o que acaba contribuindo para minimizar as dificuldades que encontram na língua portuguesa.

Dessa forma, aprendem a leitura e escrita da língua portuguesa de forma natural e facilitada, pois, através do uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo*, os surdos fazem buscas, discutem e se informam sobre os mais diversos temas. A pesquisa realizada com o grupo de surdos mostrou que eles possuem condições de manter uma discussão sadia e rica em informações, que buscam se posicionar, e têm opinião a respeito dos mais diversos assuntos.

É possível pensar que as aprendizagens adquiridas nos espaços informais podem auxiliá-los ou prepará-los para outras aprendizagens em espaços formais tendo em vista que, frequentemente acabam sendo alfabetizados tardiamente. A falta do ensino em sua língua e a demora ao acesso de informações cotidianas os fazem parecer aquém dos acontecimentos a sua volta.

Dessa forma, em muitos casos, chegam à adolescência com um conhecimento de mundo restrito, apenas aquilo que conseguem compreender visualmente, sem a efetiva participação de outros indivíduos. Contudo, espera-se que esse fator de demora ao acesso de informação mude gradualmente, graças às tecnologias digitais que possuem uma infinidade de possibilidades visuais como vídeos e imagens que contribuem para o esclarecimento de variados assuntos para os surdos.

Os aplicativos utilizados nesta pesquisa têm demonstrado ser também potencializadores de aprendizagens. O uso do *WhasApp* e do *Imo* traz ao surdo a possibilidade de aprender por meio de trocas de experiências, bate papos e pesquisa. Tanto o contato com as pessoas fluentes em Libras, como o uso dos aplicativos *WhasApp* e *Imo* disponíveis nos *smartphones*, contribuem para que o surdo amplie seus conhecimentos sobre diversos assuntos. Ademais, usam as ferramentas digitais para pesquisas e posteriormente problematizam os resultados de suas buscas por meio de sua língua.

Os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* surgem, então, como potencializadores de interação social e familiar dos surdos. Stumpf (2010, p. 05) explica que fazer uso de uma ferramenta de bate-papo para “encontrar os amigos é uma experiência que os ouvintes apreciam e, muito mais os surdos, porque para a maioria deles essa atividade permite fazer contatos com seus pares, coisa que a maioria não teve oportunidade de fazer durante todo o dia”. Sendo assim, esses aplicativos facilitam a comunicação entre os surdos e ouvintes, mesmo com aqueles que não conhecem ou não dominam sua língua de sinais, a LIBRAS.

Os surdos do grupo usam os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para promover encontros presenciais entre eles, tirar dúvidas, conversar ou ter notícias da família, além de usá-los como

entretenimento e meio de comunicação com pessoas surdas e ouvintes de vários lugares diferentes. O uso dos aplicativos permite que os surdos se mantenham em constante contato, sem deixar de lado sua cultura e suas especificidades. Ali, do outro lado do *Smartphone*, o surdo é ele mesmo, sem vergonha de se expor.

No entanto, embora tenha compreendido que o uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* aproximam os surdos uns dos outros, e também dos ouvintes, pude perceber que o ato de se encontrarem pessoalmente é uma atividade indispensável para os surdos. Juntos, se reconhecem como iguais, se expõem de maneira natural e mostram ter orgulho de sua cultura. Quando vivem isolados, se sentem diferentes, não reconhecem sua própria identidade, ficam retraídos, envergonhados e se sentem inferiores aos ouvintes que os cercam.

Eu era revoltada com a minha condição de surdez, não aceitava a surdez achando que era castigo de Deus e me isolava, isto ocorria porque a escola oralista não me permitia ter identidade surda, procurando fazer com que eu aprendesse e fosse igual às pessoas ouvintes - minha mãe ficou preocupada com a minha revolta e isolamento e ao se informar a respeito do povo surdo descobriu a existência de uma associação de surdos e me levo lá quando eu tinha 15 anos. [...]

Só quando eu tive acesso à língua de sinais na adolescência, depois de muito sofrimento e de negação da surdez, é que eu pude construir a minha identidade surda e com isto abriram-se as portas do 'saber' sobre o mundo e, só aí, comecei a compreender as coisas (STROBEL, 2008, p.17-18).

A autora mostra o quanto estar pessoalmente presente entre os surdos a fez diferente. O contato físico entre os surdos oferece a eles possibilidades de ampliarem seus vínculos, se sentirem pertencentes a uma cultura diferente e não diminuída. Os encontros presenciais entre eles se tornam quase uma obrigação, pois, nesses encontros, todos se reconhecem na história de vida do outro.

Ao ler as enunciações surdas e refletir sobre elas compreendi que a história de vida dos surdos é muito semelhante. Começam não se compreendendo quando crianças, depois percebem que há algo de diferente entre eles e a família, a escola e a sociedade ouvinte. No período escolar, sofrem por não terem sua cultura respeitada e, alguns já adultos, ainda tentam oralizar com a família, que não sabe se comunicar por meio da língua de sinais. Acredito que o estilo, ou modo de vida os une, pois são esses surdos, os não compreendidos, que se compreendem, se completam quando estão juntos.

Percebi que precisam estar juntos para se sentirem capazes, úteis, fortes e felizes. Para Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 86), “Ter o próprio surdo como *o outro* significa buscar nele a possibilidade de que ele mesmo sirva como referente, capaz de informar àquele que olha e se olha, sobre (o que é) a condição *ser surdo*”. Talvez o fato de poderem conversar sobre assuntos

diversos de uma forma que todos entendam, seja o motivo maior da necessidade que têm de se encontrar. Os encontros informais proporcionam uma experiência de vida, um aprendizado concreto do que é ser e viver a cultura surda para esse grupo. Os autores ainda apontam que:

Não é característica própria dos surdos querer viver com seus pares em comunidade, mas é característica surda - pelo menos neste momento histórico brasileiro e pelo menos nas grandes cidades, em que os surdos precisam estar fortalecidos para reivindicar seus direitos nas diversas instâncias sociais, jurídicas, educacionais etc. –destacar a vida em comunidade como uma prática social que marca a necessidade de estar entre amigos. Fortalecem-se as narrativas entre os surdos que produzem fronteiras, que dividem a sociedade entre amigos e inimigos, entre simpatizantes da cultura surda e não-simpatizantes (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 89).

Ainda há muito que se conhecer a respeito dos surdos e sua cultura. No entanto, percebo que existe uma aceitação maior. Talvez a palavra aceitação não seja a mais adequada, porém acredito ser a que melhor defina a postura dos “não simpatizantes da cultura surda”. Dessa forma, estar entre aqueles que formam sua cultura e contribuem para a compreensão da sua identidade é, provavelmente, a escolha mais coerente para os surdos. E, quando começam a se encontrar, são fiéis aos seus.

A respeito dos encontros informais do grupo de surdos aqui pesquisado, posso dizer que, para muitos deles, essas reuniões informais começaram como a luz no fim do túnel, ao menos para aqueles que viviam sozinhos e isolados da sociedade. Foucault (2008, p.55) diz, “[...] por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva”. Assim, ali, junto aos seus, aprendem e desenvolvem sua língua, têm acesso a informações importantes como: cursos, empregos e leis. Enfim, tudo que querem saber, ou de que precisam, buscam nesses encontros com amigos e pessoas que falam sua língua, e que compartilham sua cultura.

Após finalizar essa pesquisa, aprendi que os surdos fazem uso tanto dos espaços informais como dos aplicativos para ampliar seus conhecimentos, se socializar e se desenvolver como cidadãos críticos e pertencentes à sociedade. Após a conclusão desta pesquisa, seguirei batalhando com os surdos, pesquisando, estudando, me atualizando a respeito dessa cultura e dos artefatos que venham a contribuir para sua vida.

Ponto o quanto o assunto ainda é pertinente. Acredito que seria de suma importância para uma futura tese de doutorado, acompanhar como os surdos usam esses aplicativos em espaços formais de educação, ou seja, quais seriam as contribuições e potencialidades dessas ferramentas nos processos de ensino e de aprendizagem no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ALENCAR, Felipe. WhatsApp é o aplicativo mais usado do Brasil, segundo pesquisa. **TechTudo**, 3 out. 2016. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/12/whatsapp-mais-usado-brasil.html>. Acesso em: 16 out. 2016.

APAE BRASIL. 2017. Disponível em: <<http://apaebrasil.org.br/page/2>>. Acesso em: 02 maio 2016.

ARCOVERDE, Rossana Delmar De Lima. **Os surdos em contexto digital**: o encontro com a palavra escrita em língua portuguesa. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

ARCOVERDE, Rossana Delmar De Lima. Tecnologias Digitais: Novo Espaço Interativo Na Produção Escrita Dos Surdos. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 251-267, maio/ago. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a08v2669>>. Acesso em: 02 maio 2016.

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil**: cenários de mudança. (Livro eletrônico). Campinas, SP: Papirus, 2014.

BESERRA, Ingrid Karla da Nóbrega; MELO, Laura de Arruda; SOUZA, Luiz Henrique Braúna Lopes de. A perspectiva histórica do movimento surdo e a sua constituição como forma de movimento social. In: **COLÓQUIO DE HISTÓRIA: “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio”**, 5, 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.753-760.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016.

BRASIL. Decreto Federal n 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008. Institui o dia 26 de setembro como o Dia Nacional dos Surdos.

BRASIL. Lei Nº 12.319, de 1º de Setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 26 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes_2002/por2678_24092002.doc>. Acesso em: 26 maio 2016.

BROCHADO, Sonia Maria Dechandt; LACERDA, Cristina Broglia de Feitosa; ROCHA, Luiz Renato Martins da. Projeto de pesquisa: Software Glossário de Informática com Aplicação de Libras e de Tecnologia de Captura de Movimento 3D. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, p. 905-908, 2016.

CASTRO, Fernanda G. A. Soares de; CALIXTO, Hector Renan da Silveira. Português Para Surdos e as Tecnologias Digitais. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, p. 870-875, 2016.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

EXPLICATORIUM. Alexander Bell Fundador da companhia telefônica. Disponível em: <<http://www.explicatorium.com/biografias/alexander-graham-bell.html>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

FERNANDES, Maiara Letícia et al. Expertise em administração: design & marketing, o casamento perfeito. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 22, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/30716>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

FERREIRA, Zalboeno Lins. **Uma trajetória das técnicas de comunicação e tendências das telecomunicações**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, jul. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2005a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**, Petrópolis, Editora Vozes, 2005b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

FREIRE, Raquel. Imo: app é um dos melhores para videochamadas. **TechTudo**, 9 set. 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/imo.htm>>. Acesso em: 10 set. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação Formal/Não-Formal**. Institut International Des Droits De L'enfant (IDE) - Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Suíça, out. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, Maria da Glória. A educação não-formal e a relação escola-comunidade. **ECCOS Rev. Cient.**, UNINOVE, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 39-65, dez. 2004.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, Portugal, v. 2, n. 1, 2014.

HILDEBRAND, Hermes Renato. Os Jogos Eletrônicos no Processo de Cognição de Surdos. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, n. 1, 2016.

KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais na Educação dos surdos. In: THOMA, Adriana; LOPES, Maura (Orgs.). **A invenção da surdez II. Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

KARNOPP, Lodenir Becker. **A língua na educação do surdo**. Volume 2. Secretaria de Educação/Departamento Pedagógico/ Divisão de Educação Especial. Porto Alegre, 2005.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Cento de comunicação e expressão. Florianópolis, 2008.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/07.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância: Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Papirus, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2008.

KENSKI, Vani. Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas: Papirus, 2013.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOPES, Maura Corcini; MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. Inclusão de alunos surdos na escola regular. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 69-90, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1601/1484>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 81-100, jul./dez. 2006.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos. In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Annelore Spieker de. **Smartphones e trabalho imaterial**: uma etnografia virtual sobre sujeitos usuários de dispositivos móveis convergentes. 2007. Dissertação (Mestrado em em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12142>>. Acesso em: 04 de abril de 2016.

PAMPANELLI, Giovana Azevedo. A evolução do telefone e uma nova forma de sociabilidade: o flash mob. **Razón y Palabra**, n. 41, 2004. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/gazevedo.html>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PORTAL TELECO, ANATEL. **Estatísticas de celulares no Brasil**. Disponível em:<<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Muller. Situando as diferenças implicadas na educação de Surdos: inclusão/exclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 81-112, 2003.

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2004.

QUADROS, Ronice Muller. **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos – Aquisição da Linguagem**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2008a.

QUADROS, Ronice Müller. **O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas**. 2008b. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABOmIAD/texto65-contexto-escolar-surdo-ronice#>> Acesso em: 30 abr. 2016.

QUADROS, Ronice M.; MASSUTTI, Mara. CODAs brasileiros: LIBRAS e Português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice M.; PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para a eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SILVA, César Augusto de Assis; ASSÊNSIO, Cibele Barbalho. **Setembro Azul: mobilização política nacional a favor das escolas bilíngues para surdos**. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 9, 2011. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1966>>. Acesso em: 05 set. 2016.

SILVA, César Augusto de Assis et al. **Dia do Surdo na Avenida Paulista: Etnografando a Mobilização Política Pelas Escolas Especiais**. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 5, 2009. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1602>>. Acesso em: 05 set. 2016.

SILVA, Osmilto Moreira; SILVA, Vaneide Moreira. **Por uma nova transformação na educação: as contribuições filosóficas de Michel Foucault**. **Interdisciplinar**: Revista Eletrônica da Univar, n. 10, v. 2, p. 96-103, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/31>>. Acesso em 12 ago. 2016.

SPERB, Carolina Comerlato; THOMA, Adriana da Silva. **Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Educação de surdos**. *Textura*, Canoas, n. 25, jan./jun.2012

STROBEL, Karin Lilian. Os desafios da inclusão: uma experiência pessoal. *Revista da Feneis*, Rio de Janeiro, n. 9, 2001.

STROBEL; Karin Lilian. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. **ETD - Educação Temática Digital**, v.7, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=125&layout=abstract>>. Acesso em: 13 dez. 2006.

STROBEL; Karin Lilian. História dos Surdos: representações ‘mascaradas’ das Identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2007.

STROBEL; Karin Lilian **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

STUMPF, Marianne Rossi. Mudanças Estruturais para uma Inclusão Ética. In: QUADROS, Ronice Muller (Org). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância: Florianópolis, 2010.

THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas – “Que drama se desenrola neste Filme? Depende da perspectiva...”** 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. **Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condição de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil**. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, n. 19, p.107-131, ago. 2010.

THOMA, Adriana da Silva; PELLANDA, Maria Campos. **As novas tecnologias como mediadoras nos processos de in/exclusão dos surdos na escola e na sociedade**. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 119-137, jun./dez. 2006.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação**. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf>. Acesso em: 26 maio 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: VORRABER COSTA, Marisa (Org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Disponível em:<<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.1.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Apresentação. In: THOMA, Adriana; LOPES, Maura (Orgs.). **A invenção da surdez II. Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 7-8.

WHATSAPP. Disponível em: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br: Acesso em: 13 maio 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro minha participação na pesquisa denominada Potencialidades e limitações do uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a comunicação de grupo de surdos em espaços informais, efetivada nas reuniões do grupo Sinais do Coração. Declaro também que fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos da pesquisa.

Fui especialmente informado/a:

- a) Da garantia de receber, a qualquer momento, resposta a toda pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida acerca da pesquisa e de seus procedimentos;
- b) Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo a minha pessoa;
- c) Da garantia de que não serei identificado/a pelo nome quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados à pesquisa;
- d) Do compromisso do pesquisador de proporcionar-me informações atualizadas obtidas durante o estudo, ainda que isto possa me afetar;
- e) De que esta investigação está sendo desenvolvida como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino, estando a pesquisadora inserida no Mestrado em Ensino da Univates, RS;
- f) De que as imagens produzidas durante a investigação serão utilizadas apenas para fins de pesquisa acadêmica;
- g) Da inexistência de custos.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a professora Kelli Cristina Freitas Trindade Boldrini, orientada pela professora Ieda Maria Giongo, do Centro Universitário UNIVATES de Lajeado, RS, que poderá ser contatada pelo e-mail igiongo@univates.br ou pelo telefone (51) 3714-7000 ramal 5517.

Local e data

Nome e assinatura do/a responsável

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a participação de meu/minha filho/a na pesquisa denominada: Potencialidades e limitações do uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* para a comunicação de grupo de surdos, efetivada nas reuniões do grupo Sinais do Coração. Declaro também que fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos da mesma.

Fui especialmente informado/a:

- a) Da garantia de receber, a qualquer momento, resposta a toda pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida acerca da pesquisa e de seus procedimentos;
- b) Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isso traga qualquer prejuízo ao meu/minha filho/filha;
- c) Da garantia de que meu/minha filho/a não será identificado/a pelo nome quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados à pesquisa;
- d) Do compromisso do pesquisador de proporcionar-me informações atualizadas obtidas durante o estudo, ainda que isto possa afetar a participação de meu/minha filho/a;
- e) De que esta investigação está sendo desenvolvida como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino, estando a pesquisadora inserida no Mestrado em Ensino da Univates, RS;
- f) De que as imagens produzidas durante a investigação serão utilizadas apenas para fins de pesquisa acadêmica;
- g) Da inexistência de custos.

A pesquisadora responsável pela pesquisa é a professora Kelli Cristina Freitas Trindade Boldrini, orientada pela professora Ieda Maria Giongo, do Centro Universitário UNIVATES de Lajeado, RS, que poderá ser contatada pelo e-mail igiongo@univates.br ou pelo telefone (51) 3714-7000 ramal 5517.

Local e data

Nome e assinatura do/a responsável

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO (Mestrado)

ROTEIRO DE ENTREVISTA

OBJETIVO: Analisar o uso dos aplicativos *WhatsApp* e *Imo* no cotidiano dos surdos, objetivando a transcrição dos dados na construção do projeto final da dissertação.

Nome: _____

Grau de escolaridade: _____

E-mail: _____ Telefone/*WhatsApp*: _____

1. Quais os recursos do *smartphone* você utiliza no seu dia a dia? Cite-os.
2. Você utiliza algum aplicativo específico para surdo? Cite.
3. Você utiliza os aplicativos *WhatsApp* e *Imo*?
4. Os Aplicativos *WhatsApp* e *Imo* ajudam você a comunicação com as pessoas que não compreendem a Língua Brasileira de Sinais? Justifique.
5. Qual recurso do *WhatsApp* você mais gosta e por quê? (Mensagens, criar grupos, enviar imagens, vídeos, local, contatos e áudio, entre outros.)
6. Qual recurso do *Imo* você mais gosta e por quê? (Mensagens, criar grupos, enviar imagens, vídeos, local, contatos e áudio, entre outros.)
7. Quantos grupos você tem no *WhatsApp* e no *Imo*? Tem grupos só de surdos, e só de ouvintes? Quem são os componentes dos grupos?
8. Você acha que os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* ajudam a interagir com sua família e seus amigos? De que forma? Justifique.
9. Em que momento do dia o *smartphone* ou os aplicativos *WhatsApp* e *Imo* mais o auxiliam? Justifique

